

[CONTOS E CRÔNICAS]

OS QUATRO ELEMENTOS

Centro de Letras do Paraná (org.)

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná 

KAN
editora

OS QUATRO ELEMENTOS

OS QUATRO ELEMENTOS

ORGANIZAÇÃO

Centro de Letras do Paraná

Copyright © Centro de Letras do Paraná
ISBN 978-65-86198-51-5
Londrina – PR
1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os Quatro elementos / organização Centro de Letras do Paraná. -- 1. ed. -- Londrina,
PR : Editora Kan, 2025.

Vários autores.

ISBN 978-65-86198-51-5

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Centro de Letras do Paraná.

25-276487

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira B869.308
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Rua José Giraldi, 115
Londrina – PR – CEP 86038-530
Telefone (43) 3334-3299
editorakan@gmail.com

Índice

| | |
|--------------------|---|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
|--------------------|---|

| | |
|----------------|----|
| PREFÁCIO | 10 |
|----------------|----|

CRÔNICAS E SEUS AUTORES

| | |
|--|----|
| APELO - Adélia Maria Woellner | 11 |
| AZUL - Andréa Motta | 13 |
| OS QUATRO ELEMENTOS - Andrey Luna Giron | 15 |
| FOGO - Angelo Batista | 17 |
| 2020, UMA ODISSEIA NA PISCINA - Anita Zippin | 19 |
| LEMBRANÇAS - Antônio Vicente Pereira Filho | 24 |
| O DIA PRIMEIRO DA TARTARUGA - Arlineu Ribas | 27 |
| ÁGUA - Arnaldo Dumsch | 29 |
| HOH - Arriete Rangel de Abreu | 32 |
| REFLEXÕES - Carlos Moritz Vicente Gomes | 34 |
| ÁGUA, CINEMA E BERROS - Cassia Cassitas | 36 |
| O FURACÃO ZETA - Cirus Itiberê da Cunha | 39 |
| A TERRA VOLTOU A SER CURADA - Cyroba Braga Ritzmann | 42 |
| NO PRINCÍPIO - Daniel Maurício | 45 |
| ELEMENTOS VITAIS - Di Magalhães | 47 |
| ÁGUA É VIDA! - Edelar Prohmann | 49 |
| ÁGUA - Ediméia Barreto da Silva | 51 |
| A VIAGEM DOS QUATRO ELEMENTOS - Eduardo Manoel Araujo | 52 |
| O PLANETA-ESCOLA - E. E. Soviersovski | 54 |
| O QUE SOMOS? - Elieder Corrêa da Silva | 57 |

| | |
|--|-----|
| A ÁGUA, ESSA MARAVILHA! - Emanuel Mascarenhas | |
| Padilha | 59 |
| O NARIZ: UM SUTIL PERFUME PAIRA NO AR - Gilka | |
| Correia | 62 |
| TUBARÃO À VISTA - Iolanda Tecla da Silveira | 65 |
| INSPIRADOS PELO FOGO - Isis Ribas Busse | 68 |
| O FOGO NA MINHA VIDA - Janske Niemann Schlenker | 69 |
| OS (NOSSOS) QUATRO ELEMENTOS - Jefferson | |
| Dieckmann | 70 |
| EU E O NADA...OU O TUDO - Joana Rolim | 71 |
| OS QUATRO ELEMENTOS - João Bosco Strozzi | 74 |
| “SENHOR CHAPÉU DE CHUVA” - José Maurício Pinto | |
| de Almeida | 77 |
| OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA - Kazuco | |
| Akamine | 79 |
| “DEVE HAVER ALGUMA COISA NOS LIVROS” - Leilah | |
| Santiago Bufrem | 81 |
| MEUS RIOS - Lilia Souza | 85 |
| O ELEMENTO TERRA, ESTE SER VIVO - Lira Agibert | 87 |
| A SUBLIMIDADE DA ÁGUA COMO ELEMENTO VITAL - | |
| Luís Renato Pedroso | 89 |
| UMA CRÔNICA ELEMENTAR: ÁGUA - Madalena | |
| Ferrante Pizzatto | 91 |
| VOCÊ DORME NA VENTANIA? - Marcos de Lacerda | |
| Pessoa | 93 |
| O CHORO SECO - Maria da Graça Stinglin de Araújo | 96 |
| MARIA - Maria do Rocio Vaz | 97 |
| OS QUATRO ELEMENTOS - Maria Eliana Palma | 99 |
| ÁGUA – BEM DIVINO - Maria Inês Botelho | 102 |
| ÁGUA, PRECIOSA ÁGUA - Maria Teresa Marins Freire | 103 |

| | |
|---|-----|
| MERCADOS AO MAR - Marli Voigt _____ | 106 |
| ESCREVENDO NAS ROCHAS - Nair Rodrigues de Carvalho _____ | 108 |
| REINVENÇÃO! - Neumar Carta Winter _____ | 109 |
| VIDAS FLUTUANTES - Ney Fernando Perracini de Azevedo _____ | 111 |
| SOLDADO DE PAPEL - Otávio Bressani _____ | 114 |
| TERRA AMEAÇADA - Paulo Gomes _____ | 115 |
| INFÂNCIA NO INTERIOR - Pedro Ricardo Dória _____ | 118 |
| A PEQUENA ALICE - Reny Bispo de Jesus _____ | 120 |
| TRANSFORMAÇÃO - Rita Delamari _____ | 123 |
| MOMENTOS DE VIDA - Rô Caron _____ | 125 |
| CONVERSA ELEMENTAR - Romualdo Vicente de Ramos _____ | 127 |
| UM DIA PELOS CANAIS DE AMSTERDAM - Simone Kronland _____ | 128 |
| ENTREGAR-SE PARA SE INTEGRAR - Teresa Teixeira de Britto _____ | 131 |
| QUATRO ELEMENTOS - Ubiratan Lustosa _____ | 132 |
| SEM ELES NADA EXISTIRIA - Valéria Borges da Silveira ____ | 134 |
| ÁGUA, UM BEM FINITO! - Vânia Maria Souza Ennes ____ | 136 |
| A ÁGUA - Zélia Sell _____ | 139 |
| A ESSÊNCIA - Zuleima Magaldi _____ | 142 |
| BIOGRAFIAS DOS AUTORES _____ | 144 |

Os autores buscaram inspiração nos quatro elementos clássicos da natureza – terra, água, fogo e ar – para abordagem singela e descontraída, própria da crônica. Resultou obra que enseja visões diversas da inserção humana na natureza.

APRESENTAÇÃO

A Diretoria do Centro de Letras do Paraná decidiu apresentar proposta ao concurso Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias, por entendê-lo como oportuna e auspiciosa iniciativa, em momento difícil para a cultura brasileira, fortemente afetada pela pandemia.

A Lei Aldir Blanc, que propõe ações emergenciais destinadas ao setor cultural durante o estado de calamidade pública, no Paraná possibilita a adoção, entre outras, de medidas de apoio à publicação de livros de autores paranaenses ou radicados no Estado.

A premiação oferecida pelo Governo do Paraná, por intermédio da Secretaria de Estado da Comunicação e da Cultura – Superintendência Geral da Cultura, representa importante estímulo à produção literária e à leitura.

Procurando organizar obra de especial relevância, o Centro de Letras do Paraná optou por coletânea de crônicas, abrindo espaço para participação dos seus membros. Observe-se que, assim, a entidade dá sequência ao seu trabalho de revelação e divulgação de autores locais, que já apresenta resultados concretos, como, por exemplo, o livro *Cronistas do Centro de Letras do Paraná*, lançado em 2018, com apoio da Lei Rouanet, reunindo obras de 61 autores.

Pela oportunidade de publicação de *Os Quatro Elementos: Crônicas*, que conta com prefácio da Professora Chloris Casagrande Justen e textos de 59 autores, a Diretoria e os membros do Centro de Letras do Paraná agradecem.

Ney Fernando Perracini de Azevedo

Presidente do Centro de Letras do Paraná

PREFÁCIO

O Centro de Letras do Paraná, denominado pelo Presidente Emérito, Desembargador Luís Renato Pedroso, como a segunda casa de todos nós, hoje presidido brilhantemente pelo Dr. Ney Fernando Perracini de Azevedo, novamente possibilita a seus associados a expressão escrita através de crônicas, cujo tema comum, “Os Quatro Elementos da Natureza”, foi escolhido pelos seus membros em reunião virtual.

Tema oportuno durante o período pandêmico, em que, se o recolhimento foi imposto, a clausura foi vital para a busca da essência do argumento proposto.

A profundidade das reflexões conduziu os autores a diversas abordagens, gerando belíssimas crônicas, cujo conteúdo deixa claras as marcas indeléveis gravadas pela época que a humanidade vivenciou.

Parabéns aos cronistas pela criatividade e talento, parabéns ao Centro de Letras do Paraná pela edição desta significativa obra, produzida em tempos tão difíceis, que ficarão marcados na história da humanidade.

Chloris Casagrande Justen

Presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura

APELO

Adélia Maria Woellner

Parece loucura, mas juro que ouvi isto tudo. Era uma voz forte, ainda forte, mas que, parece, aos poucos, ia enfraquecendo. Voz de mulher, que dizia: este é meu apelo. Estou cansada. Há muito tempo estou tentando dizer isso, mas vocês não me compreendem. Não entendem mais a minha língua. Às vezes brota do meu peito um suspiro lento, profundo... Vocês se assustam, perguntam para seus doutores o que está acontecendo; culpam uns aos outros, e nem percebem que é só o meu suspiro de cansaço. Vocês vedam tantos poros meus com as suas experiências e construções, que a minha transpiração é impossível. Por isso, essa parte do meu corpo fica doente e exala odor que vocês não gostam. Então vocês procuram mil recursos para encontrar soluções. Assustam-se, acusam-se uns aos outros e continuam sem perceber que são só os meus poros obstruídos... Vocês rasgam minha pele, revolvem minhas entranhas sem piedade, fazem-me engolir tantos líquidos, pós, misturas várias, para que meu ventre produza mais e mais, e sempre mais, do jeito que vocês querem, as coisas que vocês querem, na quantidade que vocês querem e quando vocês querem. E nunca se perguntam se é isso que eu quero ou posso gerar. E sem a mínima consideração ao meu ciclo de gestação, tanto do que lhes dou vocês destroem ou deixam apodrecer, porque não mais lhes interessa. Pra vencer meu cansaço, a febre que arde em mim e as dores do meu corpo exaurido, acomodo-me para permitir que os cortes cicatrizem. Movimento-me e, então, vocês se assustam, correm desesperados e se afligem procurando razões e soluções. Vocês não sabem, mas a minha família é imensa, infinita, bem maior que a de vocês. Meus parentes me mandam auxílio, mas também já estão cansados de tolerar as

atitudes de vocês, que agem como crianças teimosas. Olho para meus inúmeros irmãos e, às vezes, não aguento e choro. Choro muito. Minhas lágrimas são tantas, porque precisam limpar meu corpo de todas as suas dores. Vocês, então, continuam se assustando, desesperando-se, acusando-se uns aos outros, procurando culpados, por causa dessa abundância de choro. Não há culpados... mas todos são responsáveis. São todos responsáveis pelos meus suspiros, minha febre, movimentos e lágrimas. Mas vocês não compreendem mais a minha linguagem. Esqueceram o significado dos meus sinais. E são tantos os que lhes envio... Por isso, o meu apelo, agora: parem um pouco. Olhem pra mim, com atenção. Percebam que estou contendo, com muito esforço, minha vontade de gritar e soluçar... e isso iria assustar e desesperar vocês muito, muito mais... Lembrem-se: sei ser amiga, hospitaleira, companheira e mãe generosa. Basta que vivam em harmonia comigo. Amo vocês, apesar de tudo.

A voz ficou fraca, mas ainda deu para entender quando ela me disse que se chama Terra.

AZUL

Andréa Motta

Intempestivo o azul
julgou ser na busca, a sina.
Entremeio de sombras e luz de
duvidosa intensidade.
Malsinado o sonho migrante,
tudo persiste exatamente igual.

Andréa Motta

É janeiro, época em que o sol brilha com intensidade e o céu adquire a tonalidade sorridente de um azul leve. Hoje, no entanto o dia acordou um pouco diferente, não menos belo, mas diferente. O céu tem aquela tonalidade profunda do azul invernal dando a impressão de um quadro pincelado a óleo, onde árvores, edifícios, tudo enfim, é engolido e só resta o azul, em meio a uma descomunal sinfonia de pássaros gorjeando.

O cenário me faz lembrar, por alguns segundos, de um tempo distante escondido num canto qualquer da memória; uma passagem por um campo de concentração hoje coberto por girassóis, como se fosse possível o amarelo escamotear a dor daquela terra putrefeita. Esta visão é consumida pelo veloz vai e vem de carros na avenida e o cenário invadido pelo cheiro de borracha queimada que exala do asfalto. Mas, ainda assim, na tela natural sobressai-se a profundidade do azul.

Nem mesmo o caminhar apressado das pessoas altera o panorama... nem poderia. Elas sequer dão-se conta das flores que germinam nos canteiros centrais; como poderiam perceber os mistérios do azul? Não veem nada, não sentem nada além da cor de seus próprios umbigos. Como perceberiam, na magnitude do azul, crianças de olhar faminto sentadas na sarjeta à espera de um pedaço de pão, de um afago?

Aos poucos o azul ganha a tonalidade superficial do verão e a introspecção humana invade a terra.

OS QUATRO ELEMENTOS

Andrey Luna Giron

A vida, precioso tesouro, floresta cósmica de ilimitados seres, que em seus destinos inexoráveis flutuam na nave infinita do cosmos, real, brilhante e enigmático, parece às vezes ofuscada em barbáries.

O homem que surge no lapso ínfimo de tempo dentro desta majestosa e fluida eternidade, nesta nave vital, parece ter esquecido de ofertar sua gratidão, mas está assim mesmo arraigado com pés firmes na terra, com seu sopro mortal em cada átimo, nutrido pelas águas geradoras e puras que sustentam suas raízes e seus grãos sagrados e forjado em seu fogo estelar, sendo ele próprio pó e filho de estrelas, ouro forjado no fogo.

A visão dos quatro elementos dos antigos povos é embrião de ciência e visão filosófica, mas sobretudo é produto de sabedoria e vislumbre de uma unicidade do ser com o todo. Tal visão contempla as partes, mas também estabelece o vínculo de unicidade, o continuum da perene luta humana da criação do cosmos em meio ao caldo do caos. A descoberta desta harmonia celeste que reverbera na alma, no corpo e no ambiente, na música do infinito potencial humano que colhe o brilho que é universal em cada individualidade abarcada no momento, é o oceano da vida que vibra no ser em ondas poderosas que não cessam.

A humanidade perde por vezes este senso da valoração da vida como preciosa em si, em sua dinâmica dança com o Universo, dança que colhe dos elementos seus valores reais e eternos; o belo, a benevolência e o senso de justiça, contemplando outros valores desagregadores, valores isentos da Sofia, a benévola mãe da filosofia.

Como disseram os sábios, se somos o todo, fazendo o mal

para outro ou para o ambiente, estamos criando a causa para nossa infelicidade, daí a ruptura dos 4 elementos representar a geração da queda e desarmonia.

Por outro lado, o respeito à dignidade da vida gera a música das esferas, que ressoa por todo o espaço, o perpetuum mobile de avanço e criação de valores que nutrem a essência ou quintessência (o quinto elemento dos antigos) para uma existência virtuosa e plena.

Assim, vencendo a tensão e unindo sob o olhar a harmonia mais plena, o benefício concede ao homem seu pulsar de brilho invicto, a lapidação de sua joia vital que abarca o todo, guardando e protegendo em seu peito a harmonia dos elementos, que indicará a verdadeira natureza de semear com as próprias mãos sua suprema ventura e missão, como ser único de pertencer e ser a própria vida sem limites.

FOGO

Angelo Batista

A noite passada não foi nada tranquila para mim. Como cantou Chico Buarque, “Foi um Sonho Medonho”. Acordei sobressaltado e com a sensação de fogo nas sobrancelhas e nos cabelos. Sentei-me na cama, confesso que trêmulo e até suando.

O dia clareava e não foi difícil entender a motivação do sonho. Além da pandemia do Coronavírus que assola o mundo, vivemos também gigantescos incêndios em várias partes do globo terrestre. Na Selva Amazônica o fogo se alastra e destrói o pulmão do mundo; na região Centro Oeste, matas, relvas e banhados são igualmente dizimados pelo fogo. Animais fogem em busca da própria salvação, alguns não conseguem escapar do seu cruel destino e morrem sacrificados pelo fogo, outros escapam lesionados, enquanto outros são mortos pelas rodas dos veículos que cortam as rodovias do Pantanal.

Não só o Brasil vive sob esse terror; muitas outras partes do mundo sofrem da mesma tragédia, com destaque para a região oeste dos Estados Unidos, Los Angeles e seus luxuosos bairros. É o mundo sob o terror do fogo.

Este pesadelo me levou a outro, que aconteceu ainda no início da minha juventude. Eram os idos de 1963, o Norte Paranaense pegou fogo em grandes proporções. Cafezais, matas, pastos, hortas e a lavoura branca também foram queimados. Nas fontes a água secou, nos rios o nível das águas baixou tanto que os peixes morriam com a consequente falta de ar. Não foi nada fácil esse momento da minha vida e de todos daquela época.

Agora, refletindo sobre o sonho que acabei de sonhar, lembro-me com clareza de ter notado, entre a fumaça, aquela conhecida imagem de um nosso ancestral tentando e

finalmente conseguindo fazer fogo na relva seca por meio do atrito na pedra. Naquele momento, a vida na Terra melhorou. Com o fogo tudo ficou mais fácil, embora não demorasse para aquele nosso antiquíssimo parente perceber que o fogo é bom e necessário, mas precisa ser controlado.

Uns bons goles de água me acalmaram o espírito. Indo até a sala, liguei a televisão e lá estava o tema do momento, o fogo queimando tudo. Aí, eu já não sabia se estava acordado ou se ainda sonhava.

2020, UMA ODISSEIA NA PISCINA

Anita Zippin

Pelo título, lógico que nos remetemos a 2001, *Uma Odisseia no Espaço*, filme que marcou época e foi pioneiro no cinema, no que se refere a efeitos especiais. De brinde, bela trilha sonora.

Aqui é 2020! O que será? Ano? Deixemos o leitor pensar. Contarei, contarei.

Resolvi praticar natação há 15 anos, sempre 500 metros por hora, ou por aula, 600, 800 e, quando completei 1000 metros, fiz festa com a família que sempre me apoia e, muito mais: ao me verem sem faltar uma aula sequer, aplaudem.

De lá para cá fui criando coragem e, sim, em pouco mais de uma hora, consegui o marco de 3000 metros, e assim fiquei por algum tempo. Para mim, estava de bom tamanho - academia no bairro Cabral, em Curitiba.

Mudei de endereço e fui procurar por perto algo que me agradasse e onde eu pudesse dar continuidade ao esporte de que tanto gosto, que tanto me faz bem.

Encontrei a Sociedade Thalia. Sim, aquela que, quando eu era menina, me levou às aulas de balé clássico, com o professor Tadeu Morozowski. E lá fiquei, mesmo sem apreciar a dança, por longos 7 anos, até que, adolescente, minha mãe me libertou. Mas, sempre brincava, ao menos, se eu cair ao chão, vou cair com classe. E muito aprendi em disciplina, em amizades, etc.

Agora voltei ao tradicional Thalia, no coração da cidade. E me encantei com a piscina de 25 metros. Decidi me tornar sócia, assim não mais ficaria dependendo de horário de aula. No antigo Cabral, sem notar que eu queria ficar um pouco mais na piscina, o professor docilmente dizia: "Já acabou, não é? Pode ir tomar banho".

Criei um desafio para mim. Se lá estava fazendo 3000

metros, folgadoamente, vou pular para 4000 metros, de imediato. Sabem que meu corpo até gostou? Acho que já sentia o ritmo meio monótono, e aceitou minha decisão. Quantas vezes por semana? Acho que 3. Sim, 3, mas sem falhar, quer fizesse frio, quer caísse chuva ou até mesmo se estivesse com resfriado.

E comecei a contar: ida e volta na piscina, 50 metros. Fazendo 80 vezes, completaria fácil a minha meta. Os 4000 metros que iriam para meu bloco de anotações. Esporte quase que solitário; um “bom dia” ao chegar e um “bom dia” ao sair, porque sempre pela manhã. De 7 e meia até as 10 horas da manhã, terças, quartas e sextas-feiras.

Meu corpo gostou e, mais, a minha mente! Fico a fazer terapia comigo. Por certo tem a explicação da endorfina, serotonina e outras boas substâncias que o corpo libera com o esporte. É um tal de recordar, de construir castelos de areia, de querer modificar o mundo, de escrever crônicas e sonetos, de rever amigos antigos e até imaginários. Quando saio para o vestiário, menos, menos. E, algum tempo depois, tudo volta ao normal. Como se eu acordasse de um belo sonho.

Quando marquei 800 quilômetros, contei a meus colegas de Academia de Letras José de Alencar, e João Carlos Bonat fez um trabalho lindo que tenho aqui agora, a me olhar, enquanto coloco no computador meu sentimento. Ele pintou uma Anita atleta chegando ao Rio e, no meio das ondas, Carlos Drummond, em estátua, a me receber. E o Pão de Açúcar a sorrir.

Mais um incentivo para que eu continuasse a acordar cedo, nadar, marcar e nunca desistir.

Assim, em 3 anos de natação no mesmo clube, completo neste 2020 a marca dos 2020 quilômetros. Nem precisam fazer conta, dá a média de 700 quilômetros por ano. Como? Quatro mil metros em duas horas; 500 metros a cada 15 minutos. E assim cheguei a tanto, sempre estilo costas. Minha escolha. Pé de pato, mão de pato, *snorkel*? Para mim, não. Estou na natação, não em pesca submarina.

Como os colegas não ficam a nadar comigo por duas horas - sou a única a ficar lá tanto tempo -, alguns me perguntam: só nada costas? Eu conto que sim, mas nos últimos 500 metros pratico *crown*, ou seja, de bruços, para quem não conhece, tudo para alongar. Dou algumas espreguiçadas na água, meu contato com este precioso elemento e... vida nova!

Poderia citar colegas mil, mas ficarei com os mais marcantes ou com mais afinidade: Edson Misiak, engenheiro, Paulo Akira, filósofo, Carlos de Carvalho, professor, Carlos Kaminski, Juiz do Trabalho, Zeno, Jean Almeida, advogado, Marcelo Fernandes, Cida e Rose, que com doçura nos dão as chaves da felicidade. E, meus maiores exemplos, os gêmeos Roberto Campos, médico, e Rafael Campos, empresário. Estes dois, chova ou faça sol, sábado e domingo, estão sempre das 6 e meia até as 8 horas, sem qualquer mudança. Se eles trocarem de raia, aí sim a gente se perde - de tão belos, queridos e educados. Agora, volto a falar do Edson, nosso Esther Willians, que desliza na mesma piscina há 40 anos. Viu os gêmeos crescerem e é nosso ícone maior. Por que percebo tudo isto? Um pouco, por conta do lado de jornalista, de querer investigar; e outro, fruto da boa amizade na natação. Gente que gosta da gente.

Pensei que os papos entre amigos, colegas de Academia ou de Tribunal de Justiça, também ministrando alguma palestra e falando de minha experiência, estivessem fora de moda. Vejam,   a gente fazendo auto elogio; mas encontrei uma forma de incentivar mais gente a praticar algum esporte, seja qual for. Sempre relato que o importante   colocar na mente o mesmo horário, como uma obriga o. Logo vira devo o e, quando a gente não vai, por exemplo, num feriado, o corpo cobra. Sim, cobra! Aí tenho de ir cortar grama, caminhar bastante, antes que ouça da mente uma repreensão, tipo: vai se mexer, preguiçosa?

No ano passado, a Sétima Arte abordou o tema nata o com o belo filme francês que recebeu pr mio no Festival de

Cannes, *Um Banho de Vida*. São colegas de natação, cada um com sua história, algumas leves outras mais pesadas, que se juntam para competir em nado sincronizado. De natação, nada ou quase nada. Exemplo de bem viver? Tudo, ou quase tudo. Eu, como crítica de cinema, antes da premiação já tinha adorado o filme. Além de emocionante, ótimos artistas.

Quando pensei que tudo estava bem, como que um aplauso do cinema para esta crítica apaixonada pelos bons filmes, eis que neste ano 2020 um filme aparece na televisão, produção da Grã Bretanha, intitulado *Ela e os Banhistas*. Pensei: oba, vou ver! Será que eles nadam bem, qual o estilo? E não há de ver que o filme é a mesma história do francês, dos amigos em nado sincronizado com uma professora brava, mas com final alegre e inesquecível? Valeu. Conhecemos remakes, só que anos depois. Mas, desta vez, um estava sendo filmado e o outro também, em países diferentes... e lançados ao mesmo tempo. Que pensar?

Recebo como ode ao cinema, ode à natação. Como se os artistas de cinema, que tanto vejo, alguns já a morarem nas estrelas, viessem me cumprimentar e dizer: continue, continue, continue.

Continue a ver filmes, a comentar, a indicar, a prestigiar a Sétima Arte. Mas, o importante, continue a natação. Conte os metros, sempre, sempre!

E depois de algum tempo a pensar, resolvi colocar meu sentimento nesta crônica, agradecendo, desde logo, meus familiares e amigos, que me permitem contar, recontar - e sempre me incentivam a acordar, nadar e, para o lado de todos, retornar.

Agradeço a meus colegas aqui nominados e a outras pessoas encantadoras que deixam meu amanhecer ainda mais belo, meu sorriso sempre na face, com pele boa pelo esporte - bem como ao Clube Sociedade Thalia e a todos os seus diretores, ao coordenador do esporte, Anderson, e aos funcionários que me presenteiam sempre com o melhor dia. Tudo parece magia!

Necessário desejar que eu tenha mais e mais forças para natação, anotação e noção do quão posso ajudar a outros com o meu exemplo, repetindo 2020 quilômetros, neste outono da vida bem vivida.

Que assim possa seguir por muito tempo, com Cinema, Amor e Natação. Ah, Paixão, Paixão!

Relógio, não marque as horas... porque estou acordando antes de seu toque, animada e pronta para meu encontro com este elemento mágico, água, agora neste marcante quilômetro "2020, uma Odisseia na Piscina".

E depois? Contar, contar, contar...até...

Parafraseando o poeta: "tua é a terra, e a piscina também"!

LEMBRANÇAS

Antonio Vicente Pereira Filho

Foi uma noite mal dormida. A ansiedade pela saída, na madrugada, somente cessou quando fui chamado para tomar banho e me vestir.

Saímos todos para a estação ferroviária. Embarcamos no trem e iniciamos a descida da Serra do Mar pela magnífica ferrovia, projetada e executada pelos irmãos engenheiros Rebouças.

A viagem teve várias paradas. A primeira foi na estação Porto de Cima, ponto obrigatório para o café com *bolo de graxa*. Depois seguimos para Paranaguá e no porto, próximo ao mercado, embarcamos numa lancha de transporte de carga, que também conduz pessoas.

Na travessia da baía já passamos pelo primeiro mau momento, pois um vento muito forte agitava as águas fazendo a lancha subir e descer em grandes ondas. Ficamos todos nós, os meninos e a menina, rezando abraçados, até chegarmos ao porto de Guaraqueçaba, cidade considerada marco histórico entre as primeiras ocupações existentes no Estado do Paraná.

A próxima parada foi no porto do Varadouro, assim conhecido por ser a passagem terrestre para as praias do sul de São Paulo.

Em 1953 a execução de um canal formou uma ilha e o acesso passou a ser por mar, ficando sem uso o difícil caminho que se fazia numa extensão aproximada de oito quilômetros.

Em 1989 a ilha do Varadouro foi declarada Parque Nacional e, em dezembro de 1999, o parque foi declarado Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO.

Na sequência passamos por Ariri, onde nascemos todos nós. É um Distrito do Município de Cananéia, São Paulo, criado em 1908, desmembrado em 1920 da Vila São José do

Ararapira, que passou ao território do Paraná, com sede em Guaraqueçaba, quando ocorreu a retificação de divisas Paraná/São Paulo.

Era bem cedo, lembro-me (tinha 12 anos) o dia da nossa chegada em Ararapira. Foi grandiosa a recepção ao nosso pai, cuja presença atraía sempre grande número de amigos.

Logo surgiu um violão e ele começou a cantar para aquelas pessoas que voltavam do mar e preparavam, ali mesmo, nas margens do porto, os peixes e camarões pescados desde o início da madrugada.

Em frente da venda onde se reuniam os moradores para discussões sobre as notícias dos acontecimentos políticos que vinham de Cananéia, no navio conduzido pelo comandante Lopes, a atração que causava risos era a brincadeira com aqueles que dormiam embebedados e, cobertos de areia, acordavam com uma vela acesa sobre o peito.

Eram muito criativos os nossos contemporâneos, pescadores e pequenos agricultores. Começava a chover e entrava na venda um deles a quem perguntei: como está a chuva? Ele respondeu: de comprimento até que está boa, só está um pouco grossa.

Preparava-se um mutirão para a roçada de uma área para o plantio de mandioca, cuja raiz subterrânea se aproveita para produzir farinha e beiju – este é um bolo feito de massa de mandioca muito fina.

Após a roçada vem a técnica de fazer a *coivara*, que é uma pilha de gravetos ou galhos parcialmente queimados que, após incineração, permanecem no local para serem transformados em eficientes adubos.

Terminado o trabalho, os participantes do mutirão são recebidos na casa do proprietário para um jantar e, em seguida, um baile bem animado, com dança de sapateado em tamancos, o conhecido *fandango*.

A luz de lampião causava algum atrapalho, e, alguma vez, aparecia na sala do baile alguém com o rosto brilhando por ter

se maquiado com *brilhantina glostora*, cosmético utilizado para o alisamento de cabelos.

Na manhã do dia seguinte, domingo, missa com comunhão na igreja de São José, com a presença do padre em sua visita anual na paróquia.

À tarde o jogo de futebol, em pés descalços. A bola, sempre chutada para o mato, era difícil de ser encontrada.

Portanto, essa é uma região de gente simples denominada *caiçara*, que habita o litoral sul de São Paulo.

Lembro-me (tinha cinco anos) quando saímos definitivamente de Ariri para Paranaguá, em 1942.

Era tempo de guerra e o exército fazia constantes exercícios. Quando os aviões sobrevoavam, as casas tinham de permanecer fechadas, no escuro e em silêncio, sem acender uma simples vela.

Na época, em Paranaguá, ocorria uma epidemia de febre amarela. Todos fomos infectados, mas o caso mais grave aconteceu comigo.

Por indicação médica mudamos para Curitiba em busca de um clima mais favorável para tratamento daquela enfermidade.

Em 1945, quando já estávamos em Curitiba, o fim da Segunda Guerra Mundial foi anunciado no rádio pelo programa Repórter Esso.

O DIA PRIMEIRO DA TARTARUGA

Arlineu Ribas

Pois é! Mais uma maravilhosa festa de Ano Novo nas areias de Balneário Camboriú, onde, desta vez, uma multidão de mais de um milhão de pessoas, extasiadas pela emoção do primeiro minuto do novo ano e pela explosão de cores e brilhos dos fogos, vibraram, brindaram e se congratularam intensamente. Embaladas por incontáveis garrafas de espumantes, as pessoas pareciam estar nas nuvens, livres, leves e soltas, como se sentissem libertas de pesadas cargas do ano que se foi. Viva 2020!

Logo pela manhã, não tão cedo, obviamente, começando com o pé direito à frente, resolvi fazer a caminhada costumeira pela praia. Meu objetivo foi conhecer o novo Molhe da Barra Norte, ainda inacabado, mas que oferece uma bela vista da orla, ainda mais prazerosa quando pintada com as cores provocadas pelo sol brilhante e pelas águas do mar, agora cristalinas.

As areias planas, próprias para quem gosta de caminhar, imaculadamente limpas, já não revelavam os sinais da alegre noite. As paisagens são atrativos à parte, que enchem os olhos, povoam a imaginação e exercitam os sentidos. Dão vida e prazer aos merecidos dias de férias.

Ao chegar na ponta do molhe, não foi difícil encontrar um ponto de observação para me abancar e desfrutar desse lindo cenário. É bom que se diga: não importa o humor da meteorologia, rabugento, ou sol de 40 graus, ou se é dia ou noite, se é verão ou inverno, só sei que é sempre bonito!

Ao fixar o olhar no mar, me chamou a atenção uma mancha arredondada se deslocando em minha direção. De tempos em tempos ela vinha até a superfície e logo em seguida mergulhava. Não acreditei no que via: era uma tartaruga que nadava tranquilamente, a menos de vinte metros de onde eu estava.

Confesso que fiquei maravilhado com a dádiva que a natureza estava me proporcionando, singela e bela. E ainda mais num primeiro dia de ano. Daí para a reflexão, meditação e introversão foi um pulo.

Tartaruga aqui? O que pode significar essa visita? É algum sinal? Sim, é um sinal de que a água e o ambiente marinho estão ficando melhores para ela. Eu nunca tinha visto uma delas nestas bandas. Indica que o que vem por aí é coisa de primeiro mundo, como apregoam. E não vai ser pouca coisa!

Dizem por aí que a cidade, pelo porte dos investimentos em andamento, foi apelidada de Dubai brasileira. Tomara que o que estejam fazendo traga de fato o padrão de qualidade de vida e da qualidade ambiental daquela cidade modelo mundialmente conhecida e admirada. O famoso mar e a deliciosa areia da praia de BC voltariam a ser aqueles da época de meados do século passado? O Molhe da Barra Norte e as obras de esgotamento sanitário são exemplos de que estão trabalhando para isso. A qualidade da água do mar e a tartaruguinha já podem estar refletindo essa mudança desejada por todos. Falta muito, eu sei. O volume de dinheiro é enorme, eu sei. Também sei que a qualidade de vida oferecida pela cidade já é uma das melhores do País.

Desde sempre acompanho regularmente a evolução da cidade, me identifico muito com ela e acho que seu futuro parece promissor. Porém, entendo que meu palpite de torcedor apaixonado pode não refletir a realidade nua e crua.

Neste primeiro de ano, uma auditora internacional independente, abalizada, veio checar.

Então pergunto: será que a Dona Tartaruga ou Mrs. Turtle vai aprovar?

ÁGUA

Arnaldo Dumsch

A água é formada por dois elementos químicos unidos entre si, hidrogênio e oxigênio. H_2O .

A partir desta fórmula temos o essencial para a vida. Sem a água não haveria a vida. Dependemos dela para viver.

Já dizia LINEU LINEI: todo ser vivo tem um ascendente aquático.

Durante os nossos primeiros nove meses de vida estamos evoluindo dentro de uma bolsa d'água uterina.

A água traz vida à terra, ela ajuda a formar florestas, rios, açudes, ela dá vida à fauna e flora aquática.

Inclusive, ajuda-nos quando, artificialmente, criamos obras que revertem em nosso benefício, tais como as represas que geram energia elétrica.

Com a precipitação das chuvas, dá subsistência às florestas, gerando novas árvores e, quanto mais árvores, mais e melhor oxigênio.

Não só para o Brasil, mas para o mundo, devido à grandeza das nossas florestas.

A água ajuda a transformar o ambiente onde vivemos. A chuva faz com que tenhamos, na época certa, boas colheitas, bons frutos.

Estes frutos representam riqueza, como a gigantesca produção agrícola anual, representada por incontáveis plantações de soja, trigo, milho, entre outras culturas, que fazem com que nosso país seja conhecido como o "celeiro do mundo".

A falta de água leva à estiagem, o que prejudica sobremaneira nossa produção de alimentos, vindo também a corroborar com a proliferação de doenças e outras mazelas.

Isso significa prejuízo em todos os sentidos. Podemos

citar também que as queimadas que vemos hoje só podem ser, em grande parte, combatidas pela água.

A água da chuva para combater o fogo é a melhor. Não se reflete em despesa e não traz perigo. A água tanto pode se transformar em gelo quanto em vapor, assim como a nossa energia que, igualmente, tem a habilidade de mudar de estado.

Os transportes de pessoas e mercadorias podem ser feitos através dos rios, por canoas, lanchas, pequenos ou grandes botes, diminuindo a distância e o tempo que gastariam pelas estradas.

Os oceanos onde navegam os pequenos e grandes navios, navios de carga ou de passageiros, facilitam a vida das pessoas; *ferryboats* diminuem o caminho, favorecendo as pessoas no seu dia a dia. Temos também os hidroaviões de passageiros ou de transporte que muitas vezes são a única opção para acesso a lugares remotos. Podemos citar também algumas digressões temporais de grande importância sobre a água. Voltando 2000 anos, quando Jesus Cristo andava sobre o mar da Galileia para provar que era o filho de Deus.

Nas Bodas de Canaã, a pedido de sua Mãe Maria, Jesus transformou água em vinho. Uma das histórias mais antigas sobre a água cuidada foi a água do poço de Jacó em Israel. Provavelmente retiravam a água dali com instrumentos parecidos com baldes. Também se ouviu falar muito das águas do Rio Jordão, que nasce em riachos de pequena profundidade e vai desaguar no Mar Morto, depois de percorrer incontáveis quilômetros.

Outro interessante fato bíblico foi quando os hebreus fugiam da escravidão egípcia, e seu líder Moisés, sob orientação divina, separou em duas margens as águas do Mar da Galileia, abrindo uma estrada para que os hebreus passassem em segurança.

Dentre os rios, podemos fazer menção especial ao Nilo, no Egito, ao Tigre, ao Eufrates, no Iraque. O nosso São Francisco, que irriga as terras e provê a água tão necessária

aos irmãos no Nordeste. Por fim, o Amazonas, o gigante das Américas, que, por onde passa, flui a riqueza de sua natureza de forma indescritível. Infelizmente, o ser humano conseguiu destruir grande parte desse tesouro natural. Em nossa Curitiba, alguns rios foram enterrados vivos. Como exemplos, o Belém e o Bacacheri.

A água deve ser respeitada. Chuvas volumosas podem provocar enchentes, levando a catástrofes como: rompimento de represas, deslizamentos de terra e danificações de rodovias.

Assim, temos que o progresso hidráulico veio com a canalização das águas, fazendo com que a água potável entre em nossas casas para melhor vivermos, sermos saudáveis com a higiene e a nossa alimentação.

A água é saúde. A água é vida.

HOH

Arriete Rangel de Abreu

HOH, licença poética, encanto preocupante em letras corredeiras; sentimentos remoinhos em formatação outra, porém e ainda assim, igual a H₂O (molécula de água, formada por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio); elemento natural que, como seus pares, ar, terra e fogo, é essencial à vida humana. Razões vital, diletante e emocional enlaçam a escrita, sobre as águas transparentes ou coloridas, paradas, oceânicas e subterrâneas, englobadas pelos oceanos, mares, rios, lagos, represas, geleiras, águas do subsolo e da atmosfera.

Ao escutar composições, decifro e reforço a importância, necessidade e beleza com que a hidrosfera impacta todos nós. Arte retrata vida!

Segundo algumas biografias, Frédéric Chopin compôs “Raindrop (Opus 28 - prelúdio 15)”, traduzida como “Gota de Chuva” ou “Gota D’Água”. Inspirou-se com o barulho da chuva na janela e da goteira dentro de casa. Sensível, ressumou as inquietantes gotas, nota por nota, no pentagrama.

Tchaikovsky musicou “Lago dos Cisnes”, onde a suntuosa beleza das aves aquáticas ponteia o volume de água cercado de terra por todos os lados.

Constatação: “...Gotas de água da chuva; alegre arco-íris sobre a plantação; gotas de água da chuva; tão tristes são lágrimas na inundação...” na canção “Planeta Água”, do cantor e compositor Guilherme Arantes.

Em “Beira Mar”, Caetano Veloso poetizou: “... Na terra em que o mar não bate; não bate o meu coração; o mar onde o céu flutua; onde morre o sol e a lua; e acaba o caminho do chão...”.

Enquanto uns vagam desfaçatez em obscura rotina, alheios à poluição e escassez, outros, conscientes e preocupados, voltam-se em alerta, apoiados pela ciência, pelo

empirismo, pelas artes, pelas letras e pelo senso coletivo de sustentabilidade para projetos e ações, que minimizem os danos causados pela insuficiência do recurso onde o consumo excede a renovação.

Raul Seixas apregoeou na música “Água Viva”: “Nessa fonte tá escondida o segredo dessa vida...”, e Milton Nascimento depõe em “A 3ª. Margem do Rio”: “...Por sob a risca da canoa o rio viu, vi; O que ninguém jamais olvida; ouvi, ouvi, ouvi; a voz das águas...”.

Plural em razões e emoções, sempre me calou fundo o drama explícito em “Súplica Cearense”, composta por Waldeck Artur de Macedo e Nelinho, lançada em 1960. Nunca deixou de ser atual para os habitantes do árido nordeste e agora, neste incomum ano de 2020, clama o nosso Paraná em paráfrase: “Oh! Deus perdoe esse pobre coitado que de joelhos reza um bocado, pedindo pra chuva cair, cair sem parar...”.

Por ser a água indispensável, seja qual for a sua preponderância, mostram-se urgentes as práticas que procedam reformulações nas condutas comportamentais de todos, e estruturais dos governantes, para que, e por motivos injustificáveis, não ressignifiquemos a música “Singin’ In The Rain” – “Cantando na Chuva” –, de Arthur Freed e Nacio Herb Brown, ao transformar uma ode ao amor em alegórica felicidade pelos almejados e raros pingos que, ao caírem, mostrar-se-ão salvação: “Eu estou cantando na chuva; apenas cantando na chuva; que sensação gloriosa, eu estou feliz novamente...”.

REFLEXÕES

Carlos Moritz Vicente Gomes

Os quatro elementos são imprescindíveis à vida na terra. Portanto, a TERRA é local único capaz de oferecer vida, com a participação dos outros elementos.

Impossível a vida humana no mundo formado só por ÁGUA: a palafita depende da existência da TERRA, para sua sobrevivência. Só com AR, é impossível a vida humana. Também impossível a existência do elemento FOGO, sem a participação do elemento terra. Assim, TERRA é o único elemento capaz de juntar os demais e oferecer VIDA aos humanos, animais e vegetais.

Muito tempo passou para que o homem que habitava as cavernas, como forma de abrigo da chuva e de animais, e que saía diariamente para colher frutas e sementes para sua alimentação, passasse a cozer a batata, o aipim, o arroz e colher o trigo para fabricar o pão.

Você é capaz de imaginar a alegria do ser, naquela época, ao notar o crescimento de um pé de laranja nascido próximo da sua caverna, quinze dias após ter jogado algumas sementes de laranja no terreno? Um broto. Uma descoberta sensacional. Significava que ele descobrira que podia plantar, em local de sua escolha e em local de sua preferência, frutos e outros mantimentos de sua conveniência. Uma grande descoberta na época! O transporte pesado colhido mais próximo do consumo! A economia no transporte da mercadoria sempre foi e sempre será fator de grande importância no mundo dos negócios. Quanto menor for o custo de produção, menor será o preço final: não era a preocupação na época, mas o transporte requeria uma riqueza operacional. Com os meios de transporte na época, imagine como levar cinquenta laranjas.

A descoberta do FOGO permitiu ao homem diminuir o

frio nas cavernas, bem como levou mudanças na alimentação, com o efetivo uso do fogo, de diversos alimentos cozidos e ou assados. Foi o tempo das grandes descobertas que deram origem a sensacionais melhoras na vida das pessoas. Coisas que hoje não se sobressaem, nos parecendo comuns e normais, mas que foram maravilhosas no então.

Portanto, o elemento TERRA é o único capaz de reunir os demais elementos em real benefício dos seres humanos, dos animais, dos vegetais...da vida!

ÁGUA, CINEMA E BERROS

Cassia Cassitas

Sempre me considerei uma pessoa adaptável, flexível, disposta a olhar de uma maneira diferente para as situações. Talvez por ter nascido sob o signo de câncer, regido pela água. Eu gosto de considerá-la uma espécie de madrinha cósmica a me inspirar numa viagem de lá para cá, daqui para quem sabe onde. Desde a Grécia antiga onde era *hydor*, a água repousa nas entranhas da terra, brota em rios e lagoas, desemboca no mar. Em vapor sobe aos céus, onde agrupada em nuvens se precipita sobre o solo, vestida de chuva. O que poderia ser assim, simples, passou a me assombrar após eu assistir ao documentário *Ouro Azul* (2008, Bozzo), baseado no livro *Blue Gold: the fight to stop the corporate theft of the world's water*, de Maude Barlow e Tony Clarke.

É interessante observar como o filme ataca frontalmente quaisquer possibilidades de distanciamento que se possa ter quanto à responsabilidade individual diante da ameaça de escassez da água potável no planeta. No filme, o personagem Pablo Valencia sobrevive oito dias sem água até ser resgatado. Com tons de tragédia, a sequência inicial se refere, poeticamente, aos reflexos da falta de consumo de água no corpo humano. É um choque. Afinal, é nessa casa, em nossos corpos, que faremos a travessia até o fim.

Ausente nas cenas iniciais, a jorrar em cachoeiras amazônicas, disputada em diferentes pontos do planeta, aprisionada em garrafas, a água reina absoluta nos embates. Quando o ciclo é quebrado, os rios empalidecem a vida, os lagos esfarelam, erodidos, os oceanos abandonam a cadência das ondas aos gritos, movimentos sísmicos a calar a vida. Uma sensação de perplexidade molhada me invade. Das profundezas,

emerge o sentimento de urgência. Sinto-me diante do anúncio de uma ausência, um vazio ressecado, a ameaçar a possibilidade de vida num futuro cada vez mais próximo. Não há como sair ileso da narrativa. Sam Bozzo, responsável pela produção e direção do audiovisual, é um poeta de imagens. Quadro após quadro, volta ao passado para poetizar a abundância, viaja ao futuro para profetizar o recomeço, diante de um presente temeroso, escasso e imprudente.

Talvez, se eu não estivesse vivendo tempos de estiagem e racionamento, essa história não causasse todo esse impacto em minha mente. Justamente a água! Tão maleável, a adaptar a própria forma ao lugar que ocupa, aliada ao tempo no processo de transformar o mundo e a humanidade “historicamente consciente” em sua crença de que, sempre, poderá contar com o tempo para resolver seus problemas. Eu me pergunto: haverá, realmente, tempo para deixar para trás os perigos de desabastecimento? Será que em breve poderemos deixar a carga do passado encerrar as calamidades, provenientes do desequilíbrio no planeta, e avançarmos em direção a um futuro aberto, repleto de alternativas? Seria minha aflição apenas um devaneio diante de um momento de transição? Não sei, não. A esperança surge na tela em imagens didáticas, narradas por uma garotinha, a insinuar uma salvação possível. Afinal, as águas se movimentam em ondas que vão e voltam, ciclos aparentemente imperfeitos de troca que, em algum momento, se equilibram na tênue dança de renovação da vida.

A mensagem das águas salta dos planos cinematográficos para nos enquadrar na realidade avermelhada de Pablo. Sua linguagem penetra meus ouvidos com um sentido de presença que não se pode ignorar. Em meio à ausência da água, no desolamento da trajetória de quase morte do protagonista, vislumbro um ser humano que se deforma e perde o tom. Aliada à qualidade das imagens quentes exibidas sem pressa, se torna impossível desprezar o apelo físico, o estado de quase sublimação, oriundo da dor. Meu raciocínio treinado em

ciências exatas me constrange a buscar saídas, a perscrutar nuances de respostas. A quem é dado ignorar o estágio de quase incomunicabilidade vital atingida pelo verde da pele do personagem? Gente é feita de água e ali, assim como cá, vejo a vida se desidratar. A narrativa me captura como se instalasse em meu corpo todo estágio de degradação exibido. Êxtase. Quase em transe, da mesma forma que tocamos e somos tocados por rimas e métricas inteligíveis, os dados e fatos sussurram, ao pé do ouvido, como sentir é levar sentido, encantar, evocar um passado e torná-lo presente. Nosso corpo, nossa casa, o planeta azul. O mar, a poesia, a vida. Quantos passados há numa concha? Quantas conchas fazem uma onda, um maremoto, um tsunami? Seria o encontro de presenças e ausências do documentário um prenúncio de prestação de contas, num reequilíbrio de forças e valores? Ressecar é calar. Inundar é berrar. A água não pode estancar.

As estatísticas divulgadas por Bozzo me acompanham. Se as pessoas fossem ouvidas, será que concordariam em investir 32 litros de água na produção de um microchip? Enquanto bombeamos 15 vezes a quantidade de água reabsorvível pelo solo, a arte está atenta. Como mostra o documentário, nem mesmo com a construção de mais de 50 mil grandes barragens ao redor do planeta, a humanidade conseguiu abraçar as águas. Testemunhamos o verde desidratando, se tornando amarelo, numa alquimia que os vietnamitas do Sul associam à regeneração. Eles podem estar certos. Será minha porção água se pronunciando para abrandar meu desassossego? Quem sabe? É da natureza da água fluir sem julgar, nutrir sem excluir, criar sem cessar. Ah, minha madrinha, nos ajude a ser fluxo, jamais reduto. No final das contas, a vida não vai parar e de seus muitos passados, as artes vão retratar o que não pode ser esquecido. O futuro é um lugar ao qual não se chega sozinho.

O FURACÃO ZETA

Cirus Itiberê da Cunha

Eu e minha esposa somos sócios de um clube de férias, onde compramos o direito a quinze semanas de hospedagem em hotéis de ótima categoria, num prazo de dez anos, praticamente no planeta inteiro. É só escolher o hotel e, se tiver disponibilidade, reservar e partir para as férias.

Já viajamos pelo clube para alguns lugares interessantes, como St. Maarten, uma ilha paradisíaca do Caribe, onde os aviões pousam a poucos metros da frequentadíssima praia; ficamos hospedados na Casa Pueblo, no Uruguai, fomos para Algarve, em Portugal, tivemos oportunidade de ir para Las Vegas e visitarmos o Grand Cannion, e este ano o clube nos propôs uma hospedagem, pois tínhamos uma semana atrasada e se não fizéssemos a reserva iríamos perder, e nos ofereceram uma semana em Cancun.

Após estudarmos melhor e vermos as possibilidades e as datas disponíveis, optamos por viajar em outubro e ficar hospedados em um *resort* disponível pelo nosso clube de férias.

Preparamo-nos, verificamos as passagens aéreas, tipo de roupas, locais a visitar e tudo o mais que tínhamos que providenciar para uma viagem perfeita.

Nosso roteiro de viagem previa ir de Curitiba, nossa cidade residente, escala em São Paulo, outra no Panamá e, aí sim, Cancun, coisa de 20 horas de viagem, muito cansaço, mas a adrenalina estava a mil.

Alugamos um pequeno carro para poder nos locomover melhor e aí, simhora, visitar uma pequena parte do México.

No primeiro dia, muito sol, fomos até Playa del Carmem, uma cidade muito interessante, com uma bela praia e um bom comércio;

No segundo dia, compramos um pacote para Isla

Mujeres, travessia de lancha de passeio, e pudemos apreciar a cor da água do mar, que é de um azul turquesa maravilhoso, e a Ilha é sensacional;

No terceiro dia, ficamos no hotel, curtindo o que o complexo oferece, suas piscinas, uma bela praia, e na parte alta do terreno, próximo ao mar, uma ruína de construção Asteca;

No quarto dia, domingo, estávamos na piscina, conversando com um jovem hóspede mexicano, da Cidade do México, que nos falou que estava previsto um furacão em Cancun, na terça-feira. Eu estranhei, pois o dia estava radiante, com um céu azul e o sol escaldante, mas logo foi confirmada a veracidade, preocupante; porém, passamos o dia normalmente, fazendo o que qualquer turista faz, quando vai para Cancun, curtir piscina e dar vazão ao ócio, acompanhado de *drinks* coloridos.

Ao final daquela tarde fomos avisados, através de recado deixado no quarto, que no dia seguinte teríamos uma tempestade tropical, denominada ZETA; confesso que deu um frio no estômago e a cabeça a mil, mas o jeito era esperar e aguardar por informações e orientações do *staff* do hotel; a nossa preocupação foi aumentando conforme víamos as precauções sendo tomadas, pois o restaurante, que fica de frente para a praia, fora fechado, e toda a fachada, em vidro, estava sendo revestida com chapas metálicas.

As perguntas eram muitas e cada funcionário que abordávamos respondia a mesma coisa,

- *"Está tudo normal, só teremos um pouco mais de vento e chuva, isso é só precaução"*.

No quinto dia, segunda-feira, o quadro já não parecia mais tão leve; mais dois restaurantes do hotel foram fechados para que todas as refeições fossem feitas em um único local, ficando os hóspedes concentrados em um único lugar; as piscinas foram interditadas, cadeiras e guarda-sóis recolhidos e toda a fachada revestida com placas metálicas, só ficando aberta uma porta lateral para acesso ao hotel. Fomos orientados a permanecer dentro das instalações do hotel

ou nos respectivos quartos, coisa que nem precisava pedir, era só olhar para fora e ver a intensidade do vento para nem pensar em sair; foi nessa hora que soubemos que o ZETA havia deixado de ser uma tempestade tropical e se transformado no FURACÃO ZETA, de categoria 1, que chegaria em terra com maior intensidade pela Ilha Cozumel e entraria no continente mexicano por Tulum e Playa del Carmen, com ventos de 180 km/h.

Foi um dia muito estranho, com uma enorme sensação de impotência, sem nada poder fazer, só esperar e rezar.

Claro que já estávamos acompanhando a movimentação do FURACÃO ZETA pelas notícias da internet e do *twitter*, onde o Governador, a toda hora, dava notícias do que acontecia, informando e tranquilizando a população.

A previsão da chegada do ZETA em Cozumel era às 23 horas, e já sabíamos que ele tinha perdido força e os ventos estavam a 130 km/h; ufa!!!

Já estávamos no sexto dia. A noite foi assustadora, escura e não podíamos ver nada; a chuva era intensa, o barulho do vento fazia as janelas tremerem - objetos voando e batendo nas paredes; rezamos para não baterem nos vidros dos quartos; acredito que nessa situação até os ateus e os agnósticos pedem proteção aos céus.

O céu amanheceu cinza, choveu muito o dia inteiro, e as áreas comuns do hotel permaneceram fechadas; e ZETA subiu para categoria 2, ganhando força ao tocar o estado de Louisiana, nos Estados Unidos.

No sétimo dia, ainda com chuva fraca, pudemos passear e ver que o FURACÃO ZETA fez muitos estragos, principalmente nas fachadas dos prédios e na derrubada de muitas árvores; mais uma experiência, para sentirmos a força de um fenômeno que a natureza deste nosso planeta Terra nos proporciona.

No oitavo dia, tudo acalmado, com o tempo firme e o sol tímido, mas brilhante, pudemos embarcar numa aeronave e retornarmos para nosso país, esse maravilhoso e lindo Brasil verde e amarelo.

A TERRA VOLTOU A SER CURADA

Cyroba Braga Ritzmann

E a Terra voltou a ser curada. Novos tempos, novos costumes.

As florestas vilipendiadas, arrasadas, queimadas, sofridas, gritando por socorro, vão voltar a ser “o pulmão verde” e todos se beneficiarão; os rios voltarão a deslizar cristalinos pelas encostas das montanhas, com seu cantar alegre e cheio de brilho; o ar, sem poluição... As mesas fartas. Novo panorama!

A história já registrou que depois de um grande surto pandêmico, um grande período de sofrimento, sempre vem o deslumbrar de uma nova era e este horizonte, com arco-íris, já estamos querendo divinizar. A pandemia, que está assolando o mundo neste atípico ano de 2020, deixou a humanidade estarrecida, entorpecida. Pega de surpresa, sem saber se conduzir perante o invisível, sem recursos hospitalares, sem aparelhamentos, sem remédio específico, sem mesmo saber enfrentar um vírus desconhecido, a humanidade passou por muita dor e tristeza... Sofremos todos!

Os abnegados agentes da saúde desdobraram-se para, humanamente, atender seus doentes - e não foram poucos os que foram também levados pelo vírus. Atônitos, voltamos nossos olhos ao céu pedindo ajuda. Já não sabíamos rezar; tão afastados da fé não confiávamos na esperança.

Procurando luz, olhamos para dentro do nosso eu e nos curvamos perante a grandiosidade do infinito, e fomos crescendo, aprendendo, nos aperfeiçoando, nos humanizando.

Enquanto a ciência não nos premia com remédio eficiente, com vacina, vamos buscando na prece um pouco de conforto, trazendo do Altíssimo lenitivo para nossa alma perante o invisível que tanto nos assusta, nos intimida, aterroriza. Com novas reflexões nos tornamos mais humanos;

com uso de máscara obrigatória – olho no olho – olhos que falam, sorriem, se comunicam, mais iguais; aprendemos a valorizar o momento, a palavra, nossos passos, nosso caminho, nossa sombra; enxergamos favelas, palafitas, população de rua – está mais aberta nossa consciência!

Escutei na televisão a filha de um milionário dizendo: “meu pai morreu de falta de ar, coisa que não se compra” – Compreendi: lamentável! O dinheiro não compra tudo. Também vi reportagem de um filho desesperado que, procurando ver a mãe agonizante, infectada pelo coronavírus, escala a parede externa do hospital e a vê pelo vidro da janela. Comovente! Também compreendi: o amor pode tudo.

Já avistamos garças na orla marítima, desfilando garbosamente, despreocupadas, a natureza devolvendo sua beleza.

Aprendemos a olhar para o ser humano com mais atenção – sofremos a mesma dor, estamos no mesmo conflito. Confiamos no Pai! Como em vários outros momentos que a história registrou, o mundo se reajusta, reage, reergue-se! Questão de tempo!

Este momento de transformação, este novo mundo, este novo normal com a tecnologia em disparada, dando seus saltos, nos possibilitará uma nova vida. Olharemos felizes para nossas matas exuberantes nos devolvendo oxigênio puro para a sustentação de nossas vidas; plantaremos, garantindo a nossa sobrevivência; rios serpenteando tranquilos – é uma nova era a crescer e a encher nossos corações de humanidade.

Da terra receberemos o alimento para o corpo; na confiança a Deus o alimento para nossa alma.

Sairemos seres humanos melhores, com roupagens diferentes, horizontes mais alargados e com novas escolhas. Cada um procurou, à sua maneira, resolver a situação de sua vida. Recorremos à religião em busca de apoio a nossa fragilidade. Buscando acender uma luz, acendemos nossa cota de amor ao próximo, nosso espírito voltou-se para a

fraternidade. Aprimoramos sentimentos – uma prece – poder divino; valorizamos o lar, o abraço, o calor humano; apreciamos a natureza, cada flor no seu tempo, na sua vez - a espera, o respeito, a ordem; o cachorro de uma amiga morreu, tive tempo de ouvir-lhe o pranto.

Abrimos nosso coração! Está mais arraigado nosso espírito de fraternidade. Quando tudo passar, num surto de euforia, cantaremos em uníssono um hino de amor, festejaremos; abraçaremos-nos contentes. Só alegria, alegria! Sem deixar de lamentar os mortos, agradeceremos o nosso viver!

Viver em tempo de pandemia que não escolhe suas vítimas é uma dádiva divina. A vida não é somente o dia de hoje - é a ponte que nos leva a outra margem.

Todos seremos felizes! Deus nunca nos abandonou!

NO PRINCÍPIO

Daniel Maurício

No princípio era o caos. Progredimos, progredimos, agredimos, regredimos...No final era o caos. Nos encontramos.

A tradição judaico-cristã diz que a Terra era vazia e sem forma. Um lodo, um charco que vagava no abismo escuro. Mas com o poder da Palavra “Haja”, tudo se fez de forma harmônica e ordenada. Céu, terra, mares, rios, plantas, animais, aves, sol, lua, dia, noite e tudo o que há.

Mas o homem, este foi feito do barro e não com a simples e poderosa Palavra “Haja”. Um boneco de barro, oco e sem vida, que precisou do sopro Divino pra viver.

Bem, mas esta história todo mundo conhece. Uns acreditam, outros não, e não temos a intenção de convencer ninguém, nem de um lado, nem do outro.

Porém, uma coisa é certa. Quanto mais progredimos, mais regredimos.

Valores, crenças, costumes, dogmas, verdades, tudo é posto em xeque.

As incertezas tomam conta. A tecnologia não está dando conta de preencher o nosso vazio. Ah! E como reclamamos do preço alto da conta que a natureza cobra, por não sabermos viver.

O poeta T.S. Eliot escreveu que “Nós somos os homens ocos/ Os homens empalhados/ Uns nos outros amparados/ O elmo cheio de nada”.

Bonecos ocos de barro, cheios de si mesmos e vazios de humanidade. Espantalhos empalhados que assustam a si mesmos. E o nada vai tomando conta cada vez que queremos mais...

Assistimos letargicamente a matas sendo consumidas pelo fogo, os vizinhos sendo mortos pela peste, as geleiras

caindo em cubos gigantes no copo insaciável dos mares, a terra se contorcendo em dores nos terremotos, a ira dos deuses vomitando em lavas, a fumaça do progresso empestecendo os ares, o lodo, o mercúrio, matando os rios.

É, acho que esquecemos de dar valor ao que realmente vale e damos valor ao que apenas aparenta ter.

Estamos destruindo a nossa casa, mas nos esquecemos de sair de dentro dela. Caem as paredes sobre nossas cabeças. Não sentimos nada, pois somos bonecos ocos de barro. Cheios de um insaciável nada, e dele fazemos o nosso tudo, nossa bebida, o nosso pão.

Matamos Deus e o sopro divino evaporou.

ELEMENTOS VITAIS

Di Magalhães

Ao falamos da natureza nos deparamos com os elementos que compõem o imenso sistema que nutre o nosso viver. Nada nos escapa, nossa vida passa por esses elementos vitais (terra, água, ar e fogo), essenciais para a sobrevivência de todo ser vivo sobre o planeta.

O elemento terra representa muito da nossa parte estrutural, o corpo físico e as sensações do nosso dia a dia. Esse elemento nos traz energia, carrega nosso organismo e nos dá forças, como uma bateria.

A terra nos dá tudo que os seres vivos necessitam, desde o espaço para vivermos ao alimento que consumimos, e nem sempre a tratamos com respeito.

Já o elemento água está direcionado à bioquímica, nos liga às emoções e sentimentos. Está relacionado ao nosso dia a dia, seja na nossa alimentação, na higiene diária e em outras dezenas de utilidades. Nós, como indivíduos, possuímos a água em nossa constituição, responsável por cerca de 70% do organismo. Sem água não somos nada. Sem esse líquido precioso não há vida: nas bebidas, no nosso santo banho de todo dia, em tudo a água sempre estará presente. Só sentimos sua importância quando a empresa de abastecimento avisa que, por manutenção da rede ou outro motivo, ficaremos sem água. Então, é um deus nos acuda e sentimos que temos que preservar esse elemento tão valioso em nossa vida.

O elemento fogo representa a luz, energia, dele dependemos para as mais diversas ações. Sem o fogo estamos fadados à escuridão. Mas não é somente a falta de luz, pois dele muito dependemos, desde a mais simples atividade de preparação dos alimentos, que nos nutrem e saciam a fome, até as mais complexas construções e a fabricação de tudo que

utilizamos, de um pequeno objeto ao mais engenhoso artefato que nos leva ao espaço sideral, de uma pequena agulha a um gigantesco navio.

Lá nos primórdios da civilização o homem descobriu o fogo e daí se aprimorou para sua utilização. Em cada segundo, em algum lugar no mundo, o fogo está sendo utilizado. E mais: ele serve para nos aquecer, no sentido da palavra, e iluminar o nosso caminho no plano espiritual.

Percebemos a presença de outro elemento, o ar, ao respirarmos, e em muitas situações do nosso dia a dia, como na brisa suave em nosso rosto e no vento soprando forte e balançando os galhos das árvores. Não podemos vê-lo nem tocá-lo, pois é invisível, incolor e inodoro, mas tem peso e ocupa espaço. Dependemos dele também para todo o sistema de vida na terra. Sem o ar como sobreviveríamos?

Assim, analisando os quatro elementos, percebemos a importância de todos em nossa vida.

Estando em harmonia com os quatro elementos, tendemos a nos conectar, a nos ligar com a essência divina que existe dentro de nós.

ÁGUA É VIDA!

Edelar Prohmann

Observo a gotícula de água pousada no veludo da pétala de uma rosa amarela, onde o sol luminoso está refletido, formando um lindo prisma colorido com as sete cores do arco-íris; deslumbro-me a contemplar a simplicidade desta cena corriqueira, que mais parece um surreal pintor com seu pincel a querer deslumbrar-me com tanta beleza.

Reflito sobre a importância desse singular elemento da natureza a brindar meu ser, despertando uma preocupação sobre seu futuro. Ela, a água, sem a qual a vida seria impossível, desde o receptáculo uterino, onde nadamos tranquilos por nove meses dentro do líquido amniótico (água), ignorando sua importância para nosso desenvolvimento natural até os dias de hoje.

Nesse momento a inquietação tomou conta do meu ser. Fiquei horas a pensar o quanto desperdiçamos, envenenamos e banalizamos esse líquido precioso, sem alternativas eficazes para sua manutenção, embora algumas iniciativas isoladas sejam implementadas, tentando mostrar o perigo da sua falta, sem serem ouvidos pela maioria insensata.

Ela surge das nascentes como “olho d’água” brotando do chão, ou filetes saltando de dentro das rochas, para, na sua trajetória, formar caudalosos rios de água doce a despencar ribanceira abaixo, criando a cada salto as cachoeiras, avolumando-se para formar a beleza das Cataratas, compondo a sinfonia das águas com seu estrondoso som a se mesclar com o canto dos pássaros e vozes dos animais silvestres, numa viagem espetacular, dentro da qual viajei no momento em que me via observando a gotícula pousada na rosa.

Toda essa composição de belezas para alimentar e nutrir nossa biodiversidade.

Deu-me uma vontade imensa de gritar aos quatro ventos para chamar a atenção dos humanos na tentativa de uma união, onde todos pudéssemos mudar essa realidade do descaso com a vida, mudando atitudes simples para o resgate da água no planeta. Será que me ouviriam? Por mais que eu gritasse, o eco das minhas palavras desesperadas não alcançaria os ouvidos moucos das consciências e passaria ignorado pela cegueira dos incautos.

Do berço à escola, e por toda a vida, a reeducação dos valores imateriais pode ser revertida. Sendo que todos estamos correndo sério risco de ficarmos sedentos e esfomeados, sujos e deteriorados, caso esse elemento essencial nos falte, ainda podemos realizar algo que possa resgatar nossas nascentes, despoluir nossos rios, construir cisternas e usar da tecnologia aliada à criatividade para diminuir ou eliminar o lixo, reciclando-o adequadamente e assim salvar nosso futuro?

Esta reflexão deixou-me triste e envergonhada, pois faço parte desta espécie, dita humana!

ÁGUA

Ediméia Barreto da Silva

Água dos rios, água da chuva, água do mar, água das nossas lágrimas, água em que estivemos mergulhados durante nove meses no berço mais acolhedor de nossas vidas: o útero de nossas mães.

Água que faz parte de nosso corpo; nos fluídos do nosso corpo, no nosso sangue. Águas que, somadas, são nada menos que setenta por cento do nosso corpo.

Água que sacia nossa sede e ajuda a nossa sede de viver, permanecer.

Água que é vida, vida que é energia, energia que vem da nossa conexão com todos os outros elementos da natureza: a terra, o fogo e o ar; todos conectados gerando uma energia única, uma energia que se torna uma força gigantesca, que nos impulsiona a desenvolvermos nossas potencialidades, nossos talentos, suscitando nossos apreços.

E vamos desenhando nossa história, deixando um pouco de nós no caminho que percorremos, sempre conectados com a energia maior que é Deus, que é amor e que nos ampara, através dos quatro elementos, tão essenciais em nossas vidas, neste mundo tão perfeito, tão real e tão único.

A VIAGEM DOS QUATRO ELEMENTOS

Eduardo Manoel Araujo

Outro dia estava diante de uma árvore muito frondosa e aconchegante. Deixei-me ficar à sua sombra e sentir a sua energia. Ao fechar os olhos, abriu-se uma visão surpreendente e espetacular. Percebi que eu e a árvore respirávamos em uma dança circular em que eu inspirava o ar recém liberado pela fotossíntese das folhas, pleno de oxigênio, que preenchia os meus pulmões, entrava pela corrente sanguínea, ia até cada célula, que o recebia, e elas devolviam o gás carbônico, que voltava para meus pulmões, e eu expirava. Então as folhas da árvore capturavam o gás carbônico e, através da fotossíntese, o transformavam em oxigênio novamente. Estávamos, ela e eu, ali unidos num ciclo contínuo de vida, éramos dois seres unidos nesse processo de troca e dependência. Eu era parte inseparável da sua vida, e ela parte da minha. O ciclo do ar passando por nós.

Minha visão continuava aguçada e me percebi, com muita sede, diante de uma singela fonte de água. Tomei então daquela água pura e cristalina, que veio fazer parte do meu ser, na minha saliva, no meu sangue, nas minhas células e nos meus órgãos. Lembrei-me de que sou 70% água e percebi esta água da fonte fazendo parte do meu ser. Depois me vi devolvendo essa água para a natureza, que a purificou por evaporação, através da chuva e através do filtro da terra, que a absorveu voltando àquela fonte. Percebi essa água circulando pela natureza, fora e dentro do meu ser. Ora fazendo parte de mim, ora estando fora. Era um ciclo contínuo de vida, com a água como protagonista das formas de vida. Percebi ainda que, ao comer um fruto daquela, árvore também ingeria a água em forma de fruto. Fruto que se formou com as raízes absorvendo a água do solo, a mesma água que devolvi à natureza, que a

purificou. Estávamos ali, ligados em uma dança, um movimento cooperativo natural. O ciclo da água passando por nós.

Ao focar um pouco mais minha atenção, minha visão me mostrou um quadro incrível, com os minerais compondo as rochas, e elas passando por diversos estágios de decomposição e fragmentação, até estarem com os minerais livres para serem absorvidos pelas raízes da árvore e sendo levados pela seiva até o fruto em formação que crescia com vigor. Aí me vi colhendo esse fruto e o saboreando com muita intensidade e percebi que os minerais se diluíam em minha boca e no meu estômago, indo fazer parte do meu sangue, de toda a minha estrutura e de muitos processos do meu corpo. Percebi então que ao devolver os excedentes dos minerais à terra, ela gentilmente os absorvia e os deixava novamente disponíveis para as raízes da árvore. Mais um ciclo onde estávamos intimamente ligados. O ciclo da terra passando por nós.

Derepenteumclarão;eraaenergia do Sol seapresentando, o fogo, que fazia a fotossíntese acontecer e, com isso, permitia que a árvore absorvesse energia. Parte dessa energia estava concentrada no fruto. E eu, ao saboreá-lo, passava a alimentar de energia o meu corpo que, ao se movimentar, devolvia ao ambiente parte dessa energia em forma de calor. Estávamos ali o Sol, a árvore e eu, intimamente ligados pela energia do fogo. A energia fogo passando por nós.

Deixei-me vagar por um tempo na visão de todos estes ciclos dinâmicos do ar, da água, da terra e do fogo, passando por mim como fluxos de vida. Dei-me conta de que meu corpo era apenas uma estação por onde os quatro elementos passavam em sua viagem por este universo sem fim. Percebi que, embora a sua forma permaneça mais ou menos estável, existe um fluxo que passa por mim a cada instante, sendo uma composição totalmente única dos quatro elementos, mantendo a ilusão de uma forma estável. Sou como uma sequência de fotografias da plateia de um grande show. Cada fotografia mostra uma configuração diferente da plateia, embora a forma do local seja a mesma.

O PLANETA-ESCOLA

E. E. Soviersovski

Nesta ensolarada tarde de domingo, aprecio a linda vista da sacada do décimo nono andar do prédio onde moro em Curitiba. Natural e moradora da capital, nunca tinha visto, em sequência, tantos dias ensolarados e quentes como neste ano de 2020.

Enquanto sinto uma leve brisa brincar em meu rosto, eu me dou conta de que a cidade vem enfrentando a pior seca já registrada na sua história, e isso leva os meus pensamentos aos questionamentos mais profundos e filosóficos.

Vagueio pela necessidade da utilização desse líquido tão precioso (a água) na agricultura, indústria, na produção de energia elétrica, no uso doméstico para o consumo, além de ser indispensável na higiene física do ser humano e na do ambiente onde vivemos. Sem dúvida, a água é imprescindível na geração de uma vida, tanto quanto na sua preservação. Porém, o que é curioso é nós aqui estarmos precisando tanto dela, ao mesmo tempo em que outras regiões do mundo enfrentam alagamentos e fortes temporais, pondo em risco o viver da população. Aí concluo que a mesma água que dá vida pode matar.

Seguindo esse raciocínio, penso no fogo, a primeira forma de energia que o homem dominou, que aquece, cozinha, ilumina e nos protege desde o passado longínquo até os dias atuais. Também responsável pela queima de combustível dos carros que observo se moverem descontraidamente pelas ruas lá embaixo, e fundamental em muitos segmentos da indústria. De bônus, a sua chama amarela e brilhante fascina as pessoas, despertando a criatividade para histórias, contos e lendas inesquecíveis.

Sim, o fogo é apaixonante, mas igualmente implacável.

Os incêndios florestais ocorridos nesse ano no planeta, e não só no nosso país, foram os maiores das duas últimas décadas, afetando várias espécies de animais, plantas e seres humanos. Então, mais uma vez, constato que o fogo, indispensável para a civilização, também pode aniquilá-la.

Suspiro e tiro do rosto o cabelo que dança agitado por causa do vento, que, com o entardecer, resolve se fazer notar com mais vigor. Como já estou inserida nas reflexões do dualismo da natureza onde vivemos, contemplo o elemento indispensável à respiração de boa parte dos seres vivos, da mesma forma que aos sons emitidos pelo homem através das cordas vocais, que não poderiam ser produzidos sem a sua existência. O ar é também um gerador de energia e atua na propagação de espécies vegetais através da dispersão das sementes e na distribuição das chuvas, dentre tantas outras utilidades. Entretanto, os malefícios da poluição, como o desenvolvimento de diversas doenças por vírus, bactérias e micro-organismos que são disseminados pelas suas correntes, bem como os furacões, ciclones e tornados preenchem, de imediato, os meus pensamentos.

Incomodada, contemplo as luzes que começam a iluminar a cidade, mas já sei que nada vai impedir que o elemento terra, conforme os demais, seja lembrado pela sua importância como principal substrato às plantas, sua relevância na agricultura e no desenvolvimento de diversos ecossistemas. E, por ser a base, a sustentação de praticamente tudo no planeta, faço careta quando penso nos terremotos.

Olho para a lua e as estrelas sem sequer apreciá-las, porque vejo que o ser humano não é diferente. Também geramos vida, ao mesmo tempo em que somos capazes de tirá-la. Matamos seres de outras espécies e interferimos no equilíbrio dos quatro elementos, jogando toneladas de lixo nas águas, promovendo queimadas, auxiliando no aumento da erosão do solo, assim como na poluição do ar. Daí me pergunto: não teríamos que conviver bem entre nós? Será que muito

do que enfrentamos, como a seca e as enchentes, não são formas de vingança às nossas ações? Os elementos também são algum tipo de espécie ainda desconhecida por nós? Quem tem o domínio sobre eles? Será que estamos todos aqui para aprender? Afinal, por que não? Estamos sendo testados? A Terra é um planeta-escola? Será que conseguiremos conviver uns com os outros? Difícil? Desafiador talvez.

Sim, somos racionais, mas pelo retrato atual da humanidade, ainda não sei se isso está trazendo tantos benefícios quanto poderia. Vejo que vale abraçar o desafio da convivência com muita responsabilidade, pois, se falharmos, para onde irão nos mandar? Com quais tipos de espécies e elementos? Já pensou nisso? E se formos para um planeta-prisão ou um planeta-punição? Prefiro fazer a minha parte.

O QUE SOMOS?

Elieder Corrêa da Silva

Hoje é um daqueles dias em que sinto todas as minhas fraquezas; todos os sonhos, desejos, vontades, e também minha infância, morrerem mais um pouco.

Estou enterrando, isso mesmo, enterrando uma grande amiga de infância. Ela era mais amiga de minha mãe; eu garota, ela jovem e bela! Criança cresce e o jovem estaciona no crescimento, assim a diferença de idade pouco importa quando o jovem acompanha o crescimento da criança e a amizade se perpetua.

Nesse momento, lembrei-me de, há tempos, ter lido o livro “A Insustentável Leveza do Ser”, de Milan Kundera. As palavras “leveza do ser” passaram a conflitar-me; da pouca importância dada por mim a essa “leveza”, passei a tomar consciência da fragilidade do ser que sou, com mais intensidade. Passei a valorizar as coisas simples e as pessoas com quem convivo, acentuando mais a noção da realidade e da efemeridade dos seres.

Estou, ou estamos, sob chuva fininha, protegidos por guarda-chuvas da funerária, em um Cemitério Parque, lugar lindo, arborizado, as covas rentes ao chão, algumas flores naturais...

Enquanto o pregador discursa, ou faz a pregação, divago. Ontem, essa amiga estava, aparentemente, saudável, conversando, rindo; e hoje sendo enterrada... “Do pó vieste, ao pó retornas...” Respiro profundamente o ar úmido, puro, sinto o sopro da vida, o balbuciar de aragem intermitente, o hálito do Criador... O pregador continua a ladainha, não consigo concentrar-me nos significados das palavras e, repetidas pelos presentes, o som moroso causa em mim enfado; ao olhá-lo, vejo o movimento dos lábios; não entendo as palavras. Minha

amiga era descrente; ela dizia: “Não entendo minha família... cada um segue uma religião; eu vou em todas e em nenhuma”. Essa amiga se dizia ser terra da Terra; adorava andar descalça, pisar o chão bruto depois de uma chuva. Enterrava os pés na lama, dizia: “Quero me transformar, sinto o perfume! Sinto a simbiose entre mim e a terra”. Respirava fundo abrindo os braços. Minha amiga adorava correr sob qualquer chuvinha...

No funeral havia: pastor, padre, guru. Pensei: isso é coisa de família, mandar rezar tanto, pela ovelha desgarrada... Talvez, todos precisemos...

Continuo conjecturando: se somos 70 a 75% água; por que nos escondermos de uma chuvinha tão fininha, tão sem expressão? Seria pelo perfume triste do momento? Ou porque ajudaria a diminuir o calor de corpos calientes? Ou inibiria a sexualidade, essa força motiva da humanidade? Bem, seja qual for o motivo, se nos encharcarmos com chuva, corremos o risco de adoecermos.

É isso... somos a fragilidade de Deus, somos invenção fora da vida eterna, não nos foi dado o direito ao fruto da Árvore da Vida... Por que teríamos esse direito? A Perfeição não permitiu ao imperfeito...

Ops! Vou dar meu último adeus à minha amiga, atirando-lhe sobre o caixão, já descido à cova, este punhado de barro... a terra está encharcada!

Minha amiga agora está com a chama, que lhe incendiava os dias, apagada e, literalmente, enterrada... “do pó vieste, ao pó retornas”.

A ÁGUA, ESSA MARAVILHA!

Emanuel Mascarenhas Padilha

Quando eu era menino, filho de viúva jovem, eu não tive a oportunidade de conhecer o mar. Isso só me foi possível já adolescente, quando fui para Santos em companhia de um colega de escola e sua família, num daqueles bate e volta, com direito a frango com farofa na praia!

Por certo não é uma condição de se ter orgulho por ter vivido esse tipo de experiência, mas, para aquele menino, foi muito boa. A imensidão balouçante daquelas águas, o gosto salgado, a possibilidade de flutuar por sobre ela, era algo bem diferente das águas do Paraíba que eu conhecia, lá em Tremembé, pacata cidade do Vale do Paraíba, devota do Bom Jesus e de São Cristóvão, hoje vítima de um presídio de segurança máxima que roubou a tranquilidade da gente trabalhadora e ordeira de lá, onde se podia deixar as portas das casas destrancadas e os carros parados em todas as ruas, sem preocupações.

Fugi do tema. Quero escrever sobre a água; escolhi esse tema depois de ter lido um artigo publicado na Folha de São Paulo, em 10 de março de 2020, sobre a memória da água. E não é que a água tem memória, ou, pelo menos, por assim dizer, um *flash* dela!? Um lampejo imediato me trouxe a lembrança de minha mãe e sua devoção pela homeopatia.

Segundo o texto, conforme uma experiência realizada na Universidade de Toronto, Canadá, pelo professor R. J. DWAYNE MILLER, a água guarda o registro de uma substância que já esteve nela, por 50 fentossegundos! Algo só mensurável por um equipamento mais que sensível. Um tempo igual à milionésima parte de um bilionésimo de segundo! Um nada!

E isso não explica a homeopatia, mas se aproxima. A substância fragmentada em milésimas partes de um fármaco

estará presente no remédio homeopático. É o fundamento da homeopatia, e é evidente que o estudo não ratifica esse entendimento; o tempo é demasiado curto, mas o mesmo estudo admite que uma maior quantidade de água poderá ter um comportamento diferente, e os fármacos não foram estudados.

A homeopatia estava salva! Minha mãe tinha uma caixa de remédios homeopáticos - era um losango, todo composto de células pequenas onde cabiam os seus remédios, uma caixa de dois triângulos justapostos pela base, semelhante a uma colmeia.

Dor de cabeça? X gotas de Beladona. Machucou? Gotas de Arnica. Estômago incomodando? Aconitum ou Nux-vômica. E haviam outros que não me lembro para que serviam, como Briônia.

Nunca me passou pela cabeça que tais remédios não funcionavam. Toda a minha infância tomei-os todos e continuei vivo!

Mas, penso, como é possível mensurar esse tempo de “memória” da água? Não que eu ache não ser possível, mas que diabo é esse instrumento? Não sei sequer visualizar um monstrengo ultramoderno capaz dessa supermegaultra e micromínima mensuração! (Eu tinha que inventar neologismos para caracterizar a minha ignorância absoluta nessa matéria!)

Mas a água está aí, presente em nosso corpo significativamente, segundo dizem, mais de 50% do corpo dos que, como eu, passaram dos sessenta anos. Exigida diariamente em pelo menos 2 litros diários. E já a descobriram em Marte! Pelo menos parece que já houve por lá até mares!

A água, parceira obrigatória da nossa jornada de vida, responsável por parte fundamental do nosso sangue e pela limpeza do nosso corpo pelos rins no seu trabalho de nos livrar de impurezas, a água que permite que a nossa estrutura se mantenha viva e funcionando!

Esta é apenas uma crônica, não um tratado sobre a

importância da água, mas as minhas lembranças de infância e de minha mãe passam pela água.

Moleque, não gostava de tomar banho, enrolava quanto podia, mas era obrigado e, porta do banheiro fechada, o chuveiro ligado e eu do lado de fora do jato. Ela batia na porta, reclamava que estava demorando muito, eu molhava as mãos, um pouco do braço e as pernas, até os joelhos; desligava o chuveiro e ia me enxugar, vestia o pijama, pois só tomava banho à noite, e abria a porta.

Acreditam que ela descobria a fraude? Passava a mão na minha cabeça e me obrigava a voltar para o banheiro. Ela tirava a chave da porta e eu lavava a cabeça, pelo menos.

Pena que o tempo levou essas molecagens. Não que eu não goste de banho, mas de quando se podia ter essas vontades, esses momentos de puro amor maternal travestido de exigências.

A água e a sua memória tão curta fazem parte das minhas memórias tão saudosas...

O NARIZ: UM SUTIL PERFUME PAIRA NO AR...

Gilka Correia

Leve e invisível como o ar... Um simples aspirar e basta – qualquer cheiro é suficiente para despertar e provocar atração ou repulsa, e trazer de volta sentimentos e cenas do passado. Perfume é memória...

Cheirar é se emocionar sempre! O cheiro do mar.... O cheiro da terra...

Cheiro da chuva, o cheiro de mãe...

Para a maioria das espécies de animais o olfato é questão de vida ou morte. As gazelas, ao sentirem o cheiro do leão ou de outro carnívoro feroz, saem correndo antes do ataque. Entre os ratos, o olfato exerce um papel mais sofisticado, e faz a rata fugir ao sentir o cheiro de um membro de sua própria família, como se tivesse consciência de que a mistura dos genes garante uma prole mais saudável. Nas profundezas dos oceanos, o olfato é o sentido que leva a localizar o alimento, descobrir os parentes e evitar os inimigos. O cérebro interpreta os odores, e os centros motores controlam os movimentos.

Com a evolução do ser humano, a área cerebral do olfato cedeu espaço para estruturas mais especializadas. Após uma aspiração, diante de uma imprecisão o cérebro ordena uma segunda aspiração mais forte, e um turbilhão de ar carrega novas informações para o centro olfativo. Tudo num relance e sem que a pessoa se dê conta. Mesmo assim, o nariz humano perde para qualquer focinho animal. O homem pode precisar de 500 milhões de moléculas por metro cúbico de ar, e o cão pode sentir o mesmo cheiro com apenas 200 mil moléculas.

O odor desperta a fome, porque metade do sabor é cheiro! As informações gustativas somadas com as do olfato resultam no paladar, e os cheiros do leite ou do vinho indicam a

diferença de sabor. Tudo em instantes!

Para que algo tenha cheiro é necessário que seja volátil e solte moléculas gasosas no ar. Num complexo processo, que não leva mais que um décimo de segundo, as coisas exalam a todo instante uma quantidade incrível de substâncias odoríferas. Às vezes o odor chega a ser mais prazeroso do que o gosto...

Na maioria das vezes, não percebemos quanto valem nossos 25 milhões de células olfativas. Afinal, uma pessoa cheira o ar quando aspira e quando expira.

É tudo tão sutil, que não se dá importância ao mais primitivo sentido e ainda pouco conhecido pela ciência. Poucos percebem que, num mundo onde quase tudo tem odor, é esse sentido que decifra as mensagens químicas passadas pelos animais, vegetais, minerais e objetos manufaturados.

Desde o nascimento, o nariz está pronto para reconhecer uma variedade enorme de odores. O cheiro está em tudo, e, embora nem sempre conscientes, os seres humanos precisam do olfato até para experimentarem a atração sexual.

Um perfume no ar evoca lembranças... Um simples aspirar é suficiente para despertar a memória...

— O cheiro de cada um pode ser uma marca registrada, como a impressão digital?

— É provável que sim...

— Como o dono de um nariz diferencia o perfume da rosa e do jasmim?

— Pela combinação da quantidade e intensidade dos estímulos nos receptores.

Entre os quatro elementos da natureza... Sou invisível, sou vento, empurro as nuvens, faço arder o fogo, sou calor, sou luz, sou ar... E digo em poema...

Perfumes

*Vivo banhada em perfumes
de flores, de rosas, jasmins,*

suavemente espalhados no ar,
em noites de verão...
Após a partida da chuva a terra molhada
tem o perfume da paz!
A essência do jasmim jaz em mim...
E fala mais que as palavras...
Leva para longe em ritual secreto
anunciando um pouco de quem sou Eu.
O perfume pode indicar aonde vou estar...
E tenha certeza... Não uso perfume
que me diga: Não!
(Poema do livro "Serendipidades de minh' alma", pag. 48)

TUBARÃO À VISTA

Iolanda Tecla da Silveira

Se Hemingway lá estivesse, capaz de sair novela. O Velho, neste caso, era o Bruno. Não vou dizer quem é o Bruno porque quem sabe, sabe, quem não sabe não ganha nada com saber. O Mar era um lugar a algumas milhas da Ponta da Pita, um ponto agitado, verde-azul, com ondas pontudas que vinham vindo, vinham vindo e passavam por baixo do barco, tchuá, tchuá, e iam-se embora para a praia. Antonina avistava-se pequenininha sob a poalha luminosa da longínqua manhã dominical. Longínqua porque o domingo tinha ficado em terra, com sinos de igrejas badalando, silêncio nas ruas e portas fechadas. E o peixe? Bem, o peixe era uma coisa escura entre outras coisas escuras na água trespassada de sol. Passáramos a manhã enfiando proa pra cá e pra lá, duma boia para outra - vocês sabem como pescador é teimoso. Já ninguém esperava quando o bicho veio, ou melhor, os bichos, umas coisas escuras com as nadadeiras de fora. Tubarão! Tubarão! Seis! Não, sete! Todo mundo saiu para o tombadilho, querendo ver. As barbatanas molhadas brilhavam ao sol, e as sombras iam e vinham na água numa dança suave e silenciosa. Houve quem pegasse em linha grossa, em piripaus e corocochós, disposto a limpar o oceano de quanto estava à vista. Foi nesse instante que surgiu em cena o nosso peixe. Enorme, veio vindo, veio vindo, direto a nós, confiante, movendo as barbatanas num gesto que me pareceu amistoso. O sol, coando-se através da água, deixava ver sua pele escura que nem lixa grossa. Era roliço, brilhante, magnífico, quase tão belo como um cavalo. Resolveu mergulhar e desapareceu, mas, ai dele! Só por instantes. Voltou debatendo-se, plaft, plaft, plaft, bem preso. Pena que a linha fosse fina e, por azar, curta. Foi uma algazarra, uma sede aflita de emoção que fez toda a gente tropeçar, querer ver, meter a

colher. Cuidado, a linha arrebenta! Cuidado, cuidado! Queriam orientar o pescador, cada um pretendendo saber mais, e faziam-no aos berros, debruçando-se aqui e acolá, espichando o pescoço. Alguém, burguesamente, foi buscar uma Heineken, com cara de quem quer começar a celebrar.

O peixe era forte. Disparou para o fundo, puxando a linha. Dá mais linha, é agora, é agora! A carretilha rodava furiosamente, larga-largando o que tinha. Não tinha mais. Um recorde, sim, senhor, e sem isca viva!

O tubarão voltou à tona, olhinhos brilhando, da cor da água. E, ai, Jesus! Parece que me olhou. Ou seria, apenas, efeito da luz na água? Parece que me pediu socorro do fundo do seu silêncio impotente, naquele agitar de cauda cheio de aflição. Nunca eu soubera dele, no mar tão grande. Dele, tão senhor de profundezas e distâncias, vindo do longe e do desconhecido para ligar seu desespero ao meu domingo, ao meu mundo de paredes altas e portas estreitas, para criar o instante que o vento do acaso gerou. Se a gente soubesse de quantos acasos se tecem os destinos dos homens e dos bichos! Era como se estivesse pedindo socorro desde aquela água funda onde nada sou e onde ele é rei absoluto. E a realeza ia morrer. Ave, realeza! Todos os seus companheiros haviam fugido. Covardia ou indiferença de irracional? Fosse o que fosse, ele ali estava, sozinho no mundo, sem pai nem mãe, sem ninguém para lhe valer. Questão de momentos, disseram. Ele contorcia-se, puxava, arrastava o pescador, era o que se podia chamar: um peixe de caráter. Para evitar que a frágil linha se partisse, o pescador se deixava levar pelo peixe, consentindo com sua inquieta aflição. De vez em quando, a presa disparava de um bordo ao outro, atravessando a quilha. Pescador dava meia volta, levantava o braço o mais que podia, passava o fio por cima das cabeças e de tudo até encontrar, no outro lado, a frouxidão da linha, uff! Com o calor que estava fazendo! Meia hora de agitação e luta não havia desanimado, mas redobrado a obstinação do homem. Estava fatigado, mas, conforme o

bom regulamento, quem devia capitular era o peixe. Não ia permitir que o monstro desse provas de mais caráter do que ele. Começaram a dispensar-lhe as atenções de um doente muito grave. Bebida fresca despejada mesmo na goela, suor prontamente enxuto, abano no cogote. Quando era obrigado a seguir a presa, de popa à proa, a torcida galopava com ele, devota e compenetradamente, porque nada como o apoio moral, não é?

Para encurtar a história: o tubarão deixou de fazer olhinhos verdes e sossegou. Todos gritaram ao mesmo tempo, então, pelo gancho de içar peixe, caíram em cima do tubarão, fiska ele, levanta ele! Todos querendo ajudar, querendo, querendo, até que *plaft*: tubarão ao mar!

Lá se foi, reanimado de súbito, livre e veloz, veloz e livre, de regresso ao seu mundo. E nós, que remédio, *bye, bye*, de regresso ao nosso.

Ninguém soube que era uma liberdade a dois.

INSPIRADOS PELO FOGO

Isis Ribas Busse

Como chegaremos em 2021? Adaptados, centrados, moldados, com ideias pertinentes e integrados?

A decisão precisa ser tomada e o fogo nos lembra de como fazer: com o poder impulsivo da paixão e da força de vontade.

O mundo mudou como um todo, os fortes e os fracos estão no mesmo barco. Um timoneiro com credibilidade no comando, com audácia, e feliz deve ser o guia, mas deve ter chama também.

O tédio ficou para trás, o medo sumiu, chegou a hora de cuidarmos de nossas vidas novamente.

Está na hora de virarmos a página.

Estamos sendo convocados a protagonizar nossas vidas. Se pensávamos em reformas para um futuro, isto passou a ser vital.

Vamos consolidar a vida, pessoas passam por provas de fogo de evolução, a humanidade sentiu isto, mas ponto final.

O bom uso do fogo é determinante; bem usado ele esteriliza, nos dá nova chance, traz evolução e vantagens. Não deixe algo queimando. Vamos nos reunir para alcançar luz e proteção.

A principal questão é você. Facilite as tarefas do cotidiano, inove, mude, se necessário. É unânime termos um ponto de partida, mas não há definição desse ponto. É hora da onda de sucesso, e a solução é mudar a mentalidade e inovar em tudo: na educação, na saúde, no trabalho. Definir as ideias, mobilizar as pessoas, darmos segurança aos nossos com controle de emoções, firmeza de ações, correção de falhas, referência para relacionamentos, empatia e recomeço.

O FOGO NA MINHA VIDA

Janske Niemann Schlenker

Acordei... Acender o gás e passar aquele café cheiroso, começando bem o dia! Na chaleira ferve a água que me dará o café da manhã, o café para começar tudo de novo...

Melhor não ligar a TV, as notícias não são boas e já não aguento tristezas. Este ano tem um número bonito: 2020! Puro engano...

Começou na Austrália: fogo! Animais mortos e feridos (o sofrimento de animais me atinge fundo!)

Notícias e mais notícias (melhor esquecer). Destruição: tragédia.

O ano 2020 continuou assustando: uma doença atinge a China (nós estamos longe, seguros). Mas nunca estamos a salvo, a doença se espalha e chegou aqui também.

O fogo que arrasou a Austrália parece que lançou fagulhas, e o Brasil assiste (incrédulo), enquanto na Amazônia verde as maravilhosas florestas estão em chamas. O Pantanal, rico em vida, queima...

Mas o fogo controlado no meu fogão faz ferver a água para o meu café...

Não ligarei a TV: só vejo o fogo crescendo e uma doença misteriosa e incontrolável avançando.

Fico olhando para a chama do fogão enquanto espero que a água ferva, a água para o café da manhã, aquele primeiro café em silêncio; não ligo a TV porque nela o fogo se alastra. Não é o fogo amigo, controlado, aquele que se alastra e destrói. Não é o que nos aquece, alimenta, e que podemos apagar.

Passo meu café, a chama do meu fogão é amiga, não é o monstro que arrasa o mundo, mata a beleza, ceifa vidas!

Tomo meu café em silêncio, felizmente o fogo no meu fogão a gás é obediente e posso apagá-lo...

2020 - um ano para não esquecer...

OS (NOSSOS) QUATRO ELEMENTOS...

Jefferson Dieckmann

Fecho os olhos, enquanto espero pelo nosso reencontrar. Absorto, voô entre lembranças. Insistentemente, comparo-nos às forças da natureza. A força da descoberta do teu olhar remete-me ao fogo, que arde sem consumir e nos faz queimar a cada eriçar de pele.

Por vezes, percebo que precisamos aterrissar dos sonhos. Ofereço-te terra firme para pisar. E, ao pisá-la, aproximamo-nos mais e mais do nosso aconchego.

Em dados momentos, quando o fôlego falta, é preciso inspirar o ar que nos ergue e nos instiga a seguir o caminho até o amanhã.

E no revigorar do bom cansaço, no restaurar das forças entre os melhores sorrisos, oferecemo-nos a mais límpida e fresca água. A água do banho, a água da restauração, a água da bênção.

Elementos, seres, pessoas, amantes. Somos quatro, somos dois, somos um.

EU E O NADA... OU O TUDO

Joana Rolim

— Alô! Maura. Que bom falar com você...

— Dario, a viagem à Patagônia foi longa! 50 dias. Rodamos bastante... Te espero para te contar. Café ou vinho?

Dario abriu o álbum. Em uma foto, a última cidade do Brasil. Na outra, já na Argentina.

— Em quantos você eram, Maura?

— Nove “turistas”.

Dario pegava uma foto, e eu lhe contava algo sobre ela. Estas, as últimas árvores grandes, daí só a vegetação rasteira, árvores pequenas, impotentes diante do vento agressivo.

Ele olhava uma foto, pegava outra. Água racionada, raposas do deserto. Desfiladeiro, mar, animais marinhos e pássaros. Veja esta: Ah! Céu azul, sol.

É muito lindo, Maura?

— Veja esta: lugar mais lindo do mundo. Veja a curvatura da Terra.... Puerto Pirâmide... Ilha dos Pássaros! Não te lembra nada? ...O Pequeno Príncipe. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

— Dormiam nessas barracas? E o frio?

— Às vezes. Aí “aprendi” a “hipotermia”. Não fechei bem meu saco de dormir.

— E os pumas? A comida?

— Medo! Empanadilhas, botelhas de vinho, mucho carnero! (Ri).

— Rindo do quê?

— De um cara muito especial! Nos ofereceu *vinho a carneiro a la parrilla*. Me deu um pedaço “especial.” Brinquei: “Sou viúva”. “Usted é viúda e yo soy soltero!”

— Esta lagoa azul-anil? *Photoshop!*

— Segredos da natureza. Líquens. Essa é a Terra do Fogo. Fim do mundo e o mundo inteiro. É oxigênio preso no meu coração. Esperava por mim! Me deu este bloco para matar minha sede da Terra.

Ele via picos nevados. Eu senti a neve queimando minha mão. O arco-íris. Ele via “fiozinhos d’água” que desciam do cume das montanhas, eu vi os rios caudalosos se formarem. Ele se admirava da neve cor de lama. Eu pisei nela para acreditar que era neve, e pus um punhado ante meus olhos para decorar a cor. Ele via a imensidão da geleira. Eu ouvi o estrondo dos blocos de gelo se desprendendo, esbarrando na minha estupefação.

Mostrei, na mesa de centro, uma vaso côncavo, de prata com pedras! Eu as trouxe para suas mãos. Peguei uma.

— É pinheiro petrificado. Veja a foto. Estou sentada em um tronco caído. Não havia ainda cordilheira. A ação dos pinheiros deu nisto.

— Se todo mundo trouxer pedras...

— Não vai dar uma de ecologista, Dario! Vi montes imensos de florestas transformadas em cepilho, num porto, no cais. Vendidas. Importaram esquilos. Vi o estrago nos bosques. Vi navios abandonados, o que restou de caçadores de leões marinhos. E você me recriminando...

— Tá. Esqueça. Além das pedras... Foi pra *shopping*?

Sorri. Como explicar para ele a sensação de meus pés ao pisar nas pedras que formavam a margem dos lagos de milhões de anos, ou olhá-las na minha mão – o extrato da Terra, petrificado, um pouquinho do universo? Ou o prazer de competir, atirando pedras com força e mira, que resvalavam e afundavam em águas que originaram a vida? Ou explicar a sensação de lutar contra o vento no cimo de uma montanha, para ele não me carregar, horrorizada, para os desfiladeiros, e o suspiro- de-alívio de ser segura pela força de mão masculina? O vento, às vezes, nos colava às paredes das montanhas. E a visão de um sol gigante, amarelo-ouro, se pondo, sumindo em segundos sem que eu pudesse fotografá-lo, mas que coloriu

minha mente com a mesma cor? Vivenciar a geografia, a história, aprendidas na escola? Ver, sentir, tocar, mergulhar a mão em águas cristalinas, corredeiras, forjando seu caminho entre as pedras de lavas petrificadas no cinzento que descia de um vulcão? Como contar pra ele a sensação de “abraçar” árvores milenares, lisas e frias, em uma floresta em que não se via o sol, com exceção do cume?

— Saboroso o vinho! Despediu-se.

Peguei a foto do vulcão. Dentro, uma trilha estreita, uma tábua após a outra, para auxílio dos pés, uma ou outra débil lâmpada colorida para não errar onde se andava – o ar úmido e pesado, resguardado por paredes de lavas-petrificadas, mas não perderam a vida e vertiam, e nas indescritíveis gotas d’água, o seu segredo – transmutado no prazer incógnito da caminhada, no silêncio inexplicável da perplexidade, na estupefação inesperada do momento em que a luz apagou e o isolamento se fez por inteiro: ali a consciência integral de meu Eu. *Flashes* perdidos cegaram meu momento.

OS QUATRO ELEMENTOS

João Bosco Strozzi

— “A Terra é azul” – anunciou Gagárin para o mundo. E todos que achavam que a Terra teria cor de terra souberam que a Terra tem a cor da água. A teoria dos quatro elementos é atribuída a um filósofo grego chamado Empédocles, de cinco séculos antes de Cristo. “Outras teorias se somam, como aquela que diz que se você aplicar calor ao ar, ele umedece e vira água e se a água for acometida de frio, irá virar terra, e se esta secar demais, vira fogo” – disse o professor para uma audiência muito particular: seus colegas de boteco, onde ele aterriza seus sentimentos com o líquido âmbar, fica de fogo e levita como uma pena soprada.

Freddy, o dono do bar, suspira e pensa: “lá vem o ‘Paulo Freire’, um simples cidadão, mas que se considera acima da média do QI nacional.” E acredita tanto nisto que se acha um incompreendido, a maioria não entende o que ele fala e a minoria tem inveja dele. Naquela *happy hour*, no entanto, havia a presença de um outro professor, que prontamente o interpelou.

— É verdade. Só que não é bem assim. Há relatos desta teoria também na Índia e na China, há mais de três mil anos. Na China, inclusive, o fogo é referido como madeira. Esse filósofo grego aí ou plagiou, ou teve a mesma epifania dos orientais.

O primeiro professor levantou-se de sua mesa, pegou a garrafa de cerveja com uma mão e o copo com a outra, dirigiu-se à mesa do segundo professor e perguntou:

— Posso me sentar aqui?

Ele estava desafiado. Aquilo fora como se uma luva de pelica o tivesse esbofeteado.

— Claro, fique à vontade. A próxima rodada é por minha conta.

— Obrigado. Eu concordo com você. Há também o quinto elemento, que é o vácuo.

— Depende. Há quem diga que o quinto elemento é o eter. O eter que não é o éter. Este seria anestésico, aquele sideral.

— Fico feliz com sua presença. Você já esteve aqui? Ah...a propósito, sou Hugo.

— Não, nunca vim aqui antes. Chamo-me Dario. Estou recém chegado de São Paulo, USP.

— USP, é?

A conversa foi interrompida por Freddy, dono do bar e pensador:

— Professores, trago uma porção de calabresa, oferta do cidadão da mesa contra a parede.

Era um japonês vestindo jeans vincado e camisa xadrez de colarinho preso por dois botões visíveis. Tinha têmporas embranquecidas pelo tempo. E sorria. Aquele sorriso franco que os orientais nos ensinam e que não aprendemos nunca. Dario, dono da mesa, fez um sinal com a mão no sentido de “venha!”. E o japa logo trocou de lugar.

— Sou Eduardo Yamazaki. Sou professor de Física na Federal. Tenho minha própria teoria e quero discutir com vocês.

— Fique à vontade – repetiu Dario. Hugo puxou a cadeira e acomodou-o confortavelmente.

— Diga-nos, qual a sua teoria?

— Bem, é que as duas teorias anteriores são a mesma coisa. Eu já acho que os antigos tinham pouco conhecimento e, portanto, se apropriaram de elementos reais, palpáveis. Hoje é mais fácil acreditar que Terra, Ar, Água e Fogo são os estados da matéria: sólido, gasoso, líquido e energia pura. Todos se combinam de forma circular. Einstein ficou encarregado de fechar o círculo teorizando sobre a transformação da energia em matéria.

Hugo coçou o cavanhaque. Dario passou a mão na careca, Freddy acendeu o fogo da churrasqueira, abanou-o e colocou água em uma terrina para aquecer. Na ponta do balcão,

uma figura muito peculiar emergia. Era uma mulher de chapéu panamá, vestida com uma espécie de bata que ia de um decote ousado até o meio da canela. Uma das mangas estava caída e mostrava um ombro com osso saliente, bronzeado e sardas. Nos pés usava tênis com meia sem cano. E ela não conseguiu se furtar a dar um pitaco.

— Senhores, desculpem-me, estava eu aqui fazendo umas comprinhas, quando ouvi dos senhores uma teoria que tem base correta, mas conclusão errada. Terra é a representação da constelação de touro, sal da terra, ciscador. O ar representa virgem, o sonho, a quimera. A água é peixes, volúvel, indiscreta. E fogo é escorpião, ousado, agreste, sensual. É isto que representam. Deus, na sua infinita grandeza, quis nos deixar um meio para entendermos o modo como as pessoas se relacionam.

— Quer se sentar? – perguntou Dario.

Freddy olhou para o relógio. A noite prometia.

“SENHOR CHAPÉU DE CHUVA”

José Maurício Pinto de Almeida

Na minha adolescência, era comum o namoro às escondidas, principalmente nos finais de semana. Uma oposição normal dos pais à época de nossos catorze anos de idade.

Toda vez que chovia desde cedo em Curitiba, na falta de outra desculpa para minha namorada sair de casa, nossos encontros tinham de ser sistematicamente cancelados. Não havia *shoppings*, e a Cinelândia era a opção. Depois do cinema, um frapê na Confeitaria Iguaçu.

Tinha trauma de chuva em Curitiba! E, mesmo depois de o namoro ter findado, cada trovão em finais de semana tinha o poder de mexer com meus sentimentos!

Mas me acostumei com o nosso cenário chuvoso e com as galochas da Casa Edith; guarda-chuvas eram nossos fiéis companheiros.

Mas alguns episódios envolvendo a chuva de Curitiba mostraram-me seu poder de aproximação entre as pessoas.

Em 1975 iniciei o Curso de Letras na Universidade Federal do Paraná, cuja sede era na Rua General Carneiro, em frente à Livraria do Chain.

E numa *chuvosa* sexta-feira de junho, ao sair da Faculdade, entrei rapidamente na Chain, para buscar minha encomenda da coleção “Debates”, *A obra aberta*, de Umberto Eco.

À porta da livraria, um senhor vestindo terno azul marinho, aparentando cinquenta anos de idade, olhava o relógio com agitação nos olhos. Deu-me a impressão de ser Dalton Trevisan, nosso contista consagrado, autor de *Morte na Praça* (1964), *Cemitério de Elefantes* (1964) e *O Vampiro de Curitiba* (1965). Desde 1968, tínhamos uma ideia da fisionomia

de Dalton Trevisan, pois, ainda que avesso a aparições públicas, fora o vencedor do I Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná.

Enquanto eu preparava minha pasta escolar para nela inserir o livro que adquirira, Aramis Chain vai até a porta do seu estabelecimento e, dirigindo-se até aquele senhor, lhe diz: “Dalton, em vinte minutos posso levar você”. Trevisan lhe respondeu que estava atrasado para almoçar com as filhas em sua casa, e que iria a pé, ainda que sem guarda-chuva.

Ainda que tímido e inseguro ante a presença do nosso mais consagrado contista, ofereci-me, de imediato, a lhe dar uma carona: “Se o Sr. não se importar, posso dar-lhe carona em meu *chapéu de chuva*”.

Percebi que ele gostara do “chapéu de chuva”. Ponto para mim. Havia assimilado o termo, comum em Portugal, em obra de Eça de Queirós.

Aceitou minha oferta. E, após me explicar onde morava, disse-lhe que, por coincidência, almoçaria no Edifício “Panorama”, para visitar o nenê de uma prima. Era muito perto de sua casa. Trajeto curto.

Desconhecia ser Dalton tão monossilábico, mas me lembrei de que estudara, anos antes, no Inter Americano, com suas filhas Rosane e Isabel.

À partida, disse-me que não era Dalton Trevisan, mas Dalton Jérson. Porém, percebi que se sensibilizou com o fato de eu ter estudado com as filhas.

Ele andava a passos rápidos. A conversa foi curta, pois estávamos muito próximos de sua casa. Não me faltou a exclamativa “como chove em Curitiba!”.

Deixei-lhe ao portão de sua conhecida casa na Rua Ubaldino do Amaral. Ele me agradeceu a carona com um contido sorriso. Antes de entrar, perguntou meu nome para contar do fato às filhas. Não me deixou falar, complementando: “direi que o ‘Sr. Chapéu de Chuva’ me deu uma carona”, aproveitando-se ironicamente da expressão usada em Portugal para “guarda-chuva”.

OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA

Kazuco Akamine

O AR!... Como viver sem ele? E ele permite que o vento faça milhões de coreografias invisíveis aos nossos olhos!

O AR elabora, continuamente, diáfanas esculturas de nuvens, para nos embevecer.

O AR forma correntes térmicas ascendentes, e o urubu, sereno em sua envergadura negra, é capaz de planar nele horas a fio, fazendo sobressair sua cor contrastante com o azul límpido, enfeitado de diáfanas nuvens alvas! Ah... sempre apreciei isso, enlevada!

O MAR, misteriosíssimo, mostrando uma só superfície, e ocultando um mundo insondável de magias, cores, belezas indescritíveis e vida indeciframavelmente efervescente!

O FOGO, ah, que magia o bailar etéreo das chamas! Apreciar, com serenidade, uma fogueira ou o crepitar do suave bailado numa lareira, que nos aquece o corpo e a alma, é algo divino!

Agora, a TERRA!... Essa é a minha eleita! Finco nela meus pés, minhas realizações, caminho de mãos dadas com amigos e amados ... Nela, sento na relva, contemplo meu entorno, o céu, embriago-me, planto flores e árvores, construo, desconstruo...

Nela ouço gorjeios de centenas de pássaros, deslumbro-me com suas plumagens e sempre indago, mas, nunca entendo, como a natureza pôde criar tantos matizes em plumagens mil ?

Sentada nela, deslumbro-me com incontáveis tonalidades de verdes e me pergunto, como foi possível isso?

Aprecio, serena e silenciosamente, as incontáveis coreografias que as folhas e galhos promovem ao vento, suave ou forte!

Em êxtase, aprecio, questiono, como pode a *natureza*

criar tantas, tantas, belezas nas flores, com suas pétalas parecendo frágeis, mas que não sucumbem aos ventos e chuvas, sempre plenas, enaltecendo a divindade em milhares de formas, cores e aromas?

Cada flor, com sua peculiaridade, na formação dos caules, folhas, matizes de cores numa só pétala e, unidas, fazendo desabrochar a magia da divindade!

Não, não tenho condições, como humana, nem palavras adequadas, para externar o grau da minha apreciação desse mundo maravilhoso que é a TERRA.

Só o quadrilátero que me cerca, jardim e bosque, elevam minha alma aos píncaros. E que dizer das montanhas multiformes, com suas coberturas diversas? Montanhas cinzas que, ao ver os primeiros raios solares, extasiadas, desnudam seu peito e exibem suas entranhas vermelhas, para perplexidade humana! E isso não acontece somente na Austrália, não.

Estar sobre um mar de sal, com 500 km quadrados de branco cristalino, que vai ao encontro do céu azul, no horizonte, desde há 10 milhões de anos, quando os Andes emergiram do mar?!

Os seres vivos que, durante o dia, nos arrebatam, e, à noite, outros milhares vêm cumprindo seus papéis, no equilíbrio dessa majestosa terra - e os pequenos insetos que arquitetam e materializam quilômetros de túneis, aerando o solo, desacatando a "grandeza" humana?!

Ah, e os homens, fantásticos seres, que criaram inimagináveis tecnologias, artes, em infindáveis facetas!... Criaram o **belo**, para enternecer a humanidade, mas não conseguiram criar o *DIVINO*, que permeia os Quatro Elementos da Natureza!

“DEVE HAVER ALGUMA COISA NOS LIVROS”

Leilah Santiago Bufrem

Assistimos, neste ano de 2020, o espetáculo trágico do Brasil em chamas. Os principais biomas sofrem os efeitos de incêndios devastadores. Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica e o Cerrado têm sido tema dos principais jornais do país e do mundo. O fogo, protagonizando um cenário de horror, tem consequências desastrosas e vem provocando as reações mais diversas.

Esse poder destrutivo fez-me lembrar um livro impactante e as circunstâncias em que o conheci, nos últimos anos da década de 1960. No trajeto entre o apartamento onde meu pai morava e a praia, costumávamos visitar uma livraria da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde elegíamos a leitura da semana, comentando seus méritos e curiosidades. Um desses livros, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, rendeu um diálogo inesquecível, especialmente porque fora adaptado por François Truffaut para o cinema, no mesmo ano do Ato Institucional nº 5, quando o Brasil iniciou seus anos “de chumbo”. O livro descreve o clima de insegurança para toda a população de uma sociedade futura, distópica, diante das decisões de um governo ditatorial. A função dos bombeiros, naquele sistema, não era apagar incêndios, mas sim atear fogo em pilhas de livros impressos, com o objetivo de impedir rebeliões, em prol de uma suposta harmonia do regime instaurado. O título da obra de Bradbury refere-se à temperatura necessária para a queima de livros, ou seja, 451 graus Fahrenheit, equivalentes a 233 Celsius.

Embora sua primeira edição tenha ocorrido em 1953, o livro nunca perdeu a atualidade, talvez pela lógica reiterada na história, revelando padrões nos critérios de ação repressiva

da polícia política sobre o mundo da cultura. De fato, ao longo de toda sua história, desde a introdução dos tipos móveis por Gutenberg, os livros têm sido objeto de censura, proibição, apreensão e destruição, em diferentes momentos históricos, por meio de ações persecutórias variadas, conforme as práticas políticas ou a imaginação dos intelectuais criadores ou descritores de acontecimentos repressivos.

Foram essas práticas repressoras o motivo do diálogo entre meu pai e eu, naquele início de noite. A posse do livro, já muito comentado nas resenhas, provocou o retorno à história e à filosofia. As sugestivas descrições e a força dos personagens criados pelo autor, se hoje ainda são capazes de interessar milhões de leitores em todo o mundo, naquela década brasileira estimularam comparações e reflexões sobre o poder da censura, a opressão anti-intelectual e o autoritarismo de estado, marcados por um obscurantismo alarmante, em época atemporal quando livros foram proibidos e queimados por supostamente tornarem as pessoas "infelizes".

Todas as nossas reflexões compunham um mundo de imagens iluminado pelas chamas de um fogo indestrutível, de força e impacto incomensuráveis, como diria Heráclito, ao conceber o mesmo mundo para todos os seres, nenhum deus, nenhum homem o teria criado. Foi, seria e continuaria sendo sempre o fogo, o elemento eternamente vivo, segundo o filósofo, inspirador dos primeiros alquimistas, exploradores da união do material e do imaterial por meio do fogo. Considerado elemento purificador e partícipe do espírito dos homens, o fogo permeou nosso diálogo, graças ao seu poder e a riqueza da sua simbologia.

Voltando ao livro de Bradbury, destaco o diálogo com a advertência e uma recomendação de Beatty, o chefe dos bombeiros e inquisidor, a Guy Montag, bombeiro cuja missão era queimar livros, porque não precisa mais apagar incêndios em casas à prova de fogo. Mas, ao testemunhar a morte de uma mulher incinerada com seus livros por se recusar a abandoná-los,

Montag começa a se questionar sobre as razões para atitudes como aquela. “Ninguém se mata assim a troco de nada”. Prestes a se desviar de sua missão de atear fogo aos livros, Beatty tenta convencê-lo a resistir à melancolia, ou seja, ao estado daquelas minorias motivadas a “deixar todo o mundo infeliz com teorias e pensamentos contraditórios”. Aconselha-o a não permitir a supremacia filosófica “melancólica e desanimadora sobre o mundo”, embora compreenda o desejo rebelde de saber o que os livros dizem. “Pode acreditar”, afirma o chefe, “os livros não dizem nada. Nada que se possa ensinar ou em que se possa acreditar. Quando é ficção, é sobre pessoas inexistentes, invenções da imaginação. Caso contrário, é pior: um professor chamando outro de idiota, um filósofo gritando mais alto do que seu adversário. Todos eles correndo, apagando as estrelas e extinguindo o Sol. Você fica perdido. (...) Você pergunta o porquê de muitas coisas e, se insistir, acaba se tornando realmente muito infeliz.”

A obra de Bradbury carrega forte crítica social em relação ao autoritarismo, a sua repulsa ao conhecimento e à imposição da censura. Sua singularidade em relação a outras distopias, como *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, ou *1984*, de Orwell, é a forma sutil de totalitarismo exercida pelos elementos culturais dominantes. As pessoas são proibidas de ler livros, pois o ato da leitura leva o indivíduo a pensar e, conseqüentemente, à infelicidade, à inquietude e à vontade de mudança. Quando não se pensa, quando se está alienado, prevalece o estético e o funcional, como sugere a política do governo totalitário. A proibição de qualquer livro ou tipo de leitura expõe a declaração de ódio aos livros e o perigo presente na expressão “Deve haver alguma coisa nos livros”.

Embora bem antes do surgimento da internet, do e-book e das redes sociais, Bradbury lança a crítica à massificação causada pela embrionária TV. O bombeiro chefe rememora como se sucederam a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão, como o mundo se encheu de olhos, cotovelos e bocas, como a

população duplicou, triplicou, quadruplicou, e se pergunta “Por que aprender alguma coisa além de apertar botões, acionar interruptores, ajustar parafusos e porcas?”

Hoje, em tempos de internet e de redes sociais, estamos todos vivendo numa espécie de campo virtual, regido por forças invisíveis e controlados por artifícios tecnológicos. Ninguém mais pode ser passivo, para sua própria sobrevivência, embora as atividades dispensem esforços mais profundos. Pouco se pensa ou se escreve. Muito se curte, se gargalha, se espanta, se enfurece, se dá força, se chora ou se compartilha. Olhar e observar o outro pode gerar dúvidas e críticas, fortalecer posições solidárias ou políticas. Pensar cria dúvidas e dúvidas fazem sofrer. Queimados os livros, o próximo passo da barbárie talvez fosse queimar os próprios homens para apagar de vez a memória dos livros.

O romance de Bradbury mostra ao final a visão de um grupo de pessoas ao redor de uma fogueira. Retorna-se ao poder do fogo, dessa vez vital para a sobrevivência. Retorna-se ao perpétuo fluxo heraclítico, ao devir constante do fogo, ativo, com inteligência e responsável por qualquer mudança.

MEUS RIOS

Lília Souza

Há algum tempo, em uma viagem a Foz do Iguaçu, fiquei – mais uma vez – encantada com aquela beleza, imensidade de águas, de cataratas e rios – o Iguaçu desaguando no Paraná! Pensava em quanto me atrai a água, como me fascina e me tomam de assalto o coração as águas em grande volume, intrépidas, agitadas, ruidosas.

Ali vi desfilando rios de minha vida. Metafóricos e reais. Pensei em vários que cortam nossa Curitiba, como Atuba, Irai, Barigui, Belém, Passaúna. Esta Curitiba em que moro há tantos anos, que já considero minha, e eu dela. Aqui vivendo, criando raízes, bebendo das águas desta terra abençoada que me acolheu e me permitiu ir ficando, virando limo nas pedras à beira de seus tantos rios e parques, fazendo-me lilás nas flores dos manacás, na copa de jacarandás.

Ali, meus olhos de dentro viajaram na memória, até Natal, onde morei por 10 anos. Fui à beira do Potengi, com sua largueza, seus rubros e dourados ao fim da tarde, refletindo o sol que vai descendo à linha do horizonte, devagar mergulhando, enquanto se derrete em lindos tons nas águas fluviais – em deslumbrante espetáculo que se oferece aos olhares e corações mais sensíveis – e, muitas vezes, ao som de um violino e acordes da Ave-Maria!

Meus olhos e lembranças viajaram mais longe no tempo. Voltei à mais tenra idade, vendo as correntezas e ouvindo a canção líquida do rio que corta meu chão, de fora a fora. Até o ponto em que faz uma curva fechada, conferindo à cidade o nome de Volta Redonda. Aqui, misturam-se as mais longínquas recordações com outras tantas, de tempos cada vez mais recentes.

Cada vez que viajo para minha terra, percorremos as

estradas do Vale do Paraíba, passando por cidades várias entre os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Margeando, sempre, o Rio Paraíba do Sul – que, com toda intimidade de quem cresceu à beira de suas águas, carinhosamente o chama de Paraíba. Seguimos, até chegar à cidade, ladeando o rio, olhando-o à esquerda, acompanhando-lhe o percurso, tentando ouvir o seu canto e seus lamentos. Parece que assim é desde sempre: seguindo o curso do rio, para chegarmos à minha cidade – rio entranhado em meu peito.

Mais de dois terços da vida passei longe de meu Paraíba. E ele continua aqui, correndo dentro de mim; eu me perdendo em suas águas, levada por sua correnteza – líquida, deslizante, cor de barro, voraz em transportar memórias da vida toda, sonhos, lembranças de amores e dores, de prantos e risos, luas tantas banhando-se ali e prateando janelas e terraços. Meu Paraíba, preso entre suas concretas margens, correndo solto cá dentro deste leito de saudades que me forra o peito, encharca-me, transborda em saudades.

Meus olhos e pensamentos retornaram ao turbilhão de intrépidas águas em Foz. Ali, parecia, tudo desaguava. Ali. Em mim. Nos cursos de minha vida. Os rios. As águas. A vida inteira...

O ELEMENTO TERRA, ESTE SER VIVO

Lira Agibert

A humanidade é estruturada dentro de uma grande energia pulsante que nos envolve e aconchega em concordância com a natureza viva, farta e saudável, que nos proporciona vida plena no planeta. Nosso corpo é formado em parte pela contribuição de alguns elementos responsáveis pela vida no planeta. É uma relação estreita com a complexidade da Flora, a diversidade da vida na Fauna e a contribuição dos minerais do planeta.

A nossa Mãe-Terra, segundo as mitologias grega e romana, passou a ser conhecida como a personificação do mundo se formando. É a própria terra divinizada. Por tudo isso, Gaia é a base de todas as outras coisas que vieram depois dela. Surgida do Caos, ela é a origem de tudo, a fonte de toda a matéria viva e sólida - como dizia Hesíodo no poema mitológico *Teogonia* (ou *Genealogia dos Deuses*). Esse nome, criado em homenagem a uma divindade da mitologia grega, foi usado novamente pelo médico inglês William Gilbert, no século XVIII. Referindo-se ao nosso planeta, disse que ele tem capacidade de auto recuperação, como um ser vivo, sendo que cada parte, cada célula, influencia e depende das outras partes, como um corpo com seu coração e seus vasos sanguíneos, estômago, rins e vísceras.

Em 1969 o cientista e ambientalista inglês James Ephraim Lovelock, tendo este mesmo olhar da "Hipótese Gaia" como sendo um organismo vivo, dá-nos a dimensão exata dos estragos advindos das ações de "humanoides" que nada fazem, ou que até fazem, afim de extraírem benefícios próprios, mas que, em contrapartida, contribuem para o extermínio da flora, da fauna e de todo um ecossistema que abrange também a litosfera, a camada externa do planeta rochoso ígneo. Com

toda esta nomenclatura é que timidamente perguntamos se acaso somos nós os agentes destrutivos que desgastamos o planeta... Os "Milenarios Helenos", de orgulhosa falácia, um menos que nada, um grão de areia que, perante galáxias, nada é além de interplanetário, no pêndulo sem cabo que flutua no espaço.

Somos voláteis terráqueos, quais cegos e equivocados meninos, ainda o máximo no pensar pequeno, pois tudo que é vivo ou sólido sofre pela ação dos modificadores do relevo, que promovem graves impactos ambientais, resultando na morte de milhares de micro-organismos, plantas e seres vivos da cadeia alimentar, os quais ficarão soterrados, fossilizados na lama tóxica.

Somos extratores do petróleo, do ouro, da prata, do diamante, que dão a necessária sustentação e uma correta mobilidade junto às placas magmáticas, metamórficas e sedimentares. Não nos assustemos, pois, com os que vivem como meros espectadores a assistirem impassíveis as mudanças drásticas que estamos a testemunhar continuamente.

Não nos admiremos dos que estão a ceifar tantas vidas da flora e da fauna, quer seja dos polos, dos continentes com seus veios, nos mangues e desertos, nas florestas, na vida do império marítimo e de todo o nosso bioma terrestre que está em perigo com constantes destruições. Pois teremos todos que ser os organismos, as células vivas capazes de defender e proteger aquele que nos dá sustento e prosperidade!

GAIA PEDE SOCORRO! Pede ajuda de todos nós para poder se auto regular, para sobreviver, apesar da contínua contribuição imprudente de certos seres humanos, mas que, comprovado cientificamente, são seres inteligentes, que já ousaram chegar à lua, e ainda continuam a ultrapassar a barreira da distância, onde espera-se que um dia, salvas as espécies vivas do nosso ecossistema, possam sobreviver neste novo endereço interplanetário através dos séculos!

A SUBLIMIDADE DA ÁGUA COMO ELEMENTO VITAL

Luís Renato Pedroso

Propôs-se, o nosso Centro de Letras do Paraná, a desenvolver interessante trabalho literário em torno da “Teoria dos 4 Elementos: Fogo, Água, Terra e Ar”, formulada pelo filósofo francês Gaston Bachelard.

De plano, ocorreu-me que a matéria ou questão fora objeto de “Dissertação de Mestrado” na Universidade Federal de Santa Catarina, em 30 de junho de 1980, pela nossa queridíssima congreira Roza de Oliveira, que, por muitos anos, dirigiu a antiga Sala do Poeta, hoje, renomadíssima Academia Paranaense da Poesia.

Desafortunadamente não encontrei, entre os meus pertences, a publicação em tela, mas colhi interessantes observações no livro daquela intelectual, poetisa de escol, *As imagens do ar nos poemas de Tasso da Silveira*.

Túlio Vargas, de saudosa memória, na apresentação, bem enfatiza que “situado o poeta em seus contextos biográfico, bibliográfico e cultural, revela-nos a autora as imagens do fogo, da água e da terra, mostrando que há, no poeta em estudo, a adesão a todos os elementos, para entrar depois na temática a que se propõe...”

Devo, pois, em homenagem a nossa Roza, trazer à baila os conceitos, *verbis*: “de todos os elementos, a água constitui o mais homogêneo, por não se diferenciar em objetos diversos. Grande, no entanto, é o número de suas qualidades. É sobre estas que se prendem as imagens aquáticas, — quer sejam inspiradas pela leveza límpida, pela profundidade, pela feminilidade, pela doçura ou violência do elemento líquido. Cada uma de suas qualidades se liga a um sentimento ou a um instinto, e está disposta na obra ‘A Água, e os Sonhos’

de Gaston Bachelard de modo a mostrar sucessivamente a imaginação material, a dinâmica e a ativista...”

Obviamente, a água é o elemento essencial à vida.

Saciando-nos a sede, propicia o cozimento de nossos alimentos e, outrossim, a higienização de nosso corpo.

Produto da chuva benfazeja, a água rega os nossos campos, verdejando as plantações.

Ainda, segundo o “Dicionário Aurélio”, simboliza “qualidade, predicado, talento”.

Coincidentemente, a água lembra o meu torrão natal, Foz do Iguaçu, banhada pelos rios Paraná e Iguaçu, onde se localiza uma das Maravilhas do Mundo, as “Cataratas do Iguaçu”.

É-me grato, portanto, subscrever esta singela crônica, que me toca profundamente o coração.

Frustrado por não saber poetar – senão ergueria Hosanas à “Sublimidade da Água corno elemento vital” –, quedo-me por aqui, louvando e agradecendo ao “Criador do Mundo” a preciosidade do líquido que também nos alimenta!

“Ipse dixit”.

UMA CRÔNICA ELEMENTAR: ÁGUA

Madalena Ferrante Pizzatto

A comodidade de abrir uma torneira e ter água em abundância está aos poucos ameaçada na nossa sociedade em pleno século XXI.

Desde os primeiros meses de 2020 começou a vigorar o rodízio no fornecimento de água para Curitiba e região Metropolitana.

Este atual momento remete-me às histórias bíblicas do Velho Testamento, quando a maioria dos rios da Palestina secavam completamente no verão; até o rio Jordão, o mais importante e extenso rio da Palestina, ficava raso e lamacento nos meses de março a novembro.

Os judeus dependiam basicamente das chuvas, e neste período estocavam água para os períodos de seca; cada gota d'água era preciosa.

Existiam numerosos tanques cobertos, cavados em rochas, onde estocavam milhões de galões de água. Esta água era levada à superfície através de canos para as cisternas subterrâneas, destinadas ao suprimento da população.

Em algumas regiões apenas o denso orvalho garantia a umidade suficiente para as colheitas crescerem nos meses de estiagem.

Em muitas cidades, a água era vendida nos mercados e nas ruas. Por ser tão rara, a água era pouco usada para higienização das casas.

Em nossa época, em que os recursos naturais estão cada vez mais escassos, muitos roteiristas de filmes apocalípticos retratam a escassez de água.

Em *O Livro de Eli*, filme dirigido por Albert e Allen Hughes, os recursos naturais foram completamente consumidos. A água

era vendida a preço de ouro pelo vilão Carnegie (Gary Oldman). Através da água ele detinha o poder da comunidade. No filme *Mad Max: Estrada da Fúria*, a história se passa num cenário escatológico, em que a raça humana quase toda foi extinta depois de guerras nucleares e apenas os fortes e poderosos tinham acesso a água, como o vilão Immortan Joe.

No filme *Waterworld*, os oceanos cobriram a Terra depois que as calotas polares derreteram - portanto, o que mais tinha era água, porém inapropriada para o consumo, o que fez da água potável um bem inestimável. A própria urina era reciclada para ser consumida para matar a sede.

Filmes como esses levantam questões atuais sobre a escassez dos recursos hídricos.

Ficção sensacionalista ou não.

Cerca de 71% do nosso planeta é coberto por água, porém, apenas 3% de toda água do planeta é doce; e somente 1% desta água doce está em sua forma líquida; o restante são geleiras.

A água era considerada um recurso "inesgotável". Hoje, devido a diferentes fatores, como crescimento populacional, industrialização, mudanças climáticas, desperdício e poluição, muitos de nossos rios se tornaram depósitos de lixo e esgoto.

Elementar, meus caros amigos.

Os recursos hídricos estão cada vez mais escassos e a água é essencial para nossa sobrevivência.

Na construção do futuro que queremos, infelizmente, parece-me que a humanidade tem desenvolvido uma capacidade de minimizar este perigo; e a indiferença tem sido uma alternativa confortável.

VOCÊ DORME NA VENTANIA?

Marcos de Lacerda Pessoa

É muito comum o ser humano priorizar sua atenção nas coisas passageiras, descuidando-se da vida eterna. Estima-se mais os bens que o mundo oferece, postergando-se, ou minimizando, o cuidado com os bens espirituais.

Isso vai totalmente contra o que a Bíblia nos ensina:

“Pensai nas coisas lá do alto,
não nas que são aqui da terra” (Cl 3:2).

Muitas pessoas, no entanto, são hábeis em construir mecanismos mentais que as possibilitem, sem maiores problemas de consciência, “deixarem para depois” as questões espirituais.

Essa atitude, porém, comumente se reverte quando a pessoa enfrenta alguma dor ou situação de maior dificuldade. Nessas ocasiões ela passa, então, a buscar aquilo que, até aquele momento, havia sempre procurado postergar: a efetiva relação com o Criador.

E aí reside uma dificuldade, pois o contato com Deus é algo que deve ser cultivado, aprendido e aperfeiçoado, dia após dia, ao longo dos anos, pois todo relacionamento precisa de tempo de convívio para ser fortalecido, até que, finalmente, se concretize uma real amizade.

Conta-se que, alguns anos atrás, um fazendeiro possuía terras ao longo do litoral do Rio Grande do Sul. Ele constantemente anunciava estar precisando de empregados. No entanto, a maioria das pessoas estava pouco disposta a trabalhar ali, pois temia as horrorosas tempestades que costumeiramente varriam aquela região, fazendo sérios estragos nas construções e nas plantações.

Procurando por novos empregados, ele recebeu muitas

recusas; mas, finalmente, um homem baixo e magro, de meia-idade, um dia se aproximou do fazendeiro.

— “Você é um bom lavrador?”, perguntou o fazendeiro.

— “Bem, eu posso dormir na ventania”, respondeu o pequeno homem.

Embora confuso com a resposta, o fazendeiro, desesperado por ajuda, o empregou. O pequeno homem trabalhou bem ao redor da fazenda, mantendo-se ocupado do alvorecer até o anoitecer, e o fazendeiro estava satisfeito com o trabalho do homem.

Então, uma noite, o ar agitado começou a uivar. O fazendeiro pulou da cama, agarrou um lampião e correu até o alojamento dos empregados. Sacudiu o pequeno homem e gritou:

— “Levante! Uma tempestade está chegando! Amarre as coisas antes que sejam arrastadas!”.

O pequeno homem virou-se na cama e disse firmemente:

— “Não senhor, pois como lhe falei, eu posso dormir na ventania”.

Enfurecido pela resposta, o fazendeiro ficou tentado a despedi-lo imediatamente. Mas, ao invés disso, ele se apressou a sair e preparar as coisas para a tempestade. Do empregado – pensou ele –, trataria depois.

No entanto, para seu assombro, o fazendeiro descobriu que todos os montes de feno haviam sido cobertos com lonas firmemente presas ao solo. As vacas estavam bem protegidas no celeiro, os frangos nos viveiros, e todas as portas muito bem travadas. As janelas encontravam-se fechadas e seguras. Tudo havia sido devidamente amarrado, sendo que nada poderia ser arrastado.

O fazendeiro, ao finalmente entender o que seu empregado queria dizer, retornou então para sua cama a fim de também dormir na ventania.

Ventanias também assolaram a barca dos discípulos, e quando isso ocorreu, eles demonstraram que não estavam

devidamente preparados para aquela situação adversa (Mt 8,24-25). Jesus encontrava-se bem ali, mas os discípulos priorizaram sua atenção na ventania e não na proteção e poder divinos. Jesus acalma a ventania, mas chama a atenção de seus amigos, dizendo:

“Por que temeis, homens de pouca fé?” (Mt 8,26).

E como é conosco? Estamos preparados para dormir “no ar agitado”? Nosso Senhor nos ama (Jo 15,9) e nos protege (Mt 11,28); mas temos procurado fortalecer, a cada dia, a nossa amizade com Ele?

A ‘preparação’ cabe unicamente a nós, que somos os únicos responsáveis por procurarmos fortalecer a amizade que Ele nos oferece (Jo 15,15), sempre buscando conhecê-Lo melhor, em particular através da prática de Seus ensinamentos e da oração constante.

A Bíblia nos confirma tudo isso, de maneira muito clara, convidando-nos a orar, a confiar e a esperar pelo Senhor, como por exemplo, nas seguintes passagens:

“Orai sem cessar”

(1 Ts 5,17).

“Esperei confiantemente pelo Senhor;

Ele se inclinou para mim

e me ouviu quando clamei por socorro”

(Sl 40,1).

“E esta é a confiança que temos para com Ele,

que, se pedirmos alguma coisa segundo a Sua vontade,

Ele nos ouve. E, se sabemos que Ele nos ouve

quanto ao que Lhe pedimos,

estamos certos de que obtemos

os pedidos que Lhe temos feito”

(1 Jo 5,14-15).

O CHORO SECO

Maria da Graça Stinglin de Araújo

É só cruzar estradas, de Norte a Sul e de Leste a Oeste do País, para ouvirmos os lamentos dos rios...

Rios onde outrora navegavam canoas a remos. Rios por onde transitavam inúmeras barcas, muitas levando alimentos para diversas localidades. Rios que nos maravilhavam com a abundância de suas águas cristalinas. Rios de águas tão límpidas que refletiam o luar em noites estreladas. Rios que banhavam crianças, jovens e idosos. Rios que harmonizavam a flora e a fauna, matavam a sede dos habitantes que viviam nas proximidades...

O progresso chegou. E com ele o asfalto, pontes, barragens, construções civis, somente visando lucros - investimentos sem altruísmo. As tecnologias... Todos desrespeitando os espaços exigidos pela natureza, para que ela continue seu percurso normalmente.

Os lixos, em grande quantidade, poluem seus leitos.

Os desmatamentos e as queimadas criminosas acontecem com frequência, destruindo suas margens.

Assim, vemos muitos deles completamente secos, rachados, que viraram campos de futebol. Com traves e, não raro, vemos a bola rolando nos pés das crianças e adultos.

Em cidades interioranas, estão cada vez mais estreitos, sem água potável, sem banhistas, sem vegetações nas margens, quase sempre bem poluídos...

— Seriam todos os povos ingratos? Os rios, aflitos, gritam:

— SOCORRO!

— Acudam-nos!

— Querem o nosso extermínio...

— Estão a nos sufocar!

— Não nos deixem morrer!

MARIA

Maria do Rocio Vaz

Sabe-se que os melhores alimentos para se ter um estilo de vida saudável estão nas bancas coloridas de uma feira ou de um armazém de hortifruti. O frescor dos vegetais e as verduras novas em folhas atraem homens e mulheres que levam as primícias colhidas para as suas casas. O perfume das frutas se mistura e não se sabe ao certo qual delas é a que nos rouba um suspiro. Doce é a mãe natureza.

Opa, doce? Em meio a tantos gêneros para escolher, pelo gosto ou pela função nutritiva, figuram também aqueles potes plásticos, cheios de balas, paçocas, pés-de-moleque, cocadas... que seduzem o olhar de qualquer um. Esquecemos a salada e somos sabotados pela memória: lembrei-me daqueles baleiros com gostosuras que giravam nas padarias e bares de antigamente. Pois é, aquele poder de escolha era fascinante...

Ali eu me encontrava, subitamente levada a uma lembrança da infância, quando se aproximaram um homem alto, de meia-idade, e uma menina de cabelos longos, castanhos, aparentando uns quatro anos. Ele não a segurava pela mão e ela se adiantava em direção às guloseimas. Pés pequenos, passos firmes.

— Qual você quer, Maria?

Ela apontou, ligeira, para um confeito de chocolate.

Sinceramente, o que chamou minha atenção naquela cena foi a graça da pequena. Ela parecia ser unicamente Maria. A maioria das Marias têm um outro nome que vem atrás, pelo qual são conhecidas. No meu caso, por exemplo, lá em casa ninguém conhecia nenhuma Maria. Uma coisa estranha, que eu não entendia. Tocava o telefone, era engano, não existia nenhuma Maria. Um desconforto quanto ao meu nome me acompanhou vida afora, até eu ser a Maria da vida de alguém.

Assim, naquele instante, sem saber o porquê, eu me senti comovida com aquela Mariazinha, dona de um nome honesto, que ainda carrega sonhos virgens, como um dia eu carreguei. Bendito seja o chão em que ela pisa! Benditos os frutos da sua terra!

OS QUATRO ELEMENTOS

Maria Eliana Palma

Estava atrasada. Rapidamente cruzou a rua em direção ao carro, estacionado logo à frente. O segundo emprego distava vinte minutos dali, mas em hora de *rush* o tempo do percurso aumentava consideravelmente. Distraída, desarmou o alarme e nem viu o que a acertou.

Abriu os olhos, mas mesmo assim o escuro continuava. Incrível dor de cabeça. Tentou erguer-se, mas não havia espaço. Sentiu os solavancos e levou alguns minutos para se dar conta de que estava no porta-malas de um carro. O seu? Sentiu os olhos se arregalarem de pavor: fixos e cegos. Fazia muito calor. O medo lhe queimava as entranhas como fogo, enquanto tsunamis de suor lhe empapavam as roupas. Tentou gritar, mas a voz, em torpor, recusou-se a sair.

A mente era uma hélice de ventilador. Girava alucinadamente, tentando ao mesmo tempo entender o que estava acontecendo, e procurando uma saída com final feliz, embora a antecipar os próximos horrores. Tinha visto filmes policiais demais. Poderia imaginar incontáveis desdobramentos. As perguntas ricocheteavam: quem eram? O que queriam? Quanto? Para onde a levavam? Voltaria?

Éons se passaram antes do silêncio e da parada. Foi retirada com violência. O brilho intenso do sol transformou imagens em borrões. “Não vai dar pra fazer um retrato falado”, pensou. Foi levada às pressas até um lugar escuro e úmido, cheirando a terra molhada e pelo de animal. Sentia dois pares de mãos agarrando-a pelos braços. O da esquerda era tão calejado que lhe feria a pele macia.

OuvIU-se uma voz educada e fria: “Fique calma, se fizer o que mandarmos, você volta sã e salva”. A própria voz escapou num silvo trêmulo: “E se não”? Uma gargalhada soou afetada:

“Aí, amoooooooooooooooooooo, começa outra história”.

Então, o tempo parou. Minutos? Horas? Dias? Silêncio e escuridão totais. Desconforto infinito. E pensar que rira muito quando a amiga lhe contara que tinha molhado as calças ao ser assaltada. Agora desconfiava da própria umidade...

Sentia, sob seus pés, a sensação de terra nua. Pés fincados na terra, naquela situação, não significavam controle; longe disso, tremores intensos davam conta da fraqueza, frio e medo. Quando, mesmo, foi a última vez que comera algo?

A cabeça no ar, que sempre estivera projetando sonhos e arquitetando ações, agora pesava enroscada num só e único pensamento: “Vou morrer aqui, vou morrer aqui”. Tentava cantar, rezar, mas só conseguia emitir fragmentos de sons.

O desespero subiu garganta acima e jatos de lava esguicharam do corpo debilitado. Fogo vivo lhe queimava corpo, alma e esperança. Como que, para apagá-lo, dos olhos inchados jorraram cataratas de sal e dor. Pensava: quatro elementos de desespero: o chão de terra fria, a água lacrimal, a falta de ar e o fogo ardente da azia nervosa, mais quatro bandidos sem alma, e pensar que quatro é o símbolo da lei e da ordem!

Começou a ter delírios, imaginava pancadas. Quem a estaria espancando, o marginal da voz macia, o esganiçado? Quem sabe o das mãos ásperas? O caladão? Não sentia a dor dos golpes, mas lhes ouvia o som.

E o cativeteiro inundou-se de luz e de figuras. Não as dos quatro maus elementos, mas as de policiais que se apressaram a ampará-la e entregá-la aos plantonistas da ambulância.

Final de aventura e inúmeras perguntas não respondidas. Gratidão à vizinha bisbilhoteira que vira passar um carrão pelo carreador e entrar nas terras do vizinho. Só que o vizinho estava viajando. Quem seriam? Fora inúmeras vezes até a casa. Não havia ninguém, só silêncio, mas alguma coisa estava errada. Na última vez, ouviu um som estranho vindo do celeiro fechado com cadeado por fora. Saiu de fininho e chamou a polícia.

Algum tempo depois descobriu-se a autoria: o primo invejoso contratara um trio de malfeitores para o serviço que consistia em extorquir o tio rico. Porém, numa briga de gangues, dois dos três cúmplices foram mortos e o terceiro fugiu da cidade. Sem ter como dar prosseguimento ao sequestro, o primo calou-se, abandonou a moça no cativoiro, esperando que, com a morte dela, escaparia de responder pelo crime. E teria sido assim, não fosse sua mania de falar dormindo!!!

Li a história no jornal do dia e fiquei pasma com o fato de o autor ter sido denunciado pela mania de falar durante o sono. Há tempos venho alimentando ideias ousadas e tenho o mesmo problema. É, com certeza preciso me curar disso!

ÁGUA – BEM DIVINO

Maria Inês Botelho

Ah, como é interessante observar a água que cai das nuvens, em gotículas díspares, para vir dançar, em diversos compassos, pelo chão que encontra ao seu dispor!

Ah, como é bela a cena onde se percebe o vibrar de pés descalços sobre si, a chacoalhar a água que encontra à sua disposição!

Ah, como vale a pena ver a água “correr” pelos degraus, pelas ruas, estradas, montanhas, mostrando-se em cascatas ou alcançando locais tranquilos para colocar o seu gotejar!

Ah! Como é bom sentir a água indicar segurança de que a vida terá o seu respaldo e o escorrer de si pelas mãos, pelo corpo, pelos objetos em que se deposita...

Ah, esta água bendita que é vida mantendo vidas neste chão abençoado, enriquecido pela luz solar e pelas danças cadenciadas de estrelas à luz do luar.

Água é Bem Divino para o uso de todos os seres deste planeta.

ÁGUA, PRECIOSA ÁGUA...

Maria Teresa Marins Freire

Céu azul e límpido que dá vez ao sol radiante, que não é constante. Que se tolda com as nuvens que se aproximam. Que se aglomeram. Transformam aquele azul infinito em cinza. De várias nuances. Do mais escuro ao mais claro. Nuvens que nos trazem água, que cai em pingos. Água que molha.

Simplesmente água, que tanto bem faz. Água para beber, para matar a sede. Nossa sede. Dos animais. Da terra seca e sedenta. Das florestas, com árvores frondosas e verdejantes, cujas sombras abraçam e acalentam quem sob seus galhos descansa. Das plantas, comuns e incomuns, que crescem nas matas, nos jardins e em vasos que enfeitam ambientes, os mais variados. Das flores que desabrocham nos campos, nos parques, nos quintais, nos vasos e são tão aclamadas pelos artistas em seus quadros multicores. Água que molha homens mulheres e crianças. Que molha o mundo!

Simplesmente água, que lava alimentos, lava roupas, utensílios. Lava casas, grandes ou pequenas. Ricas ou pobres. Lava corpos, mãos e rostos. De mulheres, homens e crianças. Lava graças e desgraças. Lava a alma!

Que cai em cascatas, fortes, avassaladoras, perigosas. Pequenas, delicadas, como fios cristalinos, límpidas. Que corre em formato de rios, longos, volumosos, pequenos, fracos. Que atravessa extensões de terras e desagua nos mares receptivos e acolhedores, em uma junção de água salgada e doce, desde tons esverdeados aos amarronzados. Que se aquieta em forma de lagos, grandes ou pequenos, tranquilos ou misteriosos

Que vai e vem nos movimentos das ondas do mar, molhando a areia quente, brilhante com a luz do sol forte e prateando-se com a lua caprichosa. Este mar que hospeda peixes de tipos incontáveis, animais marinhos, dos conhecidos

aos mais exóticos e estranhos. E que permite ser singrado por navios, veleiros e barcos.

Nem sempre benéfica, pode vir destruidora em avalanches, tsunamis, enchentes, dilúvios. E o que tanto bem nos faz, tanto mal pode nos causar. Mas sem ela não sobrevivemos. Água, simplesmente água.

Quando é chuva, surpreende algumas pessoas sem proteção. Correm para escapar dos pingos gelados que molham suas vestimentas importadas, engomadas, apreciadas. Chuva que molha as ruas e calçadas, formando poças onde sapatos elegantes ou simples se molham. Às vezes, pés descalços.

Chuva que lava tanta sujeira, a dos humanos, a dos animais, a da própria natureza. Encharca caminhos, impede passagens. Violenta, nos assusta e nos aprisiona em ambientes fechados. Suave e refrescante, nos salva do calor abrasador e nos encanta com pingos translúcidos.

Chuva que irriga as plantações, transformando pequenas sementes em alimentos viçosos, aplacando a fome de muitos, mas não de todos. Chuva que nos dá luz para vermos as movimentações do mundo, a cadência urbana, os fatos, os acontecimentos, a positividade, a negatividade que permeia os locais em que a humanidade se abriga, quando o manto da noite escura nos encobre. Com a luz vemos muito, até demais.

Sentada na varanda, abrigada, refugiada, resguardada, permito que minha mente vagueie pelos entremeios das águas, que nos servem, nos fazem reféns, nos presenteiam com a dádiva de fazer sobreviver o universo. O pensamento me conduz para as formosuras naturais do planeta, mantidas pela chuva benfazeja. Todavia, também reflito sobre sua ira que nos maltrata, vingando-se das invasões dos seres humanos em seus domínios.

Observei sua estiagem e as nuvens escurecidas se afastando vagarosamente, com a promessa de que voltariam. E trariam as águas que repetiriam suas benesses, suas desordens, sua voluntariosidade.

Seguiu seu caminho, a chuva que umedeceu a grama sequiosa, liberando o aroma da terra molhada. Foi-se carregada pelo vento que movimentou as nuvens cinzentas e densas. Que nos molha para o bem, que nos destrói com sua força. Chuva que molha de tantas formas!

MERCADOS AO MAR

Marli Voigt

A estação presente dava seus primeiros sinais: o sabiá que canta na madrugada, as verdes folhas no arvoredo, os jardins exalam seu perfume, em cada beira do caminho floresce a flor, com a primavera no ar. Uma estação que renova nosso caminhar neste universo.

E, num dia desses, travo um bate-papo virtual com o amigo James, que escolheu o ofício da engenharia marítima - seu viver dividido entre o alto-mar e a terra. E, neste momento, ele diz que a sua vida no mar é uma rotina: trabalhar, comer, descansar, cozinhar, jogar algum jogo com os amigos, entrar em contato com os outros por meio do mundo virtual. É uma vida muito diferente daquela no solo. Sabe dos noticiários pelo mundo. Não há mercados para ir no mar. Na imensidão do mar, águas turvas, ora mais cristalinas, mar calmo, longínquas montanhas, a água em que flutua o navio cargueiro no meio do oceano. Não sabe de onde vem tanto mar, sabe que o mar o leva de um continente o outro; os tripulantes, a carga, a vida do dia a dia. A água potável para beber, alimentação, higiene, é o suficiente, sem o risco de rodízios, utilizada como tesouro da própria vida. No cais, o ar vem numa suave brisa, às vezes gélido e cortante, de abrir os braços e receber um carinho das terras distantes.

A viagem tem previsão de terminar em trinta dias, atracando no Japão. No seu período de vinte anos em que flutua mar adentro, no vai e vem do navio, não houve problemas como avaria do navio, encalhe ou assalto de navio pirata. Um período na terra firme, no reencontro dos seus amigos e familiares.

Na minha mente ficou gravado que não há mercados para ir no mar. E devolveu-me à realidade do momento. Pandemia, onde quem pode deve ficar em casa; do contrário usar máscara facial, manter distância, redobrar a higiene nas mãos, usar álcool

em gel. Um tempo incerto, um tempo de amor cheio de todos os cuidados, um tempo de olhar a natureza com a atitude de ainda zelar por esse precioso tesouro gratuito que é o ar que respiramos, o verde do arvoredo que propicia a formação dos rios aéreos, do fogo que nas queimadas direcionadas serve para fortalecer as novas produções. A terra, esse solo de riquezas infinitas para a construção das cidades, dos campos, das ruas, do andar descalço, de sentir o calor, o frio, a vida que rege. A água, precioso tesouro de vida, pois sem água o corpo padece, fenece sem realizar os sonhos da vida.

Estar em terra firme, pensando que no mar não há mercados para ir.

E, agora que necessitamos nesse tempo incerto de distanciamento social, vem à memória o vai o vem dos hipermercados, dos shoppings, das avenidas, das praças, dos parques, da liberdade de ir e vir em qualquer lugar, com qualquer pessoa.

Esse tempo também revirou meus pensamentos, refez alguns conceitos básicos quase esquecidos. E contemplo a natureza, olhando para a minha natureza humana, percebendo o quanto estou a contribuir no meio ambiente em que vivo. Sou capaz de usar minha criatividade confeccionando cartões e livretos com o uso do filtro do pó de café.

E, ao escrever para o James, lembro que estou em terra firme, que posso ir ao supermercado, e ele, em alto mar, sonha com o seu breve retorno; o aconchego do seu lar, seu amor o esperando, o quintal arborizado; enfim, chegar em casa, refrescar-se junto à brisa do momento, curtindo a saudade com a música da natureza temperando a vida com toda alegria.

ESCREVENDO NAS ROCHAS

Nair Rodrigues de Carvalho

Podem transbordar os rios até o nosso pensamento?

Nos vales em que correm os rios ficam as pedras. Pedras de todas as cores. Entre as pedras nascem flores – brancas, amarelas, lilases. Nem sempre todos os caminhos traduzem-se em espinhos.

No verde e nas rosas desabrochando vê-se um jardim; as pétalas espalhadas feito tapete são levadas pelo vento junto com seus aromas adocicados.

O canteiro fica sombrio, feito terra ressequida onde nem sempre brotam flores.

Todos os prantos que formam o caudaloso rio do pensamento expressam ora alegria, ora tristeza...

Sou corpo emocional, ora sinto-me ondina, ora sereia, ora ninfa. Sou espírito d'água.

Sim, vejo um jardim no rio que transborda do meu pensamento, trazendo ensinamentos representados na arte, na literatura.

Ah... o vale de rios e rochas, tão cheio de graça e simetria.

REINVENÇÃO!

Neumar Carta Winter

De repente, o mundo se vê constrangido a um confinamento inevitável!

Um inquestionavelmente minúsculo agressor domina todas as esferas dos mais modernos controles de defesa empregados pelas maiores potências da Terra, tornando-as, todas, impotentes!

E o nosso ar, esse elemento da natureza do qual dependemos de modo absoluto, está comprometido!

Nada a fazer a não ser... não respirar!... É possível?...

Exclamações enfáticas e interrogações variadas pululam em nossas mentes, cheias de reticências!...

Solução precária: máscaras, das mais variadas composições e formas, passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, que, preferencialmente, se instalam em casamatas, abrigos que imaginam blindados contra esse ínfimo, entretanto, poderoso ser, que invade vidas por vias aéreas!

Isolamento, distanciamento do convívio social, do convívio familiar, dos contatos afetivos, é a condição exigida para a nossa sobrevivência.

Que preço terrível!

Aí está, porém, a terceira lei de Newton: "toda a ação corresponde uma reação de igual intensidade, mas que atua em sentido oposto"!

Então, novos mecanismos de adaptação a esse estado excepcional são ativados; novos procedimentos são adotados! Não é para isso que servem os modernos meios de comunicação deste século XXI?

E passamos a nos congregar, a nos correlacionar, embora fisicamente distanciados!

Preservamos, assim – grande ilusão! –, a pureza desse ar, tão necessário à nossa sobrevivência.

Graças a esses avançados recursos de integração social, oferecidos pela mídia, empregando aparelhos de alta tecnologia, reuniões são retomadas. À distância. Cada participante em sua própria casa. "Live". "On-line". E o nosso vocabulário se adapta ao momento, incorporando anglicismos. Interatividade!

E os rostos dos amigos queridos brotam subitamente e constroem um painel colorido ao nosso alcance, e ideias são trocadas, e estudos são retomados, e poemas da vida são construídos, diante de nossos olhos extasiados, embevecidos, gratos!

Centro de Letras do Paraná, Academia Paranaense da Poesia, Academia Feminina de Letras do Paraná, União Brasileira dos Trovadores, Centro Paranaense Feminino de Cultura, constituindo todos um invólucro, um aconchego promotor de cultura, consagram e ratificam cada palavra, essa expressão inequívoca de seus respeitáveis integrantes!

E laços invisíveis nos unem... Apoiamo-nos!

Somos poderosos!

Reconstruímo-nos!

Reencontramo-nos, obedecida a distância acima de um metro e meio recomendada!...

Contaminamo-nos ... de cultura: trocamos saberes... Reinventamo-nos!...

E...

Respiramos, felizes!...

VIDAS FLUTUANTES

Ney Fernando Perracini de Azevedo

Gosto de viagens que me permitam conhecer e sentir a diversidade cultural brasileira. Na Amazônia, moradias sobre as águas me impressionam por revelarem a capacidade de adaptação do homem à natureza, mesmo em condições insólitas.

Em áreas alagadiças ou sujeitas a grande variação do nível das águas, palafitas são aceitas, com naturalidade, como solução para o problema de habitação. Admiro-as pelo inusitado. São casas de madeira, geralmente muito simples e pequenas, apoiadas em compridas estacas, também de madeira, fincadas no solo firme. Palafita é o conjunto dessas estacas e, por extensão, suas edificações recebem a mesma denominação.

Os acessos a essas humildes moradias geralmente são feitos por passarelas de madeira, mal engendradas, descontínuas, improvisadas.

Diante de tão singelas construções, fico a refletir, procurando entender esse singular jeito de morar.

As palafitas ensejam indagações sob vários aspectos, como o econômico (falta de recursos para morar melhor?), social (população marginalizada?), cultural (essa gente tem conceitos próprios de vida integrada com a natureza?), higiênico-sanitário (ameaça à saúde?), ecológico (desrespeitam-se os limites entre o espaço do homem e a natureza?), político (solução imprópria para suprir a carência habitacional?), técnico (qualidade de vida abaixo dos padrões mínimos aceitáveis?) e urbanístico (seria possível evitar a ocupação pelo homem de áreas impróprias?).

As respostas são todas positivas. Recursos financeiros são escassos e faltam programas habitacionais que alcancem essa parcela da população. Pouco se faz de objetivo para evitar

a marginalidade social. A população atingida está acostumada a conviver com a natureza e aceita como normal a habitação precária. São ignorados preceitos de higiene fundamentais e essenciais. Inexiste consciência ecológica. Falta vontade política de admitir e encarar o problema. Soluções técnicas, de engenharia, que assegurariam melhores padrões de qualidade de vida, são esquecidas. Elementares princípios de urbanismo são desrespeitados e, em muitos casos, faltam planejamento e controle da ocupação do solo.

Olhares benevolentes encontram beleza e encanto nesses amontoados disformes de habitações vulneráveis, que se equilibram sobre as águas. Poetas e pintores podem vê-los como fontes de inspiração e sugestivos temas para suas obras artísticas. Mas procuro analisá-los de forma mais crítica, pelos enfoques técnico e social, porque refletem uma das faces da realidade regional. De um lado, positivo, expressam aspecto pitoresco da cultura dos ribeirinhos amazônicos; de outro, um tipo de habitação frágil, inseguro e propício à insalubridade.

Fico intrigado com a precariedade dessas edificações rudimentares e sensibilizado com o humilde modo de viver da gente que as habita.

Na região também encontro outro modo de morar sobre as águas. Tão pitorescas quanto as palafitas, chamam minha atenção as casas flutuantes. Engenhosas, são instaladas sobre estrados ou plataformas, geralmente de madeira, que flutuam, parecendo balsas, de modo a acompanharem a variação do nível das águas.

Concentrações dessas casas em espaços urbanos geram áreas degradadas e são combatidas e evitadas pelo poder público, em nome do saneamento, da saúde e da qualidade de vida. No entanto, fora das cidades as casas flutuantes podem representar opção interessante, desde que isoladas e adequadamente ajustadas ao meio.

Essas casas não têm endereço fixo. Mudam de lugar. Podem ser rebocadas e amarradas em árvores. Nos locais

em que a variação do nível das águas chega a vários metros de altura, admitem deslocamentos, para permanecerem na margem.

O morador da casa flutuante se ajusta aos desígnios do rio. É quase um errante. Seu ninho é a margem, ora aqui, ora lá. Sem compromisso com o lugar.

SOLDADO DE PAPEL

Otávio Bressani

Por que sussurram essas bocas, tristes figuras, somente o céu, no fim, os acolhe? Segue desritmado acorde esse exército sem general, essa procissão sem padre. Raios que divergem, que convergem.

Flores que se abrem e se fecham em botões. Blindados de papel, pétalas que se abrem e surge de novo a mesma flor.

O papel se projeta além da carroceria, parece querer ganhar a liberdade, chegar ao céu. Tambores ensandecidos retumbam nesses ouvidos ensurdecidos - é fome. Movem-se, esses calejados pés, o sangue marca o chão. Olhares dispersam-se ao oposto, para que não se comprometa o corpo, a alma, a vida, o coração.

Sucumbem entre gemidos, e nossos sentidos jamais percebem essa dor.

Em harmoniosa formação, apenas puxam seus pesados carros. Seguem a necessidade de ganhar o pão, conquistar sua dignidade, nessa insana miséria, enquanto a riqueza graça e, em meio à farta comilança, tudo lhes falta.

Nada de novo está sendo feito, enquanto passam fome e até morrem por inanição. Filhos, filhas, subtraídos nos meios de sua própria perdição.

Jovens meretrizes e bandidos, pobreza, prostituição, ladrões. Simplesmente saqueados de seus brios e louvores e da sua cidadania. Toda sorte de dificuldades a si recai e os invalida. Entretanto, a cada dia celebram com dignidade.

Quem pretende fazer-lhes justiça, eu, você? Só não os abandona esse Deus comovido, e far-lhes-á justiça no devido tempo. Aos grandes, a história reserva-lhes o Olimpo, morada dos deuses, um busto ou um livro biográfico e, a ti, sequer permitem o sonho.

Jamais te arguirão o encanto e a bravura de teus feitos, nem se lembrarão o modo especial com que te conduzes nos fatos, que preconiza o rumo desse enredo inevitável. Nem tua marca indelével será percebida com admiração.

Quem te ajuda a enfrentar essas vicissitudes e que te olha. A vida é como aranha a tecer suas teias e que, de um canto, atenta, aguarda por ingênuo inseto, que não sabe usar sua liberdade.

Essa é sua grande estratégia de sobrevivência. É livre na escolha de permanecer presa às próprias teias, enquanto o incauto inseto poderia evitá-la. Ali está segura, e em plena liberdade, o que lhe proporciona as benesses de que necessita.

É inaudível teu clamor neste sepulcro. Não por estares morto, pois que pulsa teu coração, corre teu sangue pelas veias, mas não se ouve tua faminta boca. Anda apenas, chora o teu próprio choro, vai fustigar as areias, que talvez encontres ali o teu tesouro.

És homem, na forma, no corpo, na alma, só não és cidadão, que não te permitem, nem te ouvem. Deixa, mesmo assim, fluir teu canto, que tua voz ecoe bem longe, talvez alguém venha.

Entretanto caminha, trabalha com toda a tua força, educa tuas crianças, mostre-lhes o que é ser um homem.

TERRA AMEAÇADA

Paulo Gomes

Para criar o homem, Deus lançou mão do barro, consequentemente, da terra. Criado o homem, Deus o colocou no Jardim do Éden, ou seja, sobre a terra, para que ali vivesse e se multiplicasse.

Séculos e séculos se passaram e o homem foi povoando a terra, dando origem a essa grande população mundial.

É da terra que o homem extrai o seu alimento.

Infelizmente, o homem não dá o respeito e a atenção que a terra tanto merece. Basta olharmos com perspicácia para tudo o que vem ocorrendo de norte a sul, de leste a oeste, para constatar o enorme estrago que temos produzido em todos os quadrantes da terra.

Todos os dias os noticiários da mídia nos informam: a Austrália arde em chamas, a Amazônia está queimando, o bioma Pantanal está sendo consumido pelo fogo... A fumaça toma conta do ar até nas cidades e, assim, o ar torna-se irrespirável, quer para os homens quer para os outros animais. A balbúrdia está instalada na face da terra.

Os pássaros abandonam seus ovos e ninhinhos, promovendo verdadeira migração, em busca de novo local para habitar. Milhares de espécies da flora e da fauna são, todos os dias, encontrados mortos pelo fogo que vem ardendo a ressequida vegetação terrestre. Até peixes e anfíbios estão sendo mortos, quer pela chuva ácida, quer diretamente pela quantidade de fuligem e fumaça levantada aos céus e que, na sequência, cai sobre os rios e os mananciais.

Essa constante destruição que, ano após ano, o homem vem causando na natureza como um todo, futuramente colocará a própria vida humana em risco. Até a camada de ozônio o homem já conseguiu perfurar. E todos nós sabemos

que é a camada de ozônio que nos protege dos efeitos nocivos dos raios solares.

Muitas nações já vêm alertando sobre a gravidade do problema criado. As geleiras do polo norte estão derretendo. Os mares e oceanos crescem em seus volumes. A temperatura aumenta em todo o globo terrestre. Ventos e furacões têm surgido e causado estragos catastróficos por todos os cantos do planeta. O homem vem cavando a sua própria sepultura com esse comportamento antiecológico e irracional.

Precisamos abrir os olhos, pois o perigo já nos ronda de perto.

A mãe terra merece melhor atenção e cuidado. Ela merece, como mãe, todo o nosso amor. Na verdade, o que o homem faz é desprezá-la e provocar, paulatinamente, a sua destruição.

INFÂNCIA NO INTERIOR

Pedro Ricardo Dória

Vivi minha infância no interior até 1945, quando chegou a seu termo a segunda ditadura de Getúlio Vargas, no mesmo ano em que terminou a Segunda Guerra Mundial. O Brasil passou a aspirar a adoção dos ideais e do regime democrático dos Estados Unidos.

Os precários meios de transporte conferiam à população interiorana o sentimento da distância do progresso urbano e tecnológico-industrial. Os municípios contíguos de União da Vitória (PR) e Porto União (SC) formavam uma quase-ilha. A preparação escolar era precária.

O término do conflito bélico mundial forjou a esperança de melhores dias, mas na verdade somente a mudança para a capital era o caminho para desfrutar de condições básicas indispensáveis para a libertação das amarras dos atrasos econômico e social.

Meus pais, logo que lhes foi possível, tomaram a decisão de deixar as limitações do interior, acabando por optar pela mudança para Curitiba, que passaria a definir-se como cidade universitária.

Os municípios contíguos do Paraná e Santa Catarina, onde passei a maior parte de minha infância, conferiam a seus moradores o desejo de transferirem-se para a capital.

Os ambientes cultural e social do interior eram crivados de limitações. O anseio era mudar para Curitiba, onde o acesso à preparação universitária poderia se tornar realidade. Os restritivos meios de comunicação eram de toda ordem.

Os meninos de União da Vitória – Porto União sentiam-se limitados pelo ambiente restritivo. A principal recreação era banhar-se no rio Iguaçu, cujas águas também os expunham a riscos até mesmo de encontrar a morte tão precoce.

De qualquer modo, era indispensável o lazer, que então induzia a desfecho tremendamente indesejável. As aflições dos pais e das mães eram um preço doloroso e com a possibilidade de desfechos de todo indesejáveis. As águas do Iguaçu careciam do emprego de recursos tecnológicos, praticamente inacessíveis em vista das limitações dos recursos econômicos.

Os meninos não podiam deixar de aspirar à recreação de um rio próximo e que até encantava pelo seu porte e por seus diversificados potenciais. Nadar era mais importante do que desfrutar da natureza tão próxima, e cujo desfrute era de custo acessível até mesmo às camadas mais pobres.

Os pais que, naturalmente, almejavam possibilitar condições melhores de vida, também ansiavam por um modo de evitar até mesmo desfechos trágicos. O rio Iguaçu era um fator relevante. A vida social requer, entretanto, condições satisfatórias de preparo educacional. A aspiração de deixar o interior e suas limitações e seus riscos só poderia ocorrer mediante a mudança para a capital.

Sinto-me privilegiado pelo fato de que completei minha infância em Curitiba, onde me casei e tenho desfrutado da convivência familiar indispensável para a necessária renovação das energias.

A PEQUENA ALICE

Reny Bispo de Jesus

Parece que sua sina era morrer na água. Desde que começou a brincar sozinha, suas brincadeiras sempre estavam ligadas ou relacionadas com a mesma.

Ainda segurava na barra da saia da mãe, e quando esta saía para fazer suas atividades diárias de dona de casa, como buscar água na mina, lavar roupas etc., ela se divertia quando encontrava água.

Não sei precisar sua idade, mas ainda era muito pequena quando acompanhava a mãe na lavagem de roupas em uma mina, que situava-se em uma grande área de pastagem de animais.

Mais ao alto se avistava uma grande montanha, que de longe tinha o formato de um bolo e, quando se chegava bem perto, percebia-se uma parte projetada para a frente, dando espaço para uma grande gruta. Os jovens de Maracá, cidade mais próxima, utilizavam-na para fazer piquenique. Nas paredes internas da montanha, filetes de água escorriam e se encontravam no solo. Ao saírem da gruta, formavam um regato que, mais adiante, num declive, iria se juntar a um pequeno riacho que desembocava em um curso de água maior e que Juliana, a mãe de Alice, chamava de córrego.

Juliana estava sempre atenta: ora na menina que se divertia com as águas, ora nas roupas que lavava.

Circundando a grande nascente havia vários veios de água que brotavam na areia. A grande quantidade de água da mina, ao escoar-se, levando consigo todas as águas dos filetes do entorno, até desembocar-se nas águas do Jequiriçá, rio de grande porte que nasce em Maracás (cidade pequena no Estado da Bahia com mais ou menos vinte e um mil habitantes) e passa por vários municípios até desaguar-se no Oceano Atlântico.

Sua mãe tinha medo que a menina seguisse o percurso das águas e se afogasse no flúmen.

O seu medo tinha uma razão. Alice foi batizada nas águas do Jequiriçá e, nesse dia, perdeu o seu pai para o rio.

Era depois do almoço e a maioria dos parentes de Alice descansava ou tirava uma soneca embaixo das grandes árvores da mata ciliar, quando Joaquim resolveu mergulhar. Ao dar um salto, bateu com a cabeça em uma grande pedra e teve morte instantânea. Morreu aos vinte e três anos de idade, deixando a esposa e sua filha totalmente desamparadas.

Para poder sustentá-la, sua mãe Juliana lavava roupas para fora. Todas as manhãs buscava as roupas em Maracás, que ficava a poucos quilômetros dali, lavava-as na mina e ali mesmo eram estendidas no varal para a secagem.

Alice acompanhava a mãe em todos os trajetos, e aquela rotina fazia parte da vida da pequena.

Durante a lavagem, sua mãe deixava as roupas brancas, ou de cores claras, já lavadas e ensaboadas com sabão de pedra, expostas ao Sol para branqueá-las. Entre elas estavam os lençóis, as toalhas, etc. Aquelas peças expostas na grama formavam um grande tapete branco que, em contraste com os raios de Sol, chegava a cegar quem nele fixasse seu olhar.

Passa-se o tempo e Alice, que antes era independente de sua mãe para brincar com as águas do pequeno riacho, já não sentia mais prazer em fazer aquilo. Queria sempre estar perto de Juliana, preferencialmente segurando em suas mãos, ou na barra da saia de seu vestido.

O mesmo se repetia no movimento de busca e leva das roupas na cidade.

Certo dia, num sinal de desatenção de Juliana, Alice se afastou ao brincar de escorregar no leito do riacho. Juliana, ao perceber a ausência da filha, se pôs a chamá-la. A princípio sem ênfase. Após uma crescente elevação da voz e uma sequência de chamadas sem respostas, inquietou-se com o silêncio de Alice. Juliana deixou a lavagem das roupas e se pôs a procurar pela pequena.

A voz, que antes era doce, agora tinha um sabor amargo e um tom desesperador, como o de alguém que pressente que o pior está por vir.

Seguindo o curso do rio, sua mãe continuou a procurá-la, até que, ao longe, avistou algo. Sua respiração ficou ofegante e as batidas de seu coração, num ritmo frenético cada vez mais acelerado, já não obedeciam as frequências. Seu corpo começou a tremer e, como já quase desmaiando, percebeu que realmente existia um objeto no leito do rio. A princípio ficou pasma como se não quisesse acreditar no que era óbvio. O movimento das águas do rio fazia com que Juliana pensasse que o corpo da menina estivesse se movimentando. Numa última tentativa, quase sem poder acreditar no que os seus olhos confirmavam, chamou Alice pelo nome, mas o objeto permanecia imóvel.

Juliana se desesperou e, ao chegar mais perto, suas hipóteses se confirmaram. A pequena Alice estava cega e tinha se afastado da mãe o suficiente para não saber voltar sozinha. Gritou, chamou por sua mãe, mas o barulho das águas não permitiu que a ouvisse. Alice caiu e, numa tentativa de se levantar, não conseguiu, e caiu novamente de bruços no riacho, com o rosto na água. Quanto mais se batia, mais ofegante ficava. A água foi aspirada pelas narinas e boca e encheu seus pulmões.

A pequena Alice se debateu em vão e, sem poder se levantar, morreu afogada.

TRANSFORMAÇÃO

Rita Delamari

Por vezes me vem à lembrança uma imagem que ficou impressa na memória dos meus tempos de criança. E hoje, depois de passados alguns anos, não mais me assombra.

Eu estava com meus 10 anos de idade – época de tantas brincadeiras –, mas lembro-me como se fosse hoje. Ao lado da nossa casa morava minha madrinha Emília, mulher batalhadora e meiga, negra e com alvos cabelos, cujo sorriso era o sol. Para chegar à sua casa, bastava passar entre duas ripas de madeira, que faziam parte da cerca que separava as duas casas. E era comum as crianças correrem para a casa dela, para “fugirem” das broncas dos pais, e ela a todos acolhia. Pessoa dedicada e religiosa, uma mulher de muita fé, e tão amável, a quem eu amava como se fosse minha segunda mãe. Sempre em busca de melhorar a vida, a sua e de seus amigos e parentes. Lembro-me daqueles seus bolinhos de chuva que faziam sempre sucesso entre os adultos, mas principalmente entre as crianças, que rodeavam a mesa, colocando as mãozinhas nos queixos, esperando ansiosamente por aquelas guloseimas, que faziam a alegria da criançada.

Uma noite, meus pais resolveram recolher-se cedo, pois na manhã seguinte teríamos que nos levantar às primeiras horas, por um compromisso de que agora não me lembro. Durante a madrugada acordei angustiada e suando muito. Dava para sentir o calor que vinha das paredes do meu quarto. Ouvi ruídos, gritos e pedidos de socorro. Abri a janela e olhei para a rua; foi possível ver o clarão. Acordei meus pais, e todos saímos correndo... E vimos o movimento que vinha do terreno ao lado. Fomos em direção da casa da minha madrinha, e a vi chorando muito, sendo consolada por alguns vizinhos. Sua

casa era consumida pelas chamas. O fogo era tão alto, como eu jamais tinha visto. E o medo estampado nos olhos da minha mãe, afinal, o incêndio era muito próximo da parede da nossa casa. Todos olhavam estarecidos, querendo fazer algo para ajudar, mas sem saber como. Rapidamente corri para pegar um balde de plástico, abri a torneira e num impulso joguei a água na parede próxima da cerca, que, ao tocar com as mãos, senti o quanto estava quente. Larguei o balde no chão e corri para encontrar minha madrinha. Encontrei-a na rua, junto de algumas pessoas, em frente da casa, aos prantos! Quando me dei conta, eu estava agarrada aos seus braços, e ela chorava de soluçar. Como se fosse hoje, ao abraçá-la, senti o gosto salgado de sua tristeza. Naquele instante, senti o quanto ela estava fragilizada - então, percebi que era o momento de retribuir tudo o quanto ela tinha feito por mim, por nós; e o que eu tinha para lhe dar era o meu amor, o meu carinho e meu calor, pois o seu corpo estava tão gélido.

Penso nessa cena e não sei ao certo como cheguei ao outro lado do terreno, pois eu achava que ainda podia ajudar em alguma coisa - porém só enxerguei as cinzas... Mas, de tudo, o que ficou foi o calor do seu abraço.

Nunca perguntei o que havia causado tal infausto, mas uma coisa é certa: apesar da perda material, minha madrinha ficou bem. Recebeu ajuda de amigos, parentes e reconstruiu a casa. Depois disso, ela mudou tanto que eu quase não a reconhecia... Eu não entendia como, depois do ocorrido, ela podia ser tão forte, e parecia possuir, ainda, mais vivacidade!

Hoje, sei que o fogo tem o poder de vida e de morte. A energia que dele emana, provoca mudanças. Aquece-nos do frio; aproxima e afasta. Está presente na fé, na dor e na alegria. A imagem de uma chama acesa simboliza paixão, calor e acolhimento... Aproxima-nos do divino e causa grandes transformações, pois é uma das bases materiais do mundo físico e espiritual.

MOMENTOS DE VIDA

Rô Caron

A natureza é transformadora. Imprescindível no processo da inspiração e reflexão.

Certa vez, observando uma vela quase apagada – pois ainda escorriam por seu corpo quente os pingos de parafina branca, e o pavio ardia ainda com algumas fagulhas acesas –, senti o vento, o mesmo vento, o mesmo ar gélido que havia passado por aquela vela e envolvido, também, seu frágil, mas relutante corpo.

Por mais alguns instantes, restando-lhe ainda alguns momentos de vida, ela insistia em iluminar, apesar de um tanto enfraquecida e já quase inerte.

Admiráveis, o curso natural da existência que transforma a vela, moldando-a, iluminando-a; e o ar que a rodeia, impulsiona e suspira-lhe vida.

Sob o êxtase da incerteza, àquela altura, observando o que pareciam-me os últimos instantes da vela, que antes tanto ardia; estendi meu olhar a alguns metros à frente e vi-me refletida numa poça grande, d'água, que havia se formado entre as pedras e o punhado de terra que acumulava-se na calçada.

Na terra úmida cresceram alguns ramos, que esparramavam-se entre os vãos das pedras e alongavam-se, enraizando-se pelos vários caminhos.

Na água, o reflexo de tudo ao redor; e eu, refletida no meio de tudo. Aproximei-me mais um pouco.

E tal qual a planta que saía da poça d'água e alcançava, cada vez mais, mais espaço, meu pensamento buscava por mais clareza e entendimento.

Refleti!

Tudo fazia-me sentido naquele breve momento.

A velocidade com que a vida transforma-se, a eternidade

que pode estar inserida no breve instante, a inspiração que, por vezes, chega-nos como num sopro, a vida que abre espaços e a motivação que nos faz buscar novos caminhos e compreendê-los sob os diferentes aspectos; e tudo, num único, mas curioso e atento olhar.

Eu, um tanto mais longe daquele cenário, mais uma vez olhei para a vela. Naquele mesmo instante o vento contínuo que passava por nós reacendeu a chama pequenina, já quase vencida; dando-lhe um tempo a mais.

No reflexo da poça d'água, no meio de tudo e daquela porção de terra, aquela pequena luz iluminara grandemente meu olhar, como se fosse a primeira vez que eu me percebesse.

Fechei meus olhos, então, por um tempo, a contemplar a vida.

Já não tinha mais a necessidade do entendimento sobre aquele relutante fogo: sentir a leveza do vento já era-me o suficiente.

CONVERSA ELEMENTAR

Romualdo Vicente de Ramos

Chega para lá, disse o fogo com medo da água. Com você não quero proximidade. Mas a água insistiu, dizendo que só ele era capaz de derreter seu gelo, fazê-la ferver.

A terra fingia-se alheia, sem ver o jogo de sedução que aos poucos envolvia aquela conversa. Esperava ávida pelo final, pois sabia que, como sempre, a água choveria, para engravidá-la e germinar as sementes.

O ar sussurrava flanando entre a vegetação, sacudia galhos, carregava folhas e brincava com as borboletas que ziguezagueavam pela relva, a escolher pelas cores que floriam a estação. Chegando aos ouvidos do fogo, disse que iria ajudá-lo. Soprou sua chama para junto da água e ela, aos poucos, ganhou as alturas, escalando suas costas. Sentindo-se grato, o fogo emprestava sua luz enquanto recebia folhas secas para alimentar seu júbilo, nas chamas brilhantes que lambiam as alturas.

A terra espreitava. Agora cinzas viriam para seu ventre, afinal, lhe pertencem. Tudo volta a ela. Até os homens com suas vanglórias, conquistas, voos espaciais...

Tudo lhe cabe.

UM DIA PELOS CANAIS DE AMSTERDAM

Simone Kronland

Já estávamos, minha filha e eu, no píer em Uithoorn, quando o barco aproximou-se cortando as águas do Rio Amstel, prontas para um dia em Amsterdam.

Ao longo do passeio pude entender bem porque os Países Baixos são conhecidos como “Terra da Água”.

Uma série de intrincados métodos para conter e desviar as águas dos canais pode ser observada; pontes modernas e tecnológicas que se abrem à aproximação dos navios permitem que se possa navegar pelo país todo.

Logo na entrada da cidade, pudemos observar uma construção imponente, o Royal Theater Carré, onde se pode assistir aos mais requintados espetáculos de música.

Nosso destino eram os canais de Amsterdam, onde passaríamos o dia todo em visitas a pontos turísticos e também por pequenos canais pouco conhecidos, porém pitorescos e encantadores

Os canais são um dos principais símbolos da cidade, pois representam toda a obra de engenharia usada para controlar as águas do mar com diques e eclusas, e tornar o solo pantanoso em um terreno habitável para uma cidade que crescia bastante rápido há séculos.

Foram construídos diques e barragens, e o país, mesmo estando abaixo do nível do mar, pôde desenvolver sua economia baseada inicialmente nas atividades derivadas da navegação.

Amsterdam é conhecida como a “Veneza do Norte”, com mais de 100 quilômetros de intrigantes canais, que formam cerca de 90 pequenas ilhas e 1.500 surpreendentes pontes enfeitadas com tulipas multicoloridas.

Nossa primeira parada foi na casa de Anne Frank, hoje

um museu, onde enfrentamos uma grande fila para conhecer um pouco da triste realidade dos tempos da Segunda Guerra Mundial.

Juliane e eu conversávamos animadas enquanto apreciávamos a arquitetura peculiar das construções centenárias - algumas já existiam aqui mesmo antes do descobrimento do Brasil. Todas de tijolos, desde a cor terracota até o marrom escuro, grudadas umas às outras e com imensas janelas de molduras brancas. A maioria sem cortinas, algumas com as típicas cortininhas rendadas de meia-janela, ou com finos tecidos transparentes. Porém, sempre com os parapeitos internos bem decorados de vasos com flores coloridas, bibelôs de porcelana e, às vezes, um gatinho apreciando o movimento.

O barco seguia passando por baixo de pontes em arco, que iam diminuindo de altura à medida em que nos dirigíamos aos pequenos canais secundários. As casas mudavam um pouco de formato, exibiam pequenos jardins e cerquinhas brancas enfeitadas por bandeirolas alaranjadas, resquícios da festa do Dia do Rei.

Lembramos de abrir nossa cesta de piquenique típica da família, com várias frutas, cenourinhas, tirinhas de pepinos, tomates-cereja e muitos queijos. Assim, degustando gostosuras, iam passando por nós uma infinidade de outros barcos.

Chegando ao centro da cidade vimos o trânsito intenso de carros, bondes e mil bicicletas!

— “Olhe ali a ‘Curva Dourada’! Um belo e famoso conjunto de prédios.

— “Daqui a pouco vamos passar pelas quinze pontes!”
As mais famosas e preferidas para as fotos dos turistas.

E assim foi passando o dia, passando o barco, em frente à Prefeitura; à Torre do Balanço, onde gente destemida se balança a 100 metros do chão; ao Museu Marítimo...

As casas-barcos são um capítulo à parte! Flutuantes às margens dos canais, mostram um pouco do cotidiano de um

povo que tentou resolver o problema de espaço para moradias. Exibem janelas enfeitadas com floreiras, mini hortas plantadas e bem cuidadas em caixas de madeira e vasos. Com poltronas coloridas nas varandas, onde os holandeses desfrutam do sol que tanto amam! Frequentemente são palcos de festas e agitos noturnos. Algumas relíquias não são mais habitadas. Outras podem ser alugadas, e até já me imaginei passando alguns dias ali.

O passeio estava chegando ao fim. Pude notar que o céu mudava de cores, refletindo sobre as águas poucas nuvens cor de pêssego.

Ainda bem entusiasmada com o dia de tantas belezas, compreendi porque os Canais de Amsterdam tornaram-se Patrimônio da Humanidade da Unesco em 2010.

Voltamos para casa tagarelando, Juliane e eu, com nossa cesta de piquenique vazia, mas cheias de alegria. Alimentadas por uma cultura tão interessante!

Agradei o passeio com a minha guia turística preferida.

Amanhã será um novo dia de primavera, e poderemos passear mais um pouco pelas águas da Holanda!

ENTREGAR-SE PARA SE INTEGRAR

Teresa Teixeira de Britto

Logo se arrependeu do impulso de sair a caminhar naquela manhã chuvosa. Concluiu que não fora boa ideia, pois tal bruma só agravava o seu estado de ânimo, só incitava o **fogo** que ardia em sua alma.

Sentia a umidade penetrar no seu corpo inquieto. Irritava-se vendo gotas d'**água** despencarem das folhagens, dissolvendo-se naquele quase charco.

Nem a passarada dava sinal de vida. Por certo, das copadas, observavam o seu caminhar, ora lento, ora ligeiro, mas sempre esmagando a **terra** molhada com o furor de sua revolta.

Parecia que dois seres comandavam o seu cérebro. Um exigia vingança! Inconformado pelas injustiças sofridas, bradava ao ar praguejando, querendo ver o ultrajante humilhado, rogando perdão. Mas o outro, contrapondo, em sussurro, dizia que o perdão liberta. – Aí o argumento se fazia presente, lembrando que o perdão tem que ser precedido por julgamento, mas para julgar é preciso dar crédito à razão de cada um.

E nessa luta interna, seguia o caminho sem notar que a chuva diminuía, que o **ar** lhe trazia o perfume suave, que, da vegetação, agora emanava.

A ternura foi envolvendo a alma e, quando o som de uma revoada atraiu o seu olhar para o céu e o **ar** generoso acariciou suas faces, percebeu que o frio já não incomodava. A roupa molhada já não pesava tanto. Era como se o **fogo**, que acalentara o ódio, trocasse de foco, insuflando alegria de viver.

Serenamente contemplou a pujança em que se inseria. Um sorriso brotou em seus lábios, desprezando os sentimentos que cegavam a visão do todo. – Então dobrou os joelhos sobre a **terra**, reverenciou a força da natureza e voltou para casa em paz, ciente de que é preciso se entregar para se integrar.

QUATRO ELEMENTOS

Ubiratan Lustosa

Ao largo das teorias filosóficas, e dando descanso a Empédocles, Aristóteles e quem mais tenha pensado sobre os chamados Quatro Elementos da Natureza, eu me fixo neles, sem ordem de valor ou preferência, e ligados aos dias em que estamos vivendo.

Terra, ar, água e fogo.

Não importa porque viemos para cá, quais nossas origens ou destino. Estamos aqui e somos dependentes da natureza. Quando viemos, as matas eram abundantes, os rios caudalosos e era puro o ar que se respirava. Aprendemos a dominar o fogo e a nos utilizarmos dele.

Fomos aumentando em número, em necessidades e em desejos. Derrubamos árvores, matamos animais e poluímos rios. Queimamos florestas. Ocasionalmente a alteração do clima e vimos aumentar a força dos ventos. Rios antes caudalosos estão morrendo e já sofremos a falta de água. A Natureza é pródiga e muito dá, mas também pede. Ela quer respeito, ela merece carinho. Em seu magistral soneto "Pomba e Chacal", o poeta Olavo Bilac assim a ela se refere: " Ó Natureza! ó mãe piedosa e pura! Ó cruel, implacável assassina!"

Por tudo isso vemos que é imperioso o respeito à natureza. Em crônica que escrevi muitos anos atrás, eu fiz a conclamação: "É preciso plantar árvores, muitas árvores, especialmente nas cabeceiras dos rios e ao longo de suas margens. É preciso, também, preservar a vida dos animais. É preciso evitar a poluição dos rios. É preciso usar o solo com parcimônia, para que ele sempre seja fértil, receba as sementes e, com abundantes colheitas, recompense a dedicação dos homens.

Não basta pedir ou exigir dos governos uma ação

salvadora. Todos somos responsáveis pelo futuro e é agora que devemos agir, corretamente, decididamente, patrioticamente, para que esse futuro seja próspero e feliz. Plantemos árvores, para que as matas voltem a ser abundantes, para que os rios voltem a correr caudalosos, para que os animais proliferem, para que os ventos voltem a soprar com mansidão, para que as chuvas voltem a cair com regularidade, para que o clima volte a estabilizar-se e nossas terras sejam sempre férteis e dadivosas.”

Terra, ar, água e fogo podem ser bênção ou castigo. A escolha é nossa.

SEM ELES NADA EXISTIRIA...

Valeria Borges da Silveira

"A água me purifica. O fogo me aquece.
O vento me guia. E a terra me
fortalece..."

Valeria Borges da Silveira

E... o Planeta Terra foi criado, e nos foi concedida a oportunidade de evolução com os elementos essenciais para a formação da Terra com mais perfeição...

O fogo desde o início estava presente na matéria do Planeta. O elemento fogo é a própria energia e a intuição; e nos remete ao plano espiritual. É o entusiasmo do dia a dia, é o vivenciar emoções com alegria ou intensidade, é a busca da superação. O fogo simboliza ainda o exercício da vontade e da conquista da liberdade.

Os ventos e os elementos do ar cuidaram da evolução dos gases, tornando o ambiente apto às diversas formas de vida. Reporta-nos aos pensamentos, entendimento e conhecimento. Implementa o movimento de renovação, com ideias, criatividade, imaginação...

A precipitação da água fez surgirem mares, rios e lagos, os quais foram modificados para purificar o habitat de tantas vidas... O elemento água está ligado às emoções e aos sentimentos.

E o elemento terra fez surgirem os continentes, as plantas, árvores...

Representa a estrutura do corpo físico e respectivas sensações.

Fogo, Terra, Ar e Água são quatro elementos vitais para a vida no Planeta Terra, seja para os seres humanos, ou até para a

mais simples das criaturas. Sem eles nada existiria.

Os quatro elementos estão na natureza como um todo. Também na filosofia, na mitologia, na astrologia e em tantos outros tipos de ciências, desde suas origens.

Podemos encontrar os quatro elementos nas escrituras sagradas da Índia. Na China, entendiam a vida através da complementaridade das energias Yin e Yang, ou seja, feminino: passivo e receptivo; masculino: ativo e penetrante, respectivamente. Dividindo os elementos nesses dois grupos, o fogo e o ar são considerados ativos e estão relacionados com a energia Yang; enquanto água e terra são considerados passivos e se relacionam com a energia Yin.

Se tivermos em conta o próprio desenvolvimento da astrologia ao longo dos milênios, verificamos que esta ciência estruturou-se através de cálculos matemáticos e de simbologia inspirada nos elementos, como quatro conjuntos de referência dos tipos de personalidade que agruparam os 12 signos, que representam características do Ser Humano.

Os signos representados pelo elemento Ar são Gêmeos, Libra e Aquário. No elemento Água temos Câncer, Escorpião e Peixes. Ao elemento Fogo foram atribuídos Áries, Leão e Sagitário. E os que representam o elemento Terra são Touro, Virgem e Capricórnio.

Justamente por sua importância e por estarem tão intrinsecamente ligados a vida, os “quatro elementos” são estudados desde a antiguidade.

Por meio deles podemos entender melhor sobre nossa personalidade, como conviver com nós mesmos e satisfazer nossas necessidades. Eles nos remetem ao nosso temperamento, valores, forma de viver.

ÁGUA, UM BEM FINITO!

Vânia Maria Souza Ennes

Invoco, neste momento, o princípio dos sábios, daqueles que com o seu bom senso estimulam a sociedade, pedindo cautela diante do uso inadequado e do desperdício da matéria líquida que chamamos de Água. Um atributo divino, um bem supremo que nos dá a vida. Fato extremamente importante para todos os seres vivos do Planeta Azul.

Não fosse ela, certamente, não existiria vida na Terra!

Mas, afinal, o que é a Água? Quimicamente, uma composição de dois elementos, hidrogênio e oxigênio; originária da natureza, encontrada pelo mundo em três diferentes estados físicos: sólido, líquido e gasoso.

Neste exato momento, é notória a nossa preocupação no sentido de resguardar esta arquivionária substância. Bálsamo reconfortante, de adorável paladar.

Entretanto, é muito interessante saber que em nenhum outro planeta se conhece a existência de água, necessária à manutenção da vida, da forma como a conhecemos.

No tocante à análise do assunto, o globo terrestre possui quinhentos e dez milhões de quilômetros quadrados em sua superfície. Os mares ocupam mais do que a metade dessa área - e quando suas águas evaporam, refazem o ciclo das chuvas, devolvendo à terra água potável em benefício da humanidade.

Apesar da imensidão dos oceanos, apenas os grandes rios, lagos, represas ou aquíferos fornecem água doce com baixo custo de tratamento. Dentre os grandes mananciais, podemos relacionar os grandes rios como: Amazonas, Mississipi, Nilo e Yang Tsé.

Uma curiosidade: o rio *Amazonas* é o maior e mais volumoso rio do mundo, bem como possui a maior vazão de água doce do mundo. E, ainda, conta com um potencial

gigantesco na área agrícola, pecuária, abastecimento e geração de energia elétrica.

Obviamente, não podemos esquecer que a água, além de estar presente na natureza, também compõe mais da metade do nosso corpo, permitindo-nos pensar que falar de água é falar de sobrevivência.

A rigor, a água sempre foi considerada um tesouro produtivo inesgotável, mas, infelizmente, virou símbolo de riqueza e de conflitos do poder econômico. Por exemplo, no Kuwait não tem água doce, portanto, é vital dessalinizar ou importar.

Vale refletir: embora o Brasil seja o país com maior concentração de água doce disponível no mundo, a poluição dos rios encarecerá o tratamento da água.

Contudo, vejamos, aqui na capital do Paraná, tão cantada em verso e prosa, diante da seca que nos castiga e da falta de estrutura dos reservatórios, não é a primeira vez que estamos sofrendo, de forma generalizada, a falta dela.

Sim, a água em Curitiba e no Estado do Paraná, há mais de seis meses está racionada, chegando nas torneiras, atualmente, de dois em dois dias. Um caos!

Notadamente, tentando desvendar os mistérios da natureza, muitos governantes fazem viagens longínquas para admirar as imensas ondas dos mares, o longo percurso dos rios, o vasto domínio dos oceanos, a altura das montanhas e, no entanto, pouco fazem para manter as caixas d'águas cheias nas cidades, hospitais, residências, indústrias, por falta de investimentos nas estações de tratamento de água e esgoto.

Por derradeiro, pensando bem, a falta d'água me parece tão bárbara quanto a falta de comida. E a sorte está lançada: Só perceberemos, verdadeiramente, o valor da água, a coisa mais importante da nossa existência, se um dia a fonte secar, vítima do clima ou de maus tratos nos leitos dos rios!

Para melhor apreciar o epílogo deste palpitante problema, valho-me de um resumo em Trovas, de minha autoria: escopo

O elemento H₂O,
fonte de vida e energia,
vale mais do que ouro em pó,
nossa maior loteria!

Recursos da natureza,
poluir é covardia,
sofreremos, com certeza
consequências dia a dia.

Cobre três quartos da terra,
rege o mundo, é essencial.
Vem do céu, do mar, da serra
água pura e natural.

Água, líquido precioso,
sua importância é vital.
De paladar saboroso
"é melhor... e não faz mal!"

Água límpida é preciosa
para o planeta, vital,
pura, líquida ou gasosa
tesouro fundamental.

Diante da natureza,
respire fundo e compreenda:
para curtir a beleza
poupe, limpe... Surpreenda!

A ÁGUA

Zélia Sell

Nunca demos tanta importância a este elemento da natureza - a água - como neste ano de 2020 quando, além da pandemia de coronavírus que nos obrigou a lavar as mãos a toda hora, ainda tivemos incêndios florestais na Amazônia, cuja bacia hidrográfica é a maior do mundo!

Com uma drenagem de 5,8 milhões de quilômetros quadrados, sendo 3,9 milhões de quilômetros quadrados no Brasil, o Rio Amazonas tem 6.500 quilômetros de extensão, sendo o maior rio em volume do mundo. É ele que despeja anualmente 20 por cento de toda a água doce nos oceanos!

A água, portanto, não é só a alma das paisagens e o meio de transporte de vidas por mares e rios, mas é a própria garantia de vida para o ser humano no presente e no futuro.

Não se engana quem diz que as próximas guerras não serão mais pelo petróleo e sim pela água, que vem se esgotando no planeta Terra.

A água surgiu na crosta terrestre há mais de quatro bilhões de anos, quando as erupções vulcânicas lançavam à superfície grandes quantidades de rochas derretidas. O volume de gases, muito alto, ficava em ebulição na água.

O início da vida no planeta ainda é um mistério, mas supõe-se que tenha sido há três bilhões de anos, em meio a intensas descargas elétricas, quando teriam surgido as primeiras algas e bactérias. Desde então, a água renasce nas nuvens como gotículas leves e suspensas no ar como neblina ou nuvens no céu. Ao ficarem muito pesadas, as nuvens derramam as gotas de água em forma de chuva, neve ou granizo, iniciando o ciclo hidrológico na terra.

Ao correrem nas partes baixas, formam os rios.

A partir do terceiro milênio, no vale do rio Ganges,

suas águas garantiam o transporte das matérias primas e dos objetos manufaturados para toda a Europa. A água já era fundamental para a criação de vacas, cabras e carneiros e o cultivo da cevada, trigo e arroz, além da criação de objetos de metal, como os encontrados em escavações adornados por carros puxados por aves aquáticas.

A água fez também deslizarem as embarcações fenícias, com suas velas quadradas, tornando seus navios mercantes mais manejáveis e rápidos.

E foi nas águas da planície pantanosa, ao pé das colinas do rio Tibre, que os gêmeos Rômulo e Remo procuraram o local onde foram amamentados pela loba para fundarem Roma.

Foi a água que impulsionou o desenvolvimento dos navios gregos, que fendiam ondas com 170 remadores na parte de trás dos barcos, orientados pelos vigias da proa em forma de cabeça de javali e popa com formato de pescoço de cisne; à esquerda uma sereia piscava para os navegadores.

Na retirada dos dez mil mercenários contra os persas, o jovem ateniense Xenofonte, no ano de 401 a.C., ouve os gritos de todo o exército: "Thalata! Thalata!" (Mar, Mar!), e diante de seus olhos se estende o Mar Negro, que marca o fim de suas proações.

Ainda foram as águas que conservaram as estátuas colossais de Ptolomeu II e sua irmã Arsinoé II, depois que o farol de Alexandria foi destruído por um terremoto em 1303. E a água mais uma vez permitiu que os túmulos em forma de poço do oeste do México conservassem mumificados os sepultados em uma espécie de terracota ou cerâmica com todos os seus colares, brincos e peitorais de conchas marinhas e pedras semipreciosas, de cores vivas e delicada técnica de fabricação. Lembremos então que, por ocasião do descobrimento do Brasil, a nossa Mata Atlântica, fonte de água, abrangia área de cerca de um milhão de km² ao longo do litoral brasileiro, entre o Rio Grande do Norte e o Rio Grande do Sul, e quinhentos anos de ocupação e exploração depois, esta área está reduzida

a apenas quatro por cento de sua formação original. Sem mata não há água e sem água não há vida.

O início da vida no planeta ainda é um mistério, mas o seu fim é perfeitamente previsível!

A ESSÊNCIA

Zuleima Magaldi

O arco-íris cansou de tanto ser fotografado e protestou desbotando um pouco suas listras multicoloridas. A plateia, fascinada, permaneceu imóvel, esperando o regresso da vivacidade multicor. Assim, o arco perfeito emoldurou aquele mar esverdeado por um bom tempo.

Inesperadamente, o encanto cedeu lugar a uma chuva forte, que espantou e fez correr, chegou torrencial. Para onde foi o sol? E as cores? Para olhos mais atentos havia algo de muito estranho naquela mudança tão repentina.

Assim foi o dia no qual o portal multicor anunciou a chegada do alinhamento ou desalinhamento planetário. A história que se faz no cotidiano mudado e transmutado, começou o seu relato na tentativa de explicar o inexplicável.

Até o momento, o que se sabe é que somos um tanto frágeis, débeis diante dos mistérios da vida. Quando chegam as tempestades, com seus ventos impetuosos mostrando quem de fato manda por aqui, não conseguimos entender o desaparecimento da brisa suave que acolheu e acariciou nossa alegria minutos antes.

E o que dizer das marolas tranquilas acalentando lindos sonhos?

Repentinamente se enfurecem e se arremessam contra a rocha impassível.

O pinheiro continua soberano olhando para o céu, tentando decifrar a mudança das cores, e o coqueiro que se curva flexível até onde a terra encontra o mar, se cansa e descansa na areia.

O fogo se deixa levar pelo ar, desafia a água, não se intimida com os obstáculos e transmuta sem piedade o que encontra pelo caminho. A Terra se abate.

Já os sobreviventes, teimosamente, se voltam para a vida. As flores se exibem coloridas. Sábias, saltitam incansáveis. O beija-flor beija as flores. O verde é ainda mais verdejante e as abelhas apressadas fazem o mel. As borboletas se divertem em bando e a terra sorri e acolhe a vida.

Os espectadores da abertura do portal ainda tentam, atordoados, entender o que acontece e esquecem que é o silêncio o dono das respostas. É ele o trilho condutor que mostra o caminho de casa. Não apenas da casa física que abriga o corpo cansado e a mente dilacerada.

O “Pulso do silêncio” impõe o retorno ao recôndito da alma e assim faz lembrar que já havia ensinado que é o agora aquele que abriga o amanhã.

Enquanto o aprendizado acontece, as ondinas, as salamandras, os sílfides se juntam aos amigos invisíveis e brincam no fogo, no ar, nas águas e na nossa casa terra, esperando pelo amanhecer.

BIOGRAFIAS DOS AUTORES

ADÉLIA MARIA WOELLNER

Curitibana. Foi funcionária da Rede Ferroviária Federal e Professora de Direito Penal na PUC/PR. Presidiu o Centro de Letras do Paraná no biênio 1997/99. Pertence à Academia Paranaense de Letras, além de outras entidades literoculturais. Recebeu inúmeros prêmios e homenagens. Autora de diversos livros, publica poemas, crônicas, pesquisa e literatura infantil. Sua obra foi objeto de dissertação de mestrado, de pesquisa de pós-doutorado e de análise crítica. Tem seu nome incluído, como verbete, em diversas obras e dicionários.

ANDRÉA MOTTA (Andréa Motta Paredes)

Natural de São Paulo. Radicada em Curitiba. Graduada e pós-graduada em Direito. Em sua trajetória literária, obteve várias premiações. Autora do livro *Natureza íntima* (poemas curtos). Titular da cadeira nº 30 da Academia Paranaense da Poesia, sendo sua 1ª Vice-Presidente. Diretora de Relações Institucionais do Centro de Letras do Paraná. Primeira Vice-Presidente Nacional do Proyecto Cultural Sur/Brasil. Segunda Secretária do Observatório da Cultura Paranaense. Presidente da União Brasileira de Trovadores – Seções Paraná e Curitiba.

ANDREY LUNA GIRON

Nascido em Curitiba. Formado em Pedagogia. Trabalha no Museu Guido Viaro, onde dá palestras semanais e já ministrou cursos de História da Arte, da Filosofia e da Música. Fez exposições de pinturas e fotografias em diversas galerias e museus. Tem publicados dois livros de poemas. Membro do Centro de Letras do Paraná. Palestrante. Atua na área da música também como maestro e compositor. Possui CD gravado de música clássica contemporânea. Em cursos ministrados de História da Filosofia, tem interesse especial nos filósofos Nietzsche e Platão, desenvolvendo pesquisa sobre suas obras.

ANGELO BATISTA

Nascido em Mandaguari (PR). Escritor, cronista e poeta. Estudioso da música popular brasileira. Autor de seis livros. Participou de 22 coletâneas e elaborou diversas apresentações e prefácios de livros de outros autores. Atuou no comércio farmacêutico. Também atuou como Juiz Classista. Vereador por dois mandatos em Curitiba. Membro da Academia Paranaense da Poesia, da Academia de Cultura de Curitiba, da União Brasileira de Trovadores – PR e do Centro de Letras do Paraná, atualmente fazendo parte do seu Conselho Fiscal.

ANITA ZIPPIN

Advogada, jornalista, escritora e poeta. Assessora jurídica do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. Presidente da Academia de Letras José de Alencar. Compõe o Centro de Letras do Paraná, o Instituto Histórico e Geográfico, o Observatório da Cultura Paranaense e a Associação Mundial das Periodistas e Escritoras. Possui três livros publicados – *O Dálíio Que Eu Vi*, *Década* e *Pais Filhos: Encontros, Desencontros* – e dois a caminho. Como jornalista teve mais de 3.000 crônicas publicadas. Projetos de sua autoria na área cultural: Antologia de Bolso, em 10 volumes; Coleção Helena Kolody, em 20 volumes, e *Trova Comigo?*, em 10 volumes, da Academia de Letras José de Alencar.

ANTONIO VICENTE PEREIRA FILHO

Professor. Engenheiro Civil. Mestre em Educação. Pós-graduado em Didática do Ensino Superior. Lecionou Topografia (Instituto Politécnico Estadual), Geometria Descritiva (Escola Técnica Federal do Paraná e PUC/PR) e Perspectiva (Escola de Música e Belas Artes do Paraná, onde ocupou o cargo de Diretor, de 1995 a 1997). Participou do quadro de pessoal do antigo DNER (1960/1988). Cronista. Membro do Centro de Letras do Paraná.

ARLINEU RIBAS

Nascido em Ponta Grossa (PR). Engenheiro Civil. Aposentado pela Sanepar, onde exerceu diversos cargos de gestão. Um dos criadores e coordenadores do Programa de Saneamento Ambiental da Região Metropolitana de Curitiba. Por três anos, Secretário Executivo do Consórcio Intermunicipal para Gestão dos Resíduos Sólidos da Região Metropolitana de Curitiba. Diretor da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental - Seção Paraná. Presidiu o Comitê da Bacia Hidrográfica Litorânea do Paraná. Cronista. Membro do Centro de Letras do Paraná.

ARNALDO DUMSCH

Médico. Formado pela Faculdade de Ciências Médicas, atual PUC/PR. Estudou no Grupo Escolar 19 de Dezembro e no Colégio Santa Maria. Reside em Curitiba. Realizou sua carreira profissional em Santa Catarina. Fundador do Rotary Club de São Miguel do Oeste (SC). Governador do Distrito 4.740 do Rotary Club, em Santa Catarina, na gestão 1987/88. Foi *chairman* do Grupo de Estudos do Rotary Internacional para a Índia. Cronista. Membro do Centro de Letras do Paraná.

ARRIETE RANGEL DE ABREU

Natural de Castro (PR). Reside em Curitiba há mais de 50 anos. Licenciada em Educação Artística. Graduada em Administração. Escritora e poeta. Empreendedora e Promotora Cultural. Associada e membro da Diretoria do Centro Paranaense Feminino de Cultura, da Academia de Cultura de Curitiba (ACCUR) e do Centro de Letras do Paraná. Associada da Associação Paranaense de Imprensa. Participa do Observatório da Cultura Paranaense. Mentora e gestora do Portal SemeARTE Cultura.

CARLOS MORITZ VICENTE GOMES

Bacharel em Ciências Contábeis pela UFPR. Funcionário

Público Inativo do Tribunal de Contas do Estado do Paraná. Membro do Conselho Fiscal do Centro de Letras do Paraná. Tesoureiro da Liga da Defesa Nacional. Foi Presidente do Lions Clube Curitiba Santa Felicidade, por duas vezes, e do Lions Clube Curitiba Capital, por seis vezes. Membro do Rotary Club de Curitiba Centro. Membro Fundador e da Diretoria da Associação Paranaense M.M.D.C. 32 e Heróis do Cerco da Lapa. Membro Fundador e da Diretoria do BALimentos – Banco de Alimentos Metropolitano de Curitiba. Lecionou na Faculdade De Plácido e Silva. Membro da Associação Paranaense de Imprensa, tendo atuado em diversos jornais, inclusive nos diários A Tarde, O Dia e O Estado do Paraná.

CASSIA CASSITAS (Rita de Cassia Cassitas Lima)

Curitibana. Escritora. Contadora de histórias contemporâneas. Autora de *O Menino que Pedalava* (2016), *Riding* (2015), *Saga of Wealth* (2013), *Fortuna A Saga da Riqueza* (2012), *Sunday The Game* (2011), *Domingo O Jogo* (2010 - best seller digital - 33 semanas no ranking dos jornais O Globo / Folha de São Paulo). Membro do Centro de Letras do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Cultura e Círculo de Escritores de Genebra, entre outros. Presidente da Academia Feminina de Letras do Paraná.

CIRUS ITIBERÊ DA CUNHA

Engenheiro Civil, formado pela UFPR. Concursado, estatutário, atuou na Prefeitura Municipal de Curitiba a partir de 1979. Aposentado. Curso de Supervisor de Segurança do Trabalho pela FIEP. Pós-Graduação *lato sensu*: Especialização em Gestão Urbana, Saúde e Meio Ambiente; em Administração Pública; em Gestão e Planejamento Ambiental; e em Saúde, Meio Ambiente e Segurança no Trabalho – todas as quatro pela Faculdade Educacional Araucária. Cronista. Membro do Centro de Letras do Paraná. Presidente da Associação Brasileira de Engenheiros Civis, Departamento Paraná (ABENC-PR), gestão 2019/21.

CYROBA BRAGA RITZMANN (Cyroba Cecy Braga Oliveira Ritzmann)

Nasceu em Porto União (SC). Reside em Curitiba. Graduiu-se em Pedagogia pela UFPR. Foi Diretora do Colégio Estadual do Núcleo Social Yvone Pimentel durante 18 anos. Artista Plástica, aperfeiçoou seus conhecimentos de desenho na Academia Julien, em Paris. Cidadã Honorária de Curitiba. Trovadora, poetisa e cronista. Membro do Centro de Letras do Paraná, da Academia Paranaense da Poesia, da Academia de Cultura de Curitiba e da União Brasileira de Trovadores – Seção Curitiba. Possui vários livros publicados, destacando-se suas obras de trovas e aldravias.

DANIEL MAURÍCIO

Nascido em Jaguariaíva (PR). Membro do Centro de Letras do Paraná e da Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia (AVIPAF). Graduado em Letras (UFPR); Administração de Empresas (FESP) e Direito (FARESC). Pós-graduado em Gestão Administrativa e Tributária (PUC/PR). Pós-graduado em Gestão de Pessoas e Qualidade no Setor Público (SPEI). Pós-Graduado em Gestão Pública de Tecnologia da Informação (PUC/PR). Pós-Graduado em Gestão Pública (FAEL). Auditor Tributário. Autor dos livros *Mosaico de Sentimentos* e *Cacos e Retalhos*. Participante de diversas coletâneas e antologias.

DI MAGALHÃES (Divino Ferreira de Magalhães)

Nascido na cidade de Goiás (GO). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, com Habilitação em Pintura e Gravura. Participou de cursos diversos na área de Artes Plásticas. Realizou exposições nas cidades de Goiânia, Goiás, Brasília, Lapa e Curitiba. Ministra aulas de Pintura. Recebeu condecorações: Medalha Veiga Valle, da Organização Vilaboense de Artes e Tradições; Medalha Pedro Ludovico Teixeira, da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás; e Medalha do Mérito do Anhanguera, do Governo do Estado de

Goiás. Membro e Diretor de Relações Comunitárias do Centro de Letras do Paraná.

EDELAR PROHMANN

Nascida em São Mateus do Sul (PR). Residente em Curitiba. Professora concursada pela SEED PR. Formada em Musicoterapia pela Faculdade de Educação do Paraná (atual Fap), em 1988, com especialização em Didática da Musicoterapia no Instituto Maria Fux, em Buenos Aires, em 1995. *Professional Self Coaching* pelo IBC – Instituto Brasileiro de Coaching e Behavioral Analyst (2012). Foi Coordenadora e Professora do Curso de Musicoterapia da UCSal, Universidade Católica do Salvador (BA). Membro do Centro de Letras do Paraná.

EDIMÉIA BARRETO DA SILVA

Formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) nos cursos de Licenciatura em Música e Superior de Piano, na classe da Professora Urania Vallada Cunha. Pianista, compositora, professora de piano do Círculo Militar do Paraná e poetisa. Já lançou um CD através da lei de incentivo à cultura junto a Fundação Cultural de Curitiba. Participou de alguns festivais de música, como o FEMUCIC, Festival de Música de Maringá, sendo selecionada uma de suas músicas. Membro do Centro de Letras do Paraná.

EDUARDO MANOEL ARAUJO

Poeta e escritor. Engenheiro Civil pela UFPR. Mestre em Ciência da Computação pela UNICAMP. Atuou como Engenheiro, Analista e Gestor na Copel. Autor do livro *Um Sonho Possível – do materialismo não sustentável a uma vida holística sustentável*. Articulador do Movimento da Pedagogia da Vida, do Projeto Círculos da Sustentabilidade, e de diversos outros projetos. Consultor do Programa de Cidades do Pacto Global das Nações Unidas por cinco anos. Conselheiro do

Instituto Arayara de Educação para a Sustentabilidade por 15 anos. Membro do Centro de Letras do Paraná.

E. E SOVIERSOVSKI (Enoizi Elaine Cunha Soviersovski)

Nascida em Curitiba. Formada em Ciência da Computação pela PUC/PR, com pós-graduação e MBA em Administração de Empresas. Em 2018 publicou o seu primeiro livro, *Novas verdades, um único amor* (ficção científica com romance romântico). Além de romances, escreve crônicas e contos (disponíveis em diversas coletâneas ou na Amazon). Membro do Centro de Letras do Paraná. Integra a Hardcover, Agência de Desenvolvimento Narrativo do best seller André Vianco. Membro da Subcomissão de Literatura do Mecenato Subsidiado do Município de Curitiba desde 2018.

ELIEDER CORRÊA DA SILVA

Residente em Curitiba. Graduada em Letras Anglo-Portuguesas. Cursou Filosofia. Professora. Secretária de Educação do Município de Garuva (SC) por quatro anos. Presidente do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente de Garuva. Tem quatro livros publicados. Participa de várias antologias com contos e poesias. Pintora e gravurista. Membro do Centro Paranaense Feminino de Cultura, Marianas, Nobilíssima Ordem do Sapo, Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - Paraná e Centro de Letras do Paraná, onde ocupa o cargo de Diretora Primeira Secretária.

EMANUEL MASCARENHAS PADILHA

Advogado, palestrante e professor universitário, com concentração em Direito Civil e Administrativo. Pós-graduado em Recursos Humanos e Desenvolvimento Organizacional. Possui especialização em *Management*. Ocupou cargos de gerência e assessoria na Copel, no Tecpar e na Fundepar. Governador do Distrito 4.730 do Rotary Club em 2004/05. Além de várias obras na área administrativa, publicou livros de

crônicas e poesias. Vice-Presidente do Centro de Letras do Paraná. Presidente da Academia Brasileira Rotária de Letras – Seção do Paraná.

GILKA CORREIA (Gilka Borges Correia)

Curitibana. Atuante nas áreas da Filosofia, da Psicologia e da História, como professora universitária. Pós-graduada com especialização em Orientação Educacional, Metodologia do Ensino Superior, Tecnologias de Ensino, Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar, Psicanálise, Psicodrama e Sexualidade Humana. Mestre e Doutora em Educação, na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atua como palestrante, contadora de história, escritora, poetisa e atriz. Participou de diversas antologias com contos, poesias e crônicas. Publicou o livro *Serendipidades de minh'alma*, em 2015. Presidiu o Centro de Letras de Paranaguá Leônicio Correia. Membro do Centro de Letras do Paraná.

IOLANDA TECLA DA SILVEIRA

Natural de Mafra (SC). Seu segundo nome literário é Iolanda de Balboa. Escritora, poetisa e paisagista. Residiu em vários países da Europa, América e África. Em Angola colaborou com jornais e revistas de Luanda. Escreveu 12 romances, vários ensaios e livros de poesias, além de participação em antologias. Figura na lista das destacadas mulheres da literatura africana pelo seu livro *A Noite da Nossa Angústia*, publicado em Angola. Membro da Academia Feminina de Letras do Paraná, do Centro de Letras do Paraná e do Centro Paranaense Feminino de Cultura. Recebeu Medalha Fernando Amaro, Literatura, da Câmara Municipal de Curitiba, e Placa de Prata por Altos Serviços da Cruz Vermelha Portuguesa de Luanda, Angola.

ISIS RIBAS BUSSE

Nascida em Ponta Grossa. Engenheira Civil. Pós-graduada em Desenvolvimento de Tecnologia, com ênfase

em Meio Ambiente. Diretora e sócia de empresas nas áreas de Engenharia, Arquitetura, Consultoria, Ensino e Pesquisa e Importação e Exportação de Equipamentos Eletrônicos. Governadora do Distrito 4.730 do Rotary Club em 2018/19. Membro da Associação Brasileira de Engenheiros Civis, do Instituto de Engenharia do Paraná, da Mútua Caixa de Assistência do Crea-PR, do Rotary Club de Curitiba Cidade Ecológica e do Centro de Letras do Paraná, onde faz parte da Comissão de Integração Comunitária. Membro da Academia Paranaense de Engenharia e da Academia Brasileira Rotária de Letras - Seção do Paraná, ocupando o cargo de Diretora Segunda Secretária.

JANSKE NIEMANN SCHLENKER

Nasceu em Amsterdã, na Holanda. Muito jovem veio para o Brasil, quando sua família se radicou em Petrópolis (RJ). Em 1957 casou e passou a morar em Curitiba. Publicou seu primeiro livro em 1985. Membro da Academia Paranaense da Poesia, da União Brasileira de Trovadores – Curitiba, do Clube dos Escritores de Piracicaba, da Academia Feminina de Letras do Paraná, do Centro Paranaense Feminino de Cultura e do Centro de Letras do Paraná, onde ocupou cargos na diretoria. Possui vasta bibliografia, além de inúmeras participações em coletâneas de poemas e crônicas.

JEFFERSON DIECKMANN (Jefferson Luiz Moreira Dieckmann)

Escritor e poeta. Advogado. Técnico em Eletrônica, da área de telecomunicações. Possui cinco livros próprios e tem participação em 80 antologias poéticas em vários estados do Brasil. Trabalhou por 36 anos na Copel. Membro do Centro de Escritores Lourencianos (RS), da Academia ALPAS 21 da cidade de Cruz Alta (RS), dos Escritibas na Rua, de Curitiba, e do Centro de Letras do Paraná, onde participa da Comissão de Integração Comunitária. Foi coordenador pelo Brasil de dois

Encontros de Escritores do MERCOSUL, realizados em Puerto Iguazu (Argentina) e em Hernandarias (Paraguai). Presidente da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, sediada em sua cidade natal, São Lourenço do Sul (RS).

JOANA ROLIM (Joana Rita Loiola Rolim)

Natural de São Mateus do Sul (PR). Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Colégio Estadual do Paraná). Professora e Diretora de Teatro na UTFPR (1980-2007). Professora de Teatro e Diretora de Teatro na Ordem Rosacruz. Dramaturga, atriz, roteirista de cinema, romancista, contista, poeta e cronista. Tem, em seu currículo, dez peças de teatro. Participou em antologias. Publicou dois livros. Presidente da Federação de Teatro Amador (1988/89). Presidente do Grupo Aquarius de Teatro. Participou como roteirista nos Festivais de Cinema de Curitiba (1998/2001). Membro do Centro de Letras do Paraná.

JOÃO BOSCO STROZZI

Médico desde 1978. Mestre em Saúde Comunitária (Jerusalém) desde 1981. PhD em Epidemiologia (Los Angeles) desde 1996. Autor de três livros: *SUS Pense* (1997), *Caracol* (2009) e *Paralelo 23*. Membro do Centro de Letras do Paraná e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames). Atua no Instituto Strozzi de Medicina Preventiva. Tem passado de escrita em prosa, mas se dedica também a fazer sonetos e trovas.

JOSÉ MAURÍCIO PINTO DE ALMEIDA

Desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná. Exerceu o cargo de juiz das comarcas de Araucária e Colombo, Palmital, Prudentópolis, Arapongas, Cascavel e Curitiba. Promovido ao Tribunal de Alçada em 2003. Professor Emérito da Faculdade de Direito de Curitiba. Professor licenciado da Escola da Magistratura do Paraná. Membro do Centro de Letras do

Paraná, do Instituto de Magistrados do Brasil, da Academia de Cultura de Curitiba e do Instituto Brasileiro de Administração do Sistema Judiciário (IBRAJUS). Realizou Curso de Formação de Magistrados no Centro de Estudos Judiciários de Portugal (1992/93), representando o Tribunal de Justiça do Estado do Paraná e a Associação dos Magistrados do Paraná, escolhido por concurso de monografias. Autor de diversas obras.

KAZUCO AKAMINE

Paulista de Cândido Rodrigues. Empresária, palestrante e escritora. Fundou a Associação Kazuco Akamine, promovendo talentos em cidadania. Cofundadora de seis entidades, sempre participando da diretoria. Foi membro da Provopar durante toda gestão de Fani Lerner. Como Diretora de Cultura de Campina Grande do Sul, introduziu várias inovações. Participou de antologias no Brasil e no exterior. Recebeu dois prêmios literários. Membro do Centro de Letras do Paraná, da Academia Feminina de Letras do Paraná e da Academia Internacional de Cultura de Brasília.

LEILAH SANTIAGO BUFREM

Graduada e licenciada em Filosofia pela Universidade Católica do Paraná e em Biblioteconomia e Documentação pela UFPR. Mestre em Educação pela UFPR. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid. Professora Titular aposentada do Curso de Gestão da Informação da UFPR. Pesquisadora e Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Pesquisadora 1 do CNPq. Foi a primeira diretora da Editora da Universidade Federal do Paraná. Tem publicados 15 livros, além de inúmeros capítulos de livro, artigos em periódicos científicos nacionais e internacionais e comunicações em anais de congressos nacionais e internacionais.

LILIA SOUZA (Lília Maria Machado Souza)

Nascida em Volta Redonda (RJ). Reside em Curitiba. Graduada em Letras. Especialista em Produção de Texto e Literatura Brasileira. Professora, revisora e escritora. Membro da Confraria Literária Café & Poesia e do Conselho Editorial da Sarau das Letras Editora Ltda., ambas de Mossoró (RN). Preside a Academia Paranaense da Poesia e pertence à Academia Feminina de Letras do Paraná e à Academia Sul-Brasileira de Letras. Participa como Diretora Primeira Secretária do Observatório da Cultura Paranaense. Também integra o Centro de Letras do Paraná e a União Brasileira de Trovadores - Seção Curitiba. Além de trabalhos registrados em revistas culturais, coletâneas, anais de congressos, publicou livros de poemas, contos e ensaios de análise literária.

LIRA AGIBERT (Lira Maria Silva Agibert)

Nasceu em Prudentópolis (PR). Especialista Pós-Graduada em Espaço Escolar e seus Gestores. Possui diversos livros publicados, tendo como principais temas: intolerância humana, preconceito, exclusão e cuidados com o meio ambiente. Artista lírica, poeta, contista, escritora romântica e cronista. Participa de grupos da Arte Musical Lírica e da Literatura. Membro do Centro de Letras do Paraná. Conselheira da Cultura no município de Colombo (PR).

LUÍS RENATO PEDROSO

Nascido em Foz do Iguaçu (PR), em 1928. Foi Promotor Público, Juiz de Direito, Professor de Direito Civil e de Processo Civil em diversas faculdades, no interior e na Capital. Foi Presidente da Associação dos Magistrados do Paraná; Presidente da Câmara de Mediação e Arbitragem da Associação Comercial do Paraná (Arbitac); Juiz e Presidente do Tribunal de Alçada. Nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça, foi Corregedor e Presidente dessa Corte. Participa do Rotary Club, do Movimento Pró-Paraná, da Academia Sul-Brasileira

de Letras e é membro honorário da Academia Paranaense da Poesia. Membro Benemérito da Academia Paranaense de Letras Jurídicas. Presidiu o Centro de Letras do Paraná por 14 anos (1999/2013), tornando-se seu Presidente Emérito. Membro Benemérito da Academia Paranaense de Letras. Recebeu 26 títulos de Cidadania Benemérita e Honorária e inúmeras medalhas, diplomas e condecorações. Autor de inúmeras publicações em anais de congressos, revistas jurídicas e literárias. Coautor do hino do município de Astorga (PR). Publicou, também, o livro de crônicas *Um Pouco de Mim* (2006).

MADALENA FERRANTE PIZZATTO (Maria Madalena Ferrante Pizzatto)

Nasceu em Goiânia. Reside em Curitiba desde 1981. Economista. Poetisa, trovadora, contista e cronista. Ocupa cadeiras na Academia Paranaense da Poesia e na Academia Feminina de Letras do Paraná, onde atualmente é Vice-Presidente. Membro do Centro de Letras do Paraná e da União Brasileira de Trovadores – Curitiba, onde coordena o Juventrova. Participou de várias antologias. Tem trovas e poemas premiados em vários concursos. Livros publicados: *Entre Sonhos e Poesias* (poesia) e *Vida de Lara* (romance).

MARCOS DE LACERDA PESSOA

Engenheiro Civil pela UFPR. Mestre em Engenharia pela USP. M.Phil. e Ph.D pela The University of Birmingham (Inglaterra). Pós-Doutorado pela University of Salford (Inglaterra). Pós-Doutorado pelo Center for Meteorology and Physical Oceanography do Massachusetts Institute of Technology- MIT (EUA). Research Fellow pelo Ralph

M. Parsons Laboratory for Environmental Science and Engineering do Massachusetts Institute of Technology-MIT (EUA). Especialista em Antropologia Filosófica pela Universidad de La Sabana (Colômbia). Atuou como Superintendente de

Inovação da Copel. Publicou diversos artigos científicos e de opinião, inclusive em livros. Autor de três livros sobre inovação. Membro do Centro de Letras do Paraná.

MARIA DA GRAÇA STINGLIN DE ARAÚJO

Curitibana. Professora. Formada em Desenho Industrial (UTFPR) e Letras Português/Francês e respectivas Literaturas. Pós-graduada em Magistério Superior e Pedagogia Religiosa. Membro do Centro de Letras do Paraná, do Centro Paranaense Feminino de Cultura e da União Brasileira de Trovadores/Seção Curitiba, onde exerceu a Presidência (2009/10). Correspondente da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte. Membro da Associação Brasileira de Apoio à Pessoa Idosa (ABRAAPI). Poetisa, trovadora, cronista e artesã.

MARIA DO ROCIO VAZ

Natural de Curitiba. Formada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela UFPR. Pós-graduada em Produção e Revisão Textual pela FAE Business School. Em 2018 lançou o livro de poemas *Escreva, Maria!*. Participou de diversas antologias poéticas e está na gestação de nova obra de poemas. Pertence à Academia Paranaense da Poesia. Atual Diretora de Comunicação do Centro de Letras do Paraná.

MARIA ELIANA PALMA

Nasceu em João Neiva (ES). Vive em Maringá (PR). Formada em Letras Anglo- portuguesas pela UEM e Professora de Literatura e Prática de Ensino de Língua Inglesa na mesma instituição. Professora no Instituto de Línguas de Maringá. Radialista por oito anos, com programa cultural e informativo. Presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Maringá por quatro anos. Secretária Geral da Academia de Letras de Maringá. Tesoureira da UBT – Maringá. Presidente da Associação das Academias de Letras, Ciências e Artes do

Paraná (ALCA), gestão 2017/18. Membro do Centro de Letras do Paraná. Participou de diversas coletâneas. Possui cinco livros publicados.

MARIA INÊS BOTELHO

Natural de Santa Cruz do Rio Pardo (SP). Reside em Mandaguari (PR). Formada em Pedagogia, com pós-graduação na área da Educação. Atuou como Professora (do Ensino de 1º Grau, Médio e Superior), Diretora, Supervisora e Inspetora de Ensino. Na área literária, desenvolve atividades em diversas entidades. Membro e Primeira Secretária da Academia de Letras, Artes e Ciências Centro-Norte do Paraná (sede em Apucarana). Membro da Academia Internacional União Cultural (RJ). Acadêmica correspondente da Academia de Letras, Artes e Ofícios de Taubaté (SP). Membro do Observatório da Língua Portuguesa (Lisboa/Portugal). Membro do Rotary Club de Mandaguari – Família, do Elos Clube de Mandaguari e do Centro de Letras do Paraná.

MARIA TERESA MARINS FREIRE

Doutora em Comunicação e Saúde (PUC/PR). Mestre em Educação (PUC/PR). Jornalista. Professora universitária de Comunicação Social. Artista plástica. Poetisa. Escritora com livros publicados e participações em revistas científicas, congressos, sites literários e coletâneas. Membro da AFEMIL; da ALB (RJ), da ALPAS 21 (RS); do MNEL (BA); do CLP e da APP. Acadêmica e Diretora de Comunicação da ALBAP. Presidente Coordenadora da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, Coordenadoria Paraná (AJEB – PR).

MARLI VOIGT

Nasceu no Distrito de Marcílio Dias, região de Canoinhas (SC). Mora em Curitiba desde junho de 1988. Artesã. Técnica em Enfermagem e Socorrista. Orientadora teológica infantil. Contadora de histórias. Escritora. Frequenta atividades e

participa de projetos de diversas entidades culturais. Produz trabalhos poéticos, vários publicados. Membro do Centro de Letras do Paraná.

NAIR RODRIGUES DE CARVALHO

Nasceu em Itapeva (SP). Reside em Curitiba. Em São Paulo, formou-se Estilista, profissão que exerceu em Curitiba. Dedicando-se integralmente a esse trabalho, teve oportunidade de desenvolver seus dons artísticos, vindo então a desabrochar o seu latente, mas até então escondido, pendor poético. Como poetisa, participou de várias edições do projeto Talentos da Maturidade, que o Banco Real promovia. Frequenta as atividades de diversas entidades. Publicou dois livros. Membro do Centro de Letras do Paraná.

NEUMAR CARTA WINTER

Nascida em Curitiba. Com licenciatura em Letras Neolatinas, pela Faculdade Católica de Filosofia, possui Pós-Graduação em Literatura Brasileira Contemporânea, pela PUC/PR. Foi professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Rede Estadual de Ensino. Pertence ao Centro de Letras do Paraná (que presidiu entre 2013/15), Academia Feminina de Letras do Paraná e Centro Paranaense Feminino de Cultura. Palestrante. Autora, entre outras obras, de: *Reforma Ortográfica 2009*; *Hífen dos compostos*; *Estudos Literários*; *Estudos Literários II*. Tem artigos publicados em revistas do Centro de Letras do Paraná e da Academia Paranaense de Letras, como também participação em livros: *Um Estudo – Análise literária de poemas de Sons do Silêncio*, de Adélia Maria Woellner; prefácio de *No compasso de uma vida...*, de Neusa Ribeiro Carta; apresentação de *Aforismos, Epigramas, Máximas & Afins*, de João Manuel Simões; apresentação e *Um Estudo*, na obra *Travessias... (do inconsciente ao consciente)*, de Adélia Maria Woellner.

NEY FERNANDO PERRACINI DE AZEVEDO

Curitibano. Engenheiro Civil, com carreira na Copel. Professor da UFPR, aposentado. Presidiu o Instituto de Engenharia do Paraná e a Associação Brasileira de Engenheiros Civis – Departamento do Paraná e Diretoria Nacional. Autor de artigos e crônicas em jornais, revistas e livros. Autor e organizador de livros. Participa do Conselho Consultivo do Observatório da Cultura Paranaense. Membro da Associação Brasileira de Engenheiros Escritores – Diretoria Nacional e Regional Paraná, da União Brasileira de Escritores (PE), da Academia Paranaense de Engenharia e da Academia Brasileira Rotária de Letras – Seção do Paraná. Presidente do Centro de Letras do Paraná.

OTÁVIO BRESSANI

Nascido em Jaraguá do Sul (SC). Seguiu carreira técnica. Atuou como empresário nas áreas de manutenção industrial e construção civil. Em 2001 começou a escrever com frequência. Ingressou em 2012 no Centro de Letras do Paraná, integrando, atualmente, a Comissão de Promoção da Imagem Institucional. Após anos de pesquisa, lançou, em 2018, o livro *Números de Deus*. Escreve crônicas.

PAULO GOMES (Paulo Roberto Moreira Gomes)

Nascido em Caputira (MG). Médico Veterinário, Advogado e Jornalista. Poeta e escritor. Autor de contos, romances, poemas, trovas, quadras, pensamentos, acrósticos, crônicas e livros. Presidiu a Sociedade Paranaense de Medicina Veterinária. Membro do Centro de Letras do Paraná (atual Diretor Segundo Secretário), da União Brasileira de Trovadores – Seção Curitiba, da Academia de Cultura de Curitiba, da Academia Paranaense da Poesia e da Soberana Ordem do Sapo. Publicou o livro de poemas *Tudo é Poesia*. Conhecido como Poeta das Ruas.

PEDRO RICARDO DÓRIA

Nascido em Paranaguá (PR). Cursos universitários: Filosofia, Direito e Mestrado em Sociologia Política (UFPR). Atuou como jornalista especializado em Economia e como Professor na Faculdade Católica de Administração e Economia (FAE). Também atuou na Copel. Livros publicados: *Energia no Brasil e Dilemas do Desenvolvimento – A Crise Mundial e o Futuro* (1976); *Jaime Lerner: Liderança, Autoridade e Contexto Político* (2002); *Getúlio, FHC e Lula* (2008); *Brasil: Grande Potência no Século XXI* (2012) e *Populismo & Corrupção: O que Esperar do Brasil a partir de 2017?* (2016). Membro do Centro de Letras do Paraná.

RENY BISPO DE JESUS

Graduada em Ciências, com Habilitação em Química, pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Cascavel, com especialização em Metodologia do Ensino de Ciência e Mestrado em Educação e Ciências, este pela UFSC. Autora do livro *As Plantas Curam: Ervas, Flores e Frutos*. Possui artigos científicos publicados em anais de congressos. Aposentada como Professora Titular da UTFPR. Declamadora, violeira e integrante do Grupo Prosa & Viola, defende a música sertaneja de raiz. Estudante de música e viola na Escola de Música Avanso. Associada de várias entidades culturais, como Centro de Letras do Paraná e Academia Paranaense da Poesia.

RITA DELAMARI (Rita do Rocio Alves dos Santos)

Escritora e poeta. Natural de Curitiba. Formada em Pedagogia. Graduou-se como 1º Sargento na PMPR. Membro do Centro de Letras do Paraná. Pertence à AVIPAF - Academia Virtual Internacional de Poesia, Arte e Filosofia. Integrante do Coletivo “Marianas”. Foi uma das vencedoras do Concurso Literário Fazenda Rio Grande (PR), organizado pela Prefeitura daquele município, em 2018. Publicou os livros: *Das pedras as flores* (2011); *Da janela do quarto* (2015) e *Contornos e*

contrastes (2018). Tem participação em antologias nacionais e internacionais. Possui textos publicados no site “Recanto da Letras” e em diversas revistas.

RÔ CARON (Rosângela Caron Bastos)

Curitibana. Poetisa, artesã e desenhista. Licenciada em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Formada como Técnica em Desenho Industrial pelo CEFET-Paraná. Professora de Desenho Artístico. Participou de diversas coletâneas e publicou livro de poesia. Participa da Academia Paranaense da Poesia, da União Brasileira de Trovadores – Seção Curitiba e do Centro de Letras do Paraná (membro da Comissão de Eventos Especiais).

ROMUALDO VICENTE DE RAMOS

Nasceu e reside em Curitiba. Bacharel em Química e Licenciado em Ciências pela PUC/PR. Acupunturista e Naturoterapeuta, cursou formação superior em Naturoterapia, com ênfase em Terapias Orientais, e pós-graduação em Acupuntura na FIES PR. Participou com contos e crônicas nas Miniantologias – Letras Associadas 1, 2, 3, 4 e 5 e nas Antologias Rede das letras e Janela das letras, publicadas pela Associação das Letras, de Joinville (SC), em 2015 e 2016. Autor do ebook *Só acontece em Tarqeq*, publicado na Amazon em 2020 pela Manuscritos Editora. Membro do Centro de Letras do Paraná.

SIMONE KRONLAND (Simone Maria Kronland Golin)

Nascida em Curitiba. Licenciada em Geografia. Tesoureira e Secretária Nacional da Associação Azul de Pesquisas e Estudos da Mente (1986/92). Organizadora dos cursos D.O.M. - Desenvolvimento e Orientação Mental em Curitiba (1986/92). Empresária nas áreas editorial, imobiliária e pecuária. Coordenadora do Projeto Criança Atami – Associação Social Criança Atami (2007/10). Diretora Financeira da Associação Comunitária Balneário Atami (2010/20). Membro e atual

Diretora Primeira Secretária da Academia Brasileira Rotária de Letras – Seção Paraná. Membro e atual Segunda Tesoureira do Centro de Letras do Paraná.

TERESA TEIXEIRA DE BRITTO

Curitibana. Licenciada em Letras pela PUC/PR. Atuou como Professora. Na UFPR, aposentou-se no cargo de Técnico em Assuntos Educacionais. Participa do Centro de Letras do Paraná (atual Vice-Presidente), Academia de Letras José de Alencar, Academia Feminina de Letras do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Cultura e Soberana Ordem do Sapo. Realização: com Valêncio Xavier, documentário *Meu berço é o cinema* - Cinemateca de Curitiba. Publicou diversas crônicas e artigos. Teve coluna semanal TVENDO no Diário Popular. No teatro, produziu *O que Virá Depois* e *Júlia na Janela*. Publicou diversos livros.

UBIRATAN LUSTOSA

Natural de Curitiba. Radialista, foi locutor e Diretor da Rádio Marumby e da Rádio Clube Paranaense. Também trabalhou na Rádio Paraná Educativa – hoje Rádio É Paraná –, além de outras, por curtos períodos. Graduado em Direito pela UFPR. Teatrólogo. Compositor. Poeta, contista e cronista. Autor de vários livros. Destaca-se por suas obras sobre a história do rádio no Paraná. Um dos fundadores da União Brasileira de Trovadores – Seção Curitiba. Membro do Centro de Letras do Paraná.

VALÉRIA BORGES DA SILVEIRA

Formação em Administração e Credenciamento em Jornalismo. Especializações: Direito e Gestão Empresarial; Gestão, Orientação e Supervisão Escolar; Gestão Cultural; Gestão de Eventos; e Gestão em Projetos Turísticos. Atuações: Itaipu Binacional (1992/94); Fiep (1995/99); Diretora/Coordenadora Faculdades do Paraná (1999/08); Diretora de

Turismo da Lapa (2005/06); e Secretária de Cultura e Turismo da Lapa (2009/12). Escritora, Poetisa e Palestrante. Coordenadora da UtiL– Universidade Terceira Idade da Lapa. Diretora da Santa Bárbara Produções (desde 2013). Presidente da Associação Literária Lapeana. Diretora Cultura da ACCUR. Diretora Cultura e Educação da BPW Curitiba. Membro do Instituto Histórico e Cultural da Lapa, Instituto Borges da Silveira, Centro de Letras Paraná, Academia Paranaense da Poesia, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Academia Feminina de Letras do Paraná e Academia de Letras e Artes de Pato Branco. Tem livros publicados e participação em diversas coletâneas.

VÂNIA MARIA SOUZA ENNES

Nasceu em Curitiba. Graduiu-se nas Faculdades de Administração de Empresas, com habilitação em Comércio Exterior, e na Faculdade de Direito Estácio de Sá, em Curitiba. Concluiu pós-graduação da língua francesa no Collège International de Cannes, Établissement D'Enseignement Supérieur Privé, na França. Possui dez livros publicados e mais três em andamento. Grã-mestra da Soberana Ordem do Sapo do Brasil. Diretora de Sede do Centro de Letras do Paraná. Membro do Conselho Fiscal da União Brasileira de Trovadores, da qual foi Presidente da Seção de Curitiba e Estadual do Paraná. Membro da Academia Feminina de Letras do Paraná, da Academia Paranaense da Poesia e diversas outras instituições.

ZÉLIA SELL (Zélia Maria Nascimento Sell)

Jornalista e pesquisadora de Curitiba. Coursou Magistério no Colégio Sion e Jornalismo na UFPR. Pós-graduou-se em Administração na PUC/PR. Fala inglês e francês fluentemente. Por 14 anos produziu e apresentou o programa Nossa história, na rádio Educativa do Paraná, o que lhe valeu diversos prêmios. Produz textos de pesquisa histórica e crônicas. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Centro de Letras do Paraná.

ZULEIMA MAGALDI (Zuleima Guerreiro Magaldi)

Especialista no Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas. Especialista em Educação e no Ensino de Língua Inglesa, com proficiência pela London University, Inglaterra, The King's English School, Inglaterra, e Universidade de Michigan, USA. Residiu, por vários anos, na Ásia e Europa. Há mais de 25 anos dedica-se ao ensino de língua inglesa e língua portuguesa para brasileiros e estrangeiros no Brasil e no exterior. Escritora e palestrante. Autora do livro *O Céu de Nuvem Lilás*. Seus textos também integram diversos livros e revistas literárias. Membro do Centro de Letras do Paraná e de outras instituições culturais de Curitiba. Presidiu a Academia Feminina de Letras do Paraná até março de 2020.

SINOPSE

“Os Quatro Elementos” reúne crônicas sobre Água, Terra, Fogo e Ar, os quatro elementos clássicos ligados à natureza, à vida e à filosofia. Reunindo textos de 60 membros do Centro de Letras do Paraná, as crônicas foram criadas escritas durante o angustiante período da pandemia de Covid-19.

O AUTOR

O Centro de Letras do Paraná, fundado em 1912, promove e divulga a literatura e os escritores do Paraná através de várias atividades desenvolvidas em torno do livro. Mantém acervo com mais de 20 mil obras de autores paranaenses e a Revista do CLP.

